

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 5 | JULHO 2023

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir



JULHO 2023

N.º 5

EDITORIAL

3 Analita Alves do Santos
Diana Almeida

PER FICTA, RESISTERE

- 6** O MENINO CEGO QUE SONHAVA COM O ARCO-ÍRIS
João Melo
- 12** OS ANJOS NÃO DESCEM À TERRA
Alexandra Duarte
- 16** A CARTA
Carla Carmona
- 20** O SONHO DE DEUS
Carmo Marques
- 24** A TRISTE RAINHA
Carolina Carvalho de Sousa
- 28** UMA CARTA DE PALAVRAS LEVES
Cláudia Passarinho
- 32** SILÊNCIOS
Isabel Gil
- 36** A OUTRA VERSÃO
Manuela Vieira
- 40** MISSÃO INTRIGANTE
Maria José Bruno
- 44** LIVRE
Nuno Gonçalves
- 48** ACERTO DE VIDAS
Paula Campos

DA PALAVRA À FORÇA

- 80** O QUE EU (NAO) QUERO
Júlia Domingues
- 82** TOGETHER FOREVER
Ana Pinheiro
- 84** OS PORQUÊS SEM RESPOSTA
Isa Bento
- 86** LER PARA SABER DIZER NÃO
Margarida Constantino

BESTIÁRIO ARDILOSO

100 O DIÁLOGO DA SERPENTE
Porventura Correia

IN METU,
VERITAS
52 IMORTAL

Liliana Duarte Pereira

53 CAMPO SANTO
Maria Varanda

54 O LAGO ONDE PASSAMOS O VERÃO
Marisa Fontinha

55 VERMELHO REQUINTE
Rita Santos

PÉS
DE PETIZ
57 A CANETA PREGUIÇOSA
Ondina Gaspar

60 NEM SEMPRE SE GANHA, NEM SEMPRE SE PERDE
Teresa Dangerfield

SALTANDO DO PARENTESES
74 SINGULARIDADES DE UMA BOLA DE SABÃO
Analita Alves dos Santos

76 TRÊS LETRAS
Inês Pinto

78 DOS OVOS
Patrícia Lameida

GAVETA CRIATIVA
88 A FALTA
David Roque

CRÓNICA DO VIAJANTE
94 MESTRES DA RENUNCIADA
João Ventura

SENTENTIA
102 PREFERIA QUE NÃO ME FALTASSEM ÀS PALAVRAS QUANDO PRECISO DELAS
Lénia Rufino

PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

6 ANA BÁRBARA PEDROSA

RESISTENTIA POÉTICA

63 CENÁRIO
Ronaldo Cagiano

64 SERÁ
Ana Costa

65 PREFERIA QUE NÃO
Ana Ribeiro

66 GAVETA DOS SONHOS
Ana Silva

67 SEM TÍTULO
António C. Guerreiro

68 A RECUSA DO HÁBITO
Daniela Rosa

69 A TÚNICA
José Mendes

70 ÚLTIMO FÔLEGO
Lúcia Mendes

71 INEGAVELMENTE
Margarida Correia

72 DESBASTANDO O POEMA
Maria Luísa

73 NAUFRAGO
Maria Silvéria Mártires

LÍNGUA MÁTRIA
90 A LÍNGUA PORTUGUESA E A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA
Marco Neves

PALAVRA DE LEITOR

96 BARTLEBY DE HERMAN MELVILLE
Helena Cruz Ventura

98 TEMPORADA DE FURACOES
Mário Rufino

A BIBLIOTERAPEUTA SUGERE

104 MANDAR TUDO À FAVA
Sandra Barão Nobre

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Costa, Carmo Marques, David Roque e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprazerdaescrita.com | Estatuto editorial | ©2023 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados.

Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, exceto quando a pedido específico do autor.

PREFIRO QUE NÃO

Analita Alves dos Santos

O mote para esta edição da «PALAVRAR – ler e escrever é resistir» é um convite à reflexão sobre o poder subjacente às palavras «preferia que não», proferidas por Bartleby, O Escrivão, de Herman Melville.

Estes três simples vocábulos, assim irmanados, encerram uma multiplicidade de significados. Representam uma resistência consciente e a escolha deliberada de negar. Na literatura, na vida.

Numa época em que somos pressionados a concordar mais do que desejamos (por vezes, de forma subliminar), esta edição pretende ser um manifesto da recusa. Dizer «não» poderá ser a escolha mais significativa e acertada que fará um dia. «Preferia que não» é uma declaração de independência, um ato de preservação da identidade e uma manifestação de resistência, face às imposições sociais. É o lugar de fala que nos pertence. Na nossa PALAVRAR, esta frase originou diversas interpretações, narrativas surpreendentes, personagens memoráveis e reflexões profundas acerca da natureza humana.

Convidamos os leitores a explorar as diversas facetas deste «preferia que não», através de contos, crónicas, poesia e outras histórias, nas páginas e linhas que se seguem. Um verdadeiro abraço ao espírito de negação com outras perspetivas que desafiam a narrativa predominante.

Possa este «preferia que não» ser o ponto de partida para uma nova jornada criativa, uma afirmação do direito à escolha e forma de expressar a sua (e a nossa) voz, no meio do tumulto do mundo.

Diana Almeida

A literatura como inspiração para a vida (intelectual e prática) não é uma novidade. Todos guardamos no subconsciente citações, enredos e reviravoltas que encontrámos nos livros consumidos. São estes que, sedimentados ao lado de provérbios e ensinamentos maternos, nos guiam pelo dia-a-dia.

Esta reunião do saber é responsável por muito do que somos e por tantas decisões subconscientes que, por serem tão frequentes, têm peso no que vivemos e em como o fazemos.

Com esta certeza em mente, sabendo que o que foi escrito antes de nós também nos inspira a escrever, procurámos, entre os grandes antecessores, o mote para este número da revista «PALAVRAR — ler e escrever é resistir».

«Preferia que não», expressão imortalizada por Herman Melville, com Bartleby, foi o mote selecionado. Serão óbvias as conclusões associadas numa perspetiva de identidade, e postura perante a vida. No entanto, o momento pareceu-nos especialmente adequado, tendo em conta a presente onda social pós-pandémica, que questiona as fronteiras herdadas entre trabalho e vida pessoal. Este foi o lema para o presente número, mas a originalidade e identidade de cada escritor é mérito dos respetivos intervenientes.

Por fim, na celebração do nosso terceiro aniversário, resta-me agradecer-lhe, caro leitor, por descobrir a cada número os bravos que preenchem as nossas páginas. Muito obrigada.

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

ANA BÁRBARA PEDROSA



Ana Bárbara Pedrosa é autora dos romances *Lisboa, chão sagrado* (2019), *Palavra do Senhor* (2021) e *Amor Estragado* (2023), com chancela Bertrand Editora. Escreve textos para vários órgãos de imprensa com regularidade e assina uma crónica no jornal *Mensagem de Lisboa*. É doutorada em Ciências Humanas, mestre em Estudos Portugueses, pós-graduada em Linguística e em Economia e Políticas Públicas e licenciada em Línguas Aplicadas. Viveu e estudou em Portugal, no Brasil e nos Estados Unidos. Para além de romancista e cronista, é linguista e crítica literária. Nos tempos livres, viaja, estuda línguas e faz jiu-jitsu e scuba diving.

1 | Qual o principal aspeto da sua personalidade?

Viver algures entre o passado e o futuro, quase sem tocar no presente.

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

Sentido de humor e abdominais definidos.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

Sentido de humor e abdominais definidos.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

A discreta desfaçatez com que fingem que se interessam quando falo de escrita.

5 | Qual é o seu principal defeito?

A mania de torturar os amigos com pormenores sobre a escrita.

6 | Qual seu passatempo favorito?

Ver futebol no estádio. Ler e viajar não contam.

7 | Qual sua noção de felicidade?

Um prato cheio de sashimi.

8 | Qual sua noção de infelicidade?

Ver, mais uma vez, uma após a outra, tal como é costume, invariavelmente, o Futebol Clube de Vizela a ser roubado em campo, sendo por isso afastado da Champions.

9 | Se você não fosse você mesmo, quem seria?

Talvez outra pessoa.

10 | Onde gostaria de morar?

Numa rua a dois passos da minha, com um churrasco. Uma piscina também seria boa ideia. E o triplo das divisões.

11 | Qual é a sua cor favorita?

Depende da coisa. Para relva, verde. Para cabelo, não.

12 | Qual o seu escritor favorito?

Os que tenho nas prateleiras da sala.

13 | Qual o seu poeta favorito?

Os que tenho nas prateleiras do quarto.

14 | Qual o seu herói favorito na ficção?

Não sendo uma muggle, claro que é o Harry Potter.

15 | Qual a sua heroína favorita na ficção?

Não sendo uma muggle, claro que é a Hermione Granger.

16 | Quais os seus pintores e compositores favoritos?

Chagall e Schubert.

17 | Quais os seus heróis na vida real?

A costureira da minha rua, que já me salvou várias camisas.

18 | Qual a sua figura feminina favorita na história?

A minha mãe.

19 | Quais os seus nomes favoritos?

Maria, Mariana, Miriam, David, Tomás Pedro, Francisco, Eduardo.

20 | O que você mais odeia?

Cebolas.

21 | Quais as figuras históricas que você mais odeia?

Os inventores das cebolas.

22 | Qual o evento militar que você mais admira?

Nenhum.

23 | Qual o talento natural que você gostaria de ter?

O talento natural é só uma centelha. Não há nada senão a escrita que me fizesse querer aprender a fazer fogo a partir daí.

24 | Como você gostaria de morrer?

Daqui a muito tempo, saudável, mas com idade para ser cadáver, numa chuva de meteoritos, numa das minhas muitas idas ao espaço.

25 | Qual é seu estado mental atual?

Estou bem, obrigada.

26 | Por qual defeito você tem menos tolerância?

A simpatia forçada.

27 | Qual seu lema favorito?

Sem dúvida alguma, este, que me guia todos os dias: Мен эч нерсеге ураан менен ишим жок¹.

¹ "Não tenho nada a ver com slogans"

PER FICTA, RESISTERE

O MENINO CEGO QUE SONHAVA, COM O ARCO-ÍRIS

JOÃO
MELO

Uyela nasceu com um problema estranho: não conseguia ver nada, mas era capaz de identificar o arco-íris, sempre que este surgisse no horizonte, magnífico, extraordinário e mágico. Ele punha-se então a pensar nas mil maneiras de pintar todas as coisas com aquelas sete cores deslumbrantes que – diz-se – todo o arco-íris encerra e espalha pelos céus da terra inteira, desde a pequena aldeia onde ele nascera e vivia até lugares que jamais conheceria, nem sabia se existiam ou não, mas algo dentro dele lhe murmurava que, sem qualquer dúvida, poderiam ser encontrados, caso fossem procurados com o espírito aberto. Não duvidemos do poder das palavras e, sobretudo, não nos deixemos ludibriar pelos paradoxos ou trocadilhos que criamos com elas. A cegueira de Uyela era total, absoluta, irremediável. Manifestara-se desde o primeiro instante em que Uyela saíra das entranhas da sua mãe e lançou ao mundo o seu grito inicial, encarado, como é por todos habitual em tal circunstância, como uma simples prova de vida, mas que

«Desde a pequena aldeia onde ele nascera e vivia até lugares que jamais conheceria, nem sabia se existiam ou não, mas algo dentro dele lhe murmurava que, sem qualquer dúvida, poderiam ser encontrados, caso fossem procurados com o espírito aberto.»

os mais sábios sabem ser uma declaração de princípios, identificando, através da apreciação das suas diferentes modulações, se o recém-nascido será um guerreiro ou alguém destinado a uma existência sombria e infeliz. Uyela, pela potência e as variações melódicas do seu primeiro grito, seria um guerreiro.

Os que assistiram ao seu nascimento observaram, entre-

tanto, cessado o impacto do berro com que ele cumprimentara o mundo, que Uyela não movimentava os olhos, pelo contrário, mantinha-os fixos num ponto qualquer do quarto. Além disso, os seus dois olhos eram grandes e brancos e pareciam estar sempre abertos, mas era como se estivessem não só vazios, mas parados, quietos, totalmente inúteis. Quando repararam nesse perverso e inquietante detalhe, os presentes puseram-se a chamar o recém-nascido posicionando-se em pontos aleatórios do quarto, para ver se Uyela movimentava os olhos procurando a origem de cada som. Nada. Alguns aproximaram-se do menino e fizeram passear os seus dedos diante dos olhos dele, tentando descobrir se estes acompanhavam o movimento daqueles. O resultado foi, de igual modo, frustrante e perturbador. Outros resolveram lavar delicadamente os olhos do menino com água morna, fervida antes com várias e poderosas ervas, cujos nomes só eles conheciam. O efeito foi nulo. Uyela era, por conseguinte, cego.

Na aldeia onde o menino Uyela nascera, isso não era um problema. Todos os membros da comunidade sabiam, ao nascer, o que representavam palavras como empatia, solidariedade, entreajuda e outras tão generosas como essas, que os homens têm inventado – e, esperemos, continuarão a inventar – ao longo dos tempos para expressar e, ao mesmo tempo, desafiar o seu lado justo e bom. Para ser mais preciso e rigoroso, nenhum deles perguntava, quando nascia, o que significavam tais palavras: estas já os aguardavam, amorosas, no ambiente geral constituído pela comunidade e a natureza; portanto, viver com elas e, mais do que isso, praticá-las até que cada um partisse deste mundo e se transformasse em espírito era como respirar, comer ou amar, pelo que ninguém tinha necessidade de vangloriar-se e, pior ainda, procurar tirar disso qualquer vantagem, legítima ou espúria.

Todos já sabiam o que fazer, portanto, quando constataram que o menino Uyela era cego. As mulheres ofereceram-se para ajudar a mãe dele a preparar com o máximo de cuidado e desvelo a casa onde ele viveria, arrumando de modo

«Na aldeia onde o menino Uyela nascera, isso não era um problema. Todos os membros da comunidade sabiam, ao nascer, o que representavam palavras como empatia, solidariedade, entreajuda e outras tão generosas como essas, que os homens têm inventado – e, esperemos, continuarão a inventar – ao longo dos tempos para expressar e, ao mesmo tempo, desafiar o seu lado justo e bom.»

adequado os parclos móveis e demais utensílios, para que, dentro dela, houvesse caminhos bastantes e seguros para Uyela se movimentar sem quaisquer constrangimentos. Os homens decidiram partilhar, todos os dias, o resultado das suas caçadas com o pai do menino, pois o mesmo teria de ficar um longo e indeterminado período sem sair para caçar, a fim de, juntamente com a esposa, auxiliar Uyela não só a identificar os caminhos internos da casa, mas também a, quando necessário, sair à vontade pelos carreiros da aldeia, ir até à beira do rio, apreciar o perfume das montanhas distantes, ouvir o canto dos pássaros e aprender a comunicar-se com eles. Ele era o primeiro filho dos seus pais e, portanto, não tinha irmãos. As outras crianças da aldeia resolveram, assim, passar a visitá-lo todos os dias, sem se esque-

cerem um dia sequer, a fim de brincar com ele e ajudá-lo a descobrir o mundo. Uyela nunca soube, portanto, o que significava ser cego. Um dia, um facto extraordinário aconteceu. Uyela estava com a mãe na beira do rio, onde ela costumava lavar a roupa regularmente. Tinha acabado de chover e o sol começava a irromper atrás das montanhas, ocupando todo o céu, que de novo se ia tornando azul. De repente, o menino começou a gritar, a saltar de felicidade, a rir como se fosse a primeira vez que via o mundo e todas as suas coisas, formas e cores. A mãe, que estava de cócoras esfregando umas peças de roupa sobre umas pedras polidas pela água durante séculos ou milénios, talvez, olhou para trás e, ao mesmo tempo, deu um salto até onde estava Uyela, tremendo, apontando para o céu e rindo de felicidade. Teriam os espíritos furtado, vil e sub-repticiamente, o juízo do seu único filho, o que nascera com os olhos furados? Que mal teria ela feito para que fosse castigada dessa maneira?

O seu espanto tinha plena razão de ser. Uyela tinha visto pela primeira vez o arco-íris. Ele nascia lá longe, no fundo do céu, para onde ele apontava como que extasiado; subia, depois, riscando o céu como no poema de Viriato; e, por fim, descia, fazendo uma curva que completava uma abóbada perfeita. A mãe do menino Uyela pensou que ia desmaiar. Quando o filho nomeou, sem cometer nenhum lapso, as sete cores deslumbrantes do arco-íris, ergueu-o e apertou-o contra o peito com toda a força que tinha. Começou a chorar convulsivamente, enquanto corria para a aldeia, com Uyela nos braços, para dar a boa nova.

Aquele caso era muito estranho. Com efeito, Uyela tinha visto o arco-íris (ninguém o duvidava, pela descrição perfeita que o mesmo fizera, quer da forma quer da composição cromática desse fenómeno; aliás, a estação era propícia

«O seu espanto tinha plena razão de ser. Uyela tinha visto pela primeira vez o arco-íris. Ele nascia lá longe, no fundo do céu, para onde ele apontava como que extasiado; subia, depois, riscando o céu como no poema de Viriato»

ao surgimento de arcos-íris...), mas continuava cego, como se havia comprovado depois da sua mãe ter contado a toda a aldeia o sucedido. Os olhos dele continuavam parados, como se não existissem. Eram, pois, tão inúteis como mostraram ser, sem qualquer disfarce, no dia em que o menino nascera.

Foram requisitados os feiticeiros da aldeia para determinar o que estava a acontecer. Eles reuniram-se durante um mês, quatro vezes mais, exatamente, do que o tempo habitual para analisar casos de poderes excepcionais, o que, segundo eles, era explicável pelo facto de os poderes de Uyela não serem apenas excepcionais: eram desconhecidos. Toda a sabedoria e todo o tempo, portanto, seriam imprescindíveis, para poder esclarecer aquela maka.

O menino, obrigado a permanecer com os feiticeiros durante todo o tempo em que o seu caso esteve em investigação, foi sujeito a exames e tratamentos que não podem ser descritos, pois pertencem a uma ordem de conhecimento exclusiva. Foram também necessárias horas e horas de discussões entre os feiticeiros, sem a presença de qualquer estranho. Os pais do menino Uyela tiveram de permanecer fechados e isolados em casa, durante um mês, sem quaisquer contactos com os restantes membros da aldeia.

Um mês depois, os feiticeiros convocaram os pais de Uyela e toda a aldeia. O seu porta-voz limitou-se a dizer:

— Não há problema nenhum!

Aquilo nunca se tinha visto. Os pais do menino Uyela entreolharam-se, sem compreender. Os restantes membros da aldeia começaram a murmurar, cada vez mais alto, mas ninguém percebia o que diziam. As crianças desataram a rir descoordenadamente. Indiferentes a toda a confusão, os feiticeiros foram-se embora, com ar sério e grave.

Desde esse dia, Uyela começou, todas as noites, quando todos já se haviam recolhido, a fazer perguntas inexplicáveis aos seus pais. Das setes cores do arco-íris, qual seria a mais bela? A mais extravagante? A mais importante? A mais poderosa? A mais valiosa? Os pais não sabiam o que lhe responder. Limitavam-se a olhar um

**«Aquilo nunca se tinha visto.
Os pais do menino Uyela entreolharam-se,
sem compreender.
Os restantes membros da aldeia começaram a murmurar,
cada vez mais alto,
mas ninguém percebia o que diziam.
As crianças desataram a rir descoordenadamente.
Indiferentes a toda a confusão, os feiticeiros foram-se embora,
com ar sério e grave.»**

para o outro, com o coração cada vez mais triste e pesado, sempre que o filho lhes fazia aquelas perguntas, que na verdade eles, que sempre tinham visto arco-íris desde que haviam nascido, consideravam desnecessárias.

Na aldeia, ninguém sabia — nem era aconselhável saber — o teor das conversas que Uyela tinha com os seus pais, todas as noites, sobre as cores do arco-íris. A vida prosseguiu, pois, na sua costumeira e aparente normalidade. O mistério do menino cego que era capaz de ver o arco-íris deixou de sê-lo, convertendo-se num facto corriqueiro, como o dia que se sucedia à noite ou ao sol que sempre aparecia após a chuva. Ninguém mais o mencionou.

Uma noite, Uyela teve um pesadelo, acordando aos berros e completamente desfeito em lágrimas. As sete cores do arco-íris tinham entrado em guerra umas com as outras. Foi o que ele disse aos pais, que tinham acorrido à esteira onde ele dormia, em pânico por causa do choro do filho.

— Cada uma delas queria ser a mais bela, a mais poderosa, a mais importante e, por isso, começaram a pelejar de maneira violenta e brutal! — acrescentou Uyela. — No início, algumas delas mantiveram-se em silêncio, preferindo ficar à parte, mas acabaram envolvidas na discussão. A discussão transformou-se numa série de acusações mútuas, cada vez mais incompreensíveis. Eu só lograva entender palavras soltas, como "branco", "preto", "azul", "cor-de-rosa", "escuro", "claro", "supremacismo", "identidade", "autenticidade", mas não cheguei a entender por que motivo estavam elas a discutir e a destruir-se umas às outras. Até que o arco-íris começou a desaparecer, a desaparecer, a desaparecer...

Perante o ar atônito dos pais, Uyela desabou. Jogando-se no colo da mãe, disse:
— Mamã! Papá! O arco-íris morreu... O arco-íris morreu... Eu não consigo mais ver o arco-íris!...

Os pais de Uyela perguntavam-se que filho era quele que os espíritos lhes haviam enviado. Pergunta injusta, essa. Cabe-nos a nós perdoá-los, pois eles, ao contrário dos feiticeiros da aldeia, não eram sábios.

Uyela acrescentou, mais enigmaticamente ainda:
— Pensando bem, é melhor assim! O mundo, se desprovido da sua multiplicidade cromática, talvez seja mais justo... sejamos todos, portanto, translúcidos! Se o formos, não teremos mais, estou certo disso, motivos para nos guerrearmos uns aos outros. O pecado original da humanidade será resolvido de maneira radical e exemplar, pois os homens deixarão de ser diferenciados por causa da sua cor e, assim, também não precisarão de se autodiferenciar pela mesma razão...

Os pais dele exclamaram:

— O nosso filho quer ser cego de verdade!... Lembraram-se ambos das palavras que o porta-voz dos feiticeiros não tinha chegado a dizer, por considerá-las desnecessárias. Eram palavras breves, suscetíveis, talvez, de ser consideradas insuportáveis, mas de uma profundidade que calou fundo no coração do menino:

— Um mundo translúcido não é necessariamente um mundo mais humano. A transparência absoluta pode ser obscena, suja e fraturante. Assim como a diversidade não depende da igualdade, é seu fator, a igualdade não é apenas coexistência nos mesmos termos: carece de convivência, ou seja, vida em comum. As cores que compõem o arco-íris não se confundem, mas também não se hierarquizam e muito menos apartam. Na realidade, podem assumir de forma livre e voluntária várias tonalidades. O modo como apreciamos essas tonalidades depende do olhar de cada um e, sobretudo, do pulsar do seu coração.

Uyela agradeceu aquelas palavras sábias, que lhe foram transmitidas pelos pais.

— Amanhã, cego ou não, verei outra vez o mundo e todas as suas cores! — disse.



PER FICTA, RESISTERE

OS ANJOS NÃO DESCDEM À TERRA

ALEXANDRA
DUARTE

O primeiro corpo que viu foi o da mulher. Vestia pijama e encontrava-se de barriga para baixo, no chão da cozinha. Sobre o rosto, virado para o lado, pendia um enlameado de cabelo ensanguentado e pegajoso. Na parte de trás da cabeça era visível a marca profunda deixada pelo embate do objecto que lhe causara a morte. Ainda em choque e quase incapaz de se mover, Alex vislumbrou, por detrás da bancada, um pé descalço. Outro corpo... seria? Aproximou-se. Era ele. O amante da companheira merecera a mesma sorte. Envolto num charco de sangue, jazia com o rosto desfigurado pela raiva com que lhe teriam batido. Vestia apenas um roupão branco que perdera a alvura para dar lugar a um vermelho escurecido.

Não era o que esperava encontrar ao voltar mais cedo para casa. Surpreendê-los, sim. Encurtara a viagem de propósito com o intuito de confrontar a mulher e o amante, aquele que ela julgava secreto. Dar-lhes o mesmo destino também já lhe passara pela cabeça e iniciara até o planeamento necessário.

«Davi olhou de novo para o relógio e acabou por ir embora. Alex permaneceu quieto, assustado, durante o que lhe pareceram longos minutos. Por fim, como se se libertasse de um torpor, levantou-se e tentou apanhar o irmão.»

No entanto, não esperava que alguém lhe tivesse lido os pensamentos e poupado o esforço. Sim, porque matar duas pessoas requer força e energia, sobretudo quando se usam os próprios braços e um taco de beisebol. O seu taco de beisebol!

A repulsa em face do que via trouxe-lhe, contudo, um súbito instante de clareza — como pudera alguma vez pensar ser capaz de cometer tal acto? Sentia-se indisposto e perturbado. Fugiu, em pânico. Saiu de casa e correu

desgovernado, ante o olhar curioso de um ou dois passantes. Nem lhe ocorreu chamar a polícia. Seria como entrar na cela pelo próprio pé, trancá-la e entregar a chave aos agentes. Nenhum outro homem, ou mulher, já agora, vestiria o papel de suspeito de modo tão irrepreensível. Alguns minutos depois parou para recuperar o fôlego e pensar no que fazer. Diabos, se era para assassiná-los, tivessem-no feito noutro lugar. Sempre afastava um pouco as suspeitas de si. Aliás, por que raios pensara em voltar mais cedo? Para os apanhar em flagrante, claro está. Mas entendia que se se tivesse mantido fiel à data de regresso, teria o álibi perfeito para o crime que, afinal, não cometera.

Ainda desorientado e enredado nos pensamentos foi, de súbito, acometido por um terror profundo que, parecendo brotar da natureza mais íntima do ser, o envolveu completamente — como se a pele, os músculos, os ossos, todos eles fossem feitos de alguma estranha substância, obscura e cruel. A razão encontrava-se alguns metros atrás de si. Escondido atrás de uma árvore, um vulto parecia observá-lo; talvez fosse da aflição que o assaltava ou da sombra proporcionada pela folhagem, mas não lhe conseguia distinguir traços, nem formas que se assemelhassem a gente. Pensou estar com alucinações, talvez ainda devido ao choque. Decidiu telefonar ao irmão.

— Estou Davi, sou eu.

— Olá, então, já voltaste?

— Sim...epá, não imaginas...

— Então, não me digas que os apanhaste? Mas... lá em casa? A sério, ela levou-o para lá?

— Apanhei-os, pois, mas não como imaginei. Ó Davi, eles estão mortos, mortos, pá, cobertos de sangue, no chão da minha cozinha!

— Alex! O que é que tu fizeste homem? Tu...

— Estás doido, não fui eu, quando cheguei já estavam mortos!

— O quê? Mas como? Quem é que poderia... olha lá, liga à polícia, já ligaste?

— Não, de maneira nenhuma, se até tu pensaste logo o pior, imagina os tipos, nunca vão acreditar em mim. Ouve, eles foram mortos com o meu taco de beisebol! O meu! Estava lá no chão, cheio de sangue e cabelos e sei lá mais o

quê! Ainda por cima, aquele sacana com quem ela me traiu também era polícia. Nunca mais via a luz do dia. Não, não, nada de polícia; acho que preciso de me esconder até saber o que hei-de fazer.

— Epá, e vais para onde? Espera, o meu apartamento de solteiro continua vazio. Vais para lá, enquanto eu tento saber o que se passa, ok?

— Sim, sim, não é má ideia; mas preciso da chave.

— Tudo bem, vai ter ao bar ao fundo da tua rua, onde costumamos ir, pode ser? Eu já lá passo.

— Ok, eu vou. Ouve, desta vez estou mesmo assustado...

— Eu sei, mas tem calma, estou a ir, já falamos. Alex entrou no bar e sentou-se a um canto. Passado algum tempo, como não o atendesse, fez sinal ao empregado, que pareceu não o ver. Àquela hora havia bastante movimento e a luz ambiente era fraca. Sem problema, pensou, tinha tempo. Cerca de vinte minutos depois viu o irmão entrar. Fez-lhe sinal, mas Davi não o viu. Consultou o relógio e encostou-se ao balcão. Alex estava prestes a levantar-se para ir com ele quando, de novo, o mesmo terror o dominou. A menos de um metro de Davi, também encostado ao balcão, estava o vulto que o perseguia. O homem, quem quer que fosse, não desistia. Quem era ele? Tê-lo-ia visto a fugir de casa, a correr como um cobarde assassino? Tentou chamar a atenção do irmão, mas os nervos sabotaram-lhe a voz e tolheram-lhe o corpo. Davi olhou de novo para o relógio e acabou por ir embora. Alex permaneceu quieto, assustado, durante o que lhe pareceram longos minutos. Por fim, como se se libertasse de um torpor, levantou-se e tentou apanhar o irmão.

Nesse instante passaram, velozes, dois carros de polícia com a sirene ligada. As cabeças no interior do bar viraram-se para as janelas. Os transeuntes pararam e seguiram, com o olhar, o azul intermitente e ruidoso que invadira a rua. Alex notou que os veículos seguiam na direção da sua casa. Teriam encontrado os corpos? Decerto fora já dado o alerta. Pensou caminhar, prudente, em sentido contrário. Mas não foi capaz, tinha de ver o que ia acontecer, ficar na ignorância não serviria de nada. Deslocou-se

então, inquieto, mas com aparente calma, ao longo da calçada no lado oposto à sua casa. Era uma rua larga, de duas faixas, ladeadas por passeios donde irrompiam árvores e flores em intervalos regulares oferecendo, ainda, espaço para caminhar. Em paralelo, havia pequenas moradias, com pequenos jardins. Seguiu discreto, contando com a proteção das árvores. Não que precisasse dela, os olhares estavam concentrados no alarde trazido pelas forças da autoridade. Os polícias, que já delimitavam o perímetro junto à moradia de Alex, afastavam uma pequena e intrometida multidão. Procurou abrigo atrás de um avultado tronco que, embora o escondesse, não lhe toldava a visão. O trânsito estava interrompido. As ambulâncias chegaram e entraram com as macas. Os polícias seguiam com o seu trabalho, arredavam umas pessoas, tentavam interpelar outras, falavam ao telefone e apontavam em várias direções.

Chegou, depois, um veículo descaracterizado. Parecia ser o inspector, talvez o responsável pelo caso. O homem saiu do lugar do condutor e bateu com a porta. Olhou em volta. Observou a casa, a multidão que teimava em não se afastar, e vislumbrou ainda o outro lado da estrada. Contemplou a árvore detrás da qual Alex se abrigava e, por momentos, pareceu olhar diretamente para ele, que num ímpeto estremeceu e deu um passo atrás, quase perdendo o equilíbrio. Não! Não era possível, não podia ser. Do outro lado estava o amante da mulher!

Não havia dúvidas, o homem não podia estar mais vivo. O cérebro tentava, inutilmente, encontrar uma justificação. Será que ela tinha outro? Outro? Não bastava traí-lo com um homem apenas? Talvez o novo colega de trabalho, sempre tão prestável? Apertou a cabeça entre as mãos, como se estivesse prestes a explodir. Fechou os olhos e encostou a cabeça à árvore. Permaneceu assim algum tempo, até que o

burburinho entre a multidão aumentou e colheu a sua atenção. Os paramédicos saíram de casa, empurrando as macas com os corpos. Assistia-se a um desfile solene — as pequenas rodas das camas portáteis, que transportavam os cadáveres fechados nos sacos, insinuavam-se num ritmo escoltado pelos passos dos maqueiros; os polícias gesticulavam e, nos seus movimentos, tudo parecia seguir uma ordem. Alex sentia-se zonzo e julgava observar a cena em câmara lenta. Até que a imagem parou, como se estivesse a ver um filme antigo e a película, a rodar na bobine, tivesse ficado presa naquele exacto fotograma. As rodas estacaram, os maqueiros também; os polícias não se mexeram e a multidão não mais falou.

Alex sentia-se dormente e estava convencido de que enlouquecera de vez. Junto à maca que transportava o primeiro corpo começou a surgir uma forma, densa e sombria, que não era forma de gente. O vulto abriu o fecho do saco, mostrando o rosto ensanguentado e o roupão manchado por um vermelho escurecido. Aos poucos, a face maculada do falecido, foi-se tornando mais limpa, mais nítida, até não haver qualquer vestígio de sangue. Horrorizado, Alex contemplava, agora, o próprio cadáver!

Não compreendia como podia estar morto. Afinal, morto que está morto deveria saber disso, sobretudo se tiver sido assassinado; mas Alex não tinha memória alguma do que poderia ter acontecido.

Naquele instante, desejou que algum anjo pousasse no seu ombro e lhe dissesse que estava tudo bem; era tão só um pesadelo e continuava vivo. Pressentiu, no entanto, que seria um demónio a ter o prazer de lhe afirmar o contrário.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

«Alex sentia-se
dormente e estava
convencido de que
enlouquecera de vez.»



PER FICTA, RESISTERE

A CARTA

CARLA
CARMONA

Metro sobrelotado, pessoas redesignadas e sós. O dia começara como qualquer outro.

Pelas onze horas o telemóvel toca, atendo e, após desligar, o meu primeiro pensamento é: Que chatice, tenho tanto trabalho.

Organizo a minha secretária e saio do escritório.

Em casa, preparam um pequeno saco de viagem. Só vou ficar dois dias, não posso desperdiçar mais.

Três horas depois, estaciono à porta da casa de família.

Ao entrar, sou cumprimentado pela Joana, a enfermeira que nos últimos anos cuidou do meu avô.

— Os meus sentimentos.

— Obrigado.

— Por favor vem comigo até à cozinha, preciso falar contigo antes de começarem a chegar pessoas.

A cozinha cheira a café com canela. Era assim que ele gostava.

— O teu avô pediu-me para te entregar esta carta.

Acenando-lhe com a cabeça, pego na carta e subo ao primeiro andar.

Entro no meu quarto, largo o saco de viagem, pouso a carta na cômada e vou para a casa mortuária.

«Com o cerrar da noite, fiquei só. Sentei-me num dos cadeirões, encostando a cabeça para ficar mais confortável.»

Nas terras onde todos se conhecem, os velórios e funerais são eventos sociais a que todos podem assistir. Seriam muitas horas ali passadas. Amigos que se queriam despedir e conhecidos para prestar homenagem.

O tempo e os rostos fundiram-se num murmurar de conversas.

Com o cerrar da noite, fiquei só. Sentei-me num dos cadeirões, encostando a cabeça para ficar mais confortável. Devo ter adormecido, pois, não me lembro de ouvir a porta ou passos.

— Salvador.

As minhas pálpebras sobem e ela está à minha frente.

— Olá, Eunice — respondi.

Sinto a sua mão primeiro e depois, os lábios no meu rosto.

— Os meus sentimentos. Vais passar cá a noite?

— Sim. Porquê esse ar?

— Desculpa. Esqueci-me que, à tua maneira, amavas o teu avô. — As suas palavras ferem-me neste momento de pesar. Não foi intencional, talvez a expressão da sua tristeza.

— À minha maneira?! Porque a minha é errada e a tua correta?

— Não vim aqui para discutir. Já pedi desculpa. Deixa-me ficar contigo, a noite é sempre difícil.

— Faz como quiseres.

Ela ocupa a outra poltrona. Retomo a minha posição, bloqueando a sua presença.

O perfume de jasmim trouxe-me imagens, recordações de momentos bons, ocasiões felizes e de discussões. Tantas. Quando ou porque começavam não sei, mas eram o resultado das nossas conversas. Para as evitar, optava pelo silêncio. Por fim o apartamento e a cama ficaram vazios.

Acordo. O cadeirão ao lado está vazio. Ouço-o outra vez, lá está o galo, o despertador do campo.

Estou a tentar levantar-me, quando Eunice aparece com duas canecas.

— Trouxe café e tenho um pacote de bolachas na minha mala.

— Obrigado. — Aceito a caneca. — As bolachas, dispenso. — Contrapus rabugento.

— Já sabia que ias responder isso. Nunca tiveste tempo para te alimentares bem. Come, são nutritivas e achocolatadas. Aposto que ontem vieste directo e não comeste nada.

Aceitei a bolacha. É tão *inato* estarmos assim. Vinte minutos idos, começam a chegar pessoas e a rotina do trabalho, para aqueles que lidam com a praticabilidade da morte, é habitual, para mim, é nevoeiro.

Igreja, cerimónia, caminho até ao cemitério, mais apertos de mão, condolências e eis-me de frente a uma cova tapada. Oco. E a tristeza? Não devia sentir-me triste?

— Salvador, — sinto o calor da mão dela no braço — posso levar-te a casa. Vamos?

Segui-a até ao carro.

Dez minutos e estamos em casa, a do avô, aquela a que chamei casa antes da nossa.

— Obrigado pela boleia.

«Se há alguém em particular que amas, vai atrás dessa pessoa. De que vale estares sem o teu amor porque tens medo da dor de a perder? E a dor que sentiste nestes últimos tempos, vale a pena? E quando a vires feliz com outra pessoa?»

— Vais ficar uns dias?

— Não, tenho de voltar.

— Claro. O trabalho é o mais importante. — A sua observação é ríspida, magoada como no passado. Decide manter-se em silêncio. Não consegui responder, refutar, saí. Ao entrar em casa ouço o carro arrancar. Caminho até ao fundo do corredor enquanto tiro a gravata e o casaco. Tomo um banho e deito-me.

Malditos galos.

Viro-me e pego no telemóvel, 6h04. *Caramba!* Dormi umas 15 horas. Normalmente chegam-me cinco. Deve ser o efeito do campo.

Levanto-me, tomo banho e desço para a cozinha. Na caixa há pão, no frigorífico manteiga e presunto. Faço café e uma sandes. Como enquanto olho para o quintal da minha infância. Nessa altura, era enorme, o meu reino, brinca-deiras com o meu herói.

Tenho comigo a carta, abro-a:

Meu querido neto,
 Quando leres estas palavras já não pertencerei a este mundo, mas estarei junto dos que amo e há muito partiram.
 Queria apenas dizer-te que te amo e sempre amei. Lamento profundamente que tenhas perdido os teus pais tão cedo. O teu pai, porque assim o quis, tua mãe que nos foi roubada pela maldita leucemia. Não deixes que estas perdas te endureçam, orgulho-me do homem que te tornaste, mas preocupo-me porque te sinto sempre tão sozinho.
 Não desistas dos que amas por medo de os perderes. Assim, antes de os teres, de seres feliz, já os perdeste. Se há alguém em particular que amas, vai atrás dessa pessoa. De que vale estares sem o teu amor porque tens medo da dor de a perder? E a dor que sentiste nestes últimos tempos, vale a pena? E quando a vires feliz com outra pessoa? Para seres amado tens de amar, mesmo a dor da perda não suplanta essa alegria. Arrisca, vive, não te escondas, como tens feito até aqui.
 Com amor, do teu avô."

Não consigo respirar, é como se tudo o que esteve contido jorrasse livre, a dor da perda, a alegria das brincadeiras, das conversas, do carinho do meu avô. Peças de puzzle que se encaixam e mostram a minha vida. Custa-me respirar.

— Salvador, o que aconteceu, o que sentes? Queres que chame alguém, um médico?
 — Água.

Entrega-me um copo com água e tenta perceber o que se passa. Estou pálido, ofegante, se não me conhecesse diria que estou desorientado. Conforme bebo, vou-me acalmando, e assim também ela — Sentes-te melhor? Queres que te leve ao hospital?
 — Que exagero Eunice. Apenas me emocionei.

— Tu? Emocionar?
 — É assim que me vês, sem emoção? Foi por isso que me abandonaste?
 — Acabaste de perder a pessoa mais importante da tua vida, não vamos discutir assuntos que estão encerrados.
 — Tu que sempre discutiste, agora não o queres fazer? Fui um idiota por pensar que me amavas.
 — Cala-te não digas mais nada, se continuares nem a amizade sobrevive.
 — Qual amizade? Deixaste-me e nunca mais me tentaste contactar. Era assim tão mau viver comigo?
 — Estás a sofrer, prefiro não ter esta discussão contigo. — Levanta-te e dirige-te para a porta
 — Não era mau viver contigo, mas no último ano e meio vivi sozinha.
 Impelido pela raiva, corri, coloquei-me entre a porta e ela — Eu estive sempre lá, não sabia o que fazer, estávamos sempre a discutir.
 — Disse-te várias vezes que não te podias focar no trabalho e esqueceres-te de viver comigo.
 — Estava a tentar criar uma vida melhor para nós.
 — Mentira, estavas a criar uma vida melhor para ti e a usar isso como desculpa para te desligares.
 — Tu sabes a minha história, o meu medo — passei os meus dedos pela sua face, pelo pescoço —, lixei tudo.
 — Precisas de fazer o luto.
 Antes de bater a porta, Eunice sussurra: — Podemos beber um café um dia destes.
 Voltei à cozinha, peguei na carta, reli-a. As minhas pernas cederam, sentia-me esmagado, fiquei ali sentado a olhar o jardim.
Tens razão avô, o medo de perder quem amo não me pode impedir de amar.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



PER FICTA, RESISTERE

O SONHO DE DEUS

CARMO
MARQUES

A manhã do novo dia edénico surgiu clara e luminosa, bem ao gosto de Deus. É verdade que também se cansava de tanta morneza e, por isso, criara o frio e o calor extremos. Quando lhe apetecia estar recolhido, permanecia na zona frígida do Éden, envolto numa capa de nuvem bem fofa e quentinha. Quando, por outro lado, desejava ficar esparramado ao sol, mudava-se para a zona quente, caminhava sobre a areia e molhava os pés, por vezes, todo o corpo, num lago, rio ou no mar. Povoara qualquer uma das zonas com flora e fauna diversa, a fim de embelezar o ambiente, garantir a complementaridade vital das espécies e, não menos importante, satisfazer a sua inesgotável criatividade, ou não fosse ele o Criador.

A maior parte dos dias da Criação, cada um deles uma larga fatia de eternidade, passara-a nas regiões temperadas. Nunca calculara quantos dias edénicos, determinados pela chegada e partida do astro sol, cabiam num dia da Criação, pensou, entrançando a longa barba. Questão sem relevância, desvalorizou, encolhendo os ombros. Sacudiu, da cabeleira volumosa, as fo-

«Era altivo, individualista e ardiloso. O grau de dissimulação de que demonstrava ser capaz era deveras chocante. Punhava-se a alimentar outros animais e a conquistar a sua confiança, afagando-os com carinho, para logo os trair.»

Ilinhas do arbusto de madressilva perfumada que lhe servira de almofada, sentou-se e retirou um graveto que se prendera no pé direito, entre o hálux e o dedo vizinho e o arreliava com comichão. Havia decidido manter-se por mais algum tempo com a forma humana, a da sua última obra. Aliás, o mesmo fizera em relação às outras espécies: já se configurara como águia, baleia, urso... enfim, eram tantas que enumerá-las seria fastidioso. Este exercício de assumir a forma dos espécimes que ia criando divertia-o,

ao mesmo tempo que o ajudava a entender as capacidades e limitações de cada um deles. Um pássaro esvoaçou em direção a uma árvore de densa folhagem em cujos ramos construiria o ninho. Deus seguiu-lhe o trajeto e sorriu com deleite:

— Uma beleza divinal! — murmurou, inflando o peito.

Estava convencido de que os pássaros haviam sido um dos seus feitos mais bem conseguidos: plumagens magníficas, cores e tonalidades extravagantes ou singelas que demorara toda a eternidade do quinto dia a escolher e conjugar criteriosamente. Bem, o mesmo poderia dizer dos caprichos coloridos dos peixes, pensou. Na verdade, estava orgulhoso de tudo quanto fizera, apenas o último bicho o trazia apreensivo. Tinha de ir observá-lo, decidiu, mas não sem antes quebrar o jejum.

Desceu a ravina até onde sabia poder encontrar frutos sumarentos e doces. Ao longe, avistou um leão de farta juba, tão encaracolada e majestosa quanto a sua própria cabeleira divina, o que, sem dúvida, conferia uma aparência de superioridade da qual o animal parecia consciente, deslocando-se altaneiro e garboso, como se todos lhe devessem preito.

Demorou-se a sugar um fruto suculento, cujo sumo lhe escorria pelo braço até ao cotovelo, enquanto contemplava o leão que, rugindo um bocejo satisfeito, se estendeu ao sol. A pouca distância, a leoa, simples e eficiente, caçara uma presa e assistia às crias que se alternavam a mordiscar a carne fresca da vítima abatida, da qual o pai, a julgar pelo ar saciado, já retirara a parte de leão.

Isto de criar a bicharada aos pares tinha sido uma inspiração suprema, pensou Deus. É verdade, refletiu, que nestas relações entre casais, alguns parecem gozar de mais benesses do que outros, contudo não havia como evitá-lo. Uma vez insuflados de vida, cada ser começava a desenvolver características próprias e o Criador já nada podia, nem queria, fazer. Contudo, o Paraíso era extenso e estava repleto de múltiplas espécies. Se todas se relacionassem da forma equilibrada que previra, a vida naquele imenso jardim perduraria harmoniosa.

Apaziguada a fome matinal, abandonou o pomar e foi em busca da sua última criação, que, como já vimos, o trazia preocupado. E, no entanto, tinha sido a ela que se dedicara com maior empenho. O bicho não era colorido como um pássaro, majestoso como o leão, nem veloz como o tigre ou a chita. Concebera-o com alguma singeleza no aspetto, mas dotara-o de complexos dons intelectuais e emocionais, para que fosse um ser completo, feliz, justo, empático, enfim, quase divino. Contudo, e por mais que a assunção de um erro abalasse a sua excelsa sapiência, era-lhe forçoso reconhecer que algo falhara, porque tudo na criatura parecia volátil: se num momento estava alegre, cantava, brincava e mergulhava nas águas frescas do lago, no momento seguinte, tolhia-se em silêncio obscuro, ou exagerava em assomos violentos, divertindo-se a provocar, capturar e mesmo a destruir, sem justificação, animais e plantas à sua volta. Esta atitude do homem era uma perversão que Deus não calculara. Na verdade, já se sentia algo contrito por ter cinzelado criatura tão complexa e que, de imediato, desenvolvera laivos comportamentais inesperados. Era altivo, individualista e ardiloso. O grau de dissimulação de que demonstrava ser capaz era deveras chocante. Punha-se a alimentar outros animais e a conquistar a sua confiança, afagando-os com carinho, para logo os traer. Num ápice, com a mesma mão com que os acariciava, esmagava-lhes as cabeças ou degolava-os. Depois, abandonava-os ou banquetava-se, mordendo-lhes as vísceras ainda mornas e palpitantes. Com os beiços lambuzados de sangue, estendia-se a dormir.

— Porque há de ele querer alimentar-se de carne, se nem o dotei de dentes caninos potentes?
— murmurou Deus.

Nestas cogitações, chegou ao limite da zona arborizada e logo o avistou na clareira, sentado no solo, com os joelhos erguidos a servir de apoio ao queixo e os braços a envolver as pernas. O rosto sisudo, numa expressão entediada ou deprimente. Porém, o que mais inquietou o Criador foi ver espalhada, em todo o derredor, uma profusão de cadáveres de coelhos, esquilos, veados e até uma cobra parcialmente esquartejada e em agonia. Deus compreendeu que a chacina resultara

da busca de divertimento e não da necessidade de subsistência. Ficou furioso, pois, se um dos elementos da Criação decidia malbaratar os recursos existentes, outros pereceriam e o próprio Paraíso ficaria ameaçado. Que raio se misturara no barro deste ser, que tão depressa amava os outros e os protegia, como se transformava em carrasco e os abatia e até se comprazia com o seu sofrimento. Se não fosse por ser Deus e o arrependimento lhe estar vedado, arrependeu-se-ia de lhe ter dado existência. Continuou a observá-lo, sentando-se encostado ao tronco de uma magnólia de folhas lustrosas.

O homem ergueu os olhos, suspirou e tornou a baixá-los. Com o dedo indicador, pôs-se a desenhar arabescos na terra arenosa: círculos, quadrados, triângulos, linhas onduladas, ou cruzadas em quadrículas de esquadria imperfeita. Claro que, para ele, eram apenas movimentos ao acaso, porque noções de geometria, para já, só Deus as sabia e tão desiludido estava, que não tinha qualquer vontade de partilhar tais conhecimentos. Um ignorante é sempre mais fácil de controlar, pensava o Criador, do alto da sua potestade, atentando na atitude do homem. Mas... que estava acontecer? Pingos, grossos como chuva da estação a que chamara inverno, caíam dos olhos do malvado e encharcavam o solo, desfazendo as formas que antes rabiscara. As lágrimas despertaram a misericórdia divina, ao entender serem fruto da tristeza da solidão.

— Pobre ente — murmurou Deus. — Não o devia ter feito solitário. Criei todos os outros aos pares, mas este, empreendi que haveria de ser diverso e fi-lo singular, esquecendo que apreciar a solidão é apanágio divino — concluiu.

Urgia proceder a algumas alterações. Retirar-lhe-ia a componente feminina, que passaria a ser atributo da fêmea que havia de criar, no tempo que lhe restava, antes de se desmaterializar e partir para a próxima eternidade. Fá-la-ia da mesma matéria, para que fossem verdadeiros compa-

nheiros em igualdade, cooperativos e harmoniosos. Seria delicada, mas firme e resistente como o vime que enfrenta a corrente do rio. Curiosa e ouvida. Carinhosa para bem cuidar da prole e alegre para animar os momentos sombrios que, já se vira, amiúde dominariam o macho humano.

Depois de algum tempo a arreliar outros animais, atirando-lhes pedras e paus, o homem acomodou-se à sombra e adormeceu. Deus aproximou-se dele e procedeu então às alterações que se impunham, após o que se isolou para se entregar à conceção da fêmea tal como a imaginara. Trabalhou sem cessar e nem se apercebeu quando a noite chegou. Moldou o barro com desvelo e subtileza. Burilou a forma obtida, acetinou-lhe a pele e os cabelos que logo refletiram o luar. Ergueu o olhar e, do firmamento, a lua cheia sorriu-lhe. Devolveu-lhe o sorriso e, no preciso instante em que o astro atingia o seu apogeu, insuflou a vida no novo ser: estava criada a mulher. Mirou-a dos vários ângulos: aquela, sim, era a sua obra mais perfeita!

Esperou pela manhã para observar o encontro do casal. Num primeiro momento, o homem, surpreendido com o novo habitante do Paraíso, à cautela, acocorou-se atrás de um arbusto. A mulher dirigiu-se ao lago e, com evidente deleite, deixou afundar o corpo na transparência cálida das águas. Ao homem, pareceu ser aquele, um bicho inofensivo e que muito lhe agradaria ter por perto. Quando a mulher submergiu, ele, temendo que ela desparecesse para as profundezas, correu para a segurar. Estendeu-lhe a mão. Ela sorriu e chamou-lhe Adão. Ele gostou do nome. Abraçou-a e chamou-lhe Eva. Caminharam à beira do lago, entendendo-se com muitos gestos e sons. Ele reluzia de felicidade, sem vestígios de tédio no olhar. Enlaçados, repousaram sob a árvore mais frondosa. Na copa, os pássaros chilreavam uma ode à plenitude que tudo encantava, até a serpente, enrolada em um dos galhos sobre as cabeças unidas do

casal humano. Todo o Éden emanava perfeição. Enternecido, Deus retirou-se para descansar e, indiferente ao sol fulgurante, adormeceu em sono profundo.

Árvores tombadas, queimadas; bichos carbonizados, em fuga, à míngua de água e alimento; lixeiras gigantescas onde antes eram jardins. Adão a arrastar Eva pelos cabelos, agredindo-a à pancada ou à dentada. Ela escondida, medrosa, a urdir planos de vingança.

Adão preguiçoso, irrascível e comilão. Frutos e grãos não o satisfazem, exige devorar carne. Para que ela não lhe falte, mantém em cativeiro um sem número de animais que urram em sofrimento desesperado, o que não incomoda a nenhum dos humanos.

Adão arrogante, lesto a vangloriar-se dos sucessos e, mesmo quando eles se devem à intervenção ou criatividade de Eva, jamais lhe reconhece qualquer mérito. Mas culpa-a quando algo corre mal. Compraz-se a desvalorizá-la, dizendo que não fora feita de barro tão nobre quanto o seu, mas sim a partir de um mero bocado de osso dele retirado.

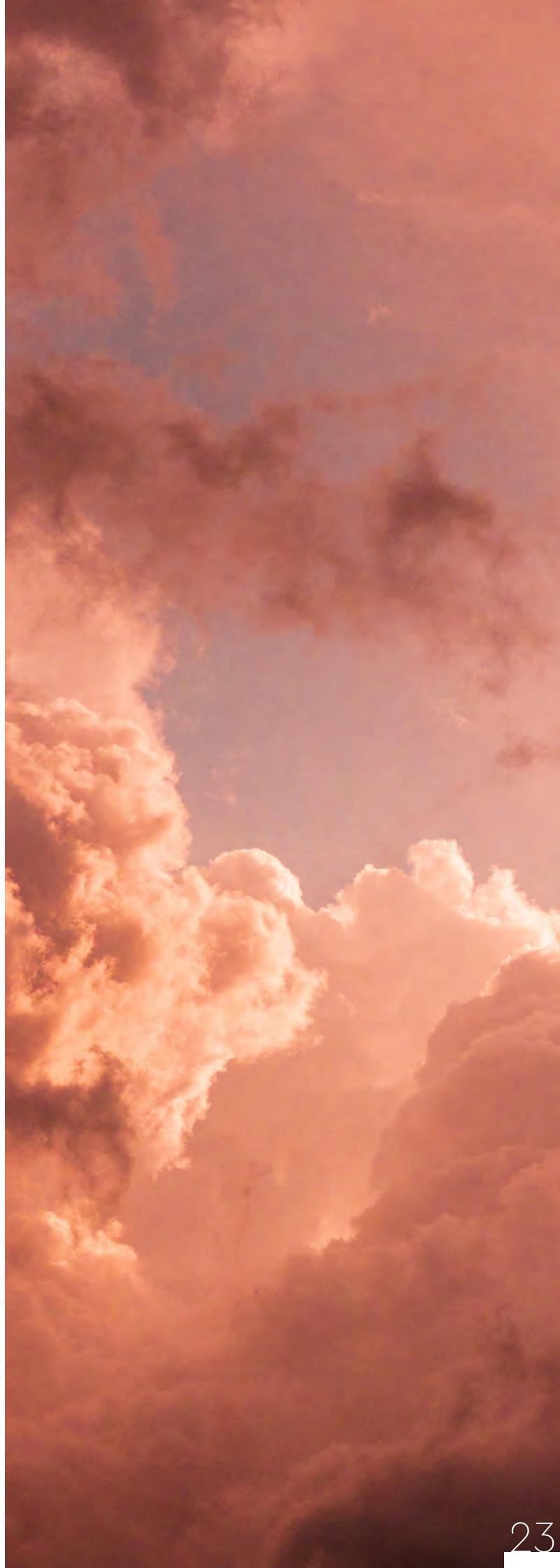
Eva cautelosa, dissimulada, matreira, delineando formas de sedução para o dominar.

Eva acusada de traidora, de bruxa pecadora. Eva caída por terra, violada, queimada em fogueira como archote vivo...

— NÃO! — gritou Deus, despertando assarpantado.

Respirou de alívio, ao verificar que as visões oníricas que lhe haviam invadido o sono não eram reais. Ainda assim, questionou-se se seriam premonitórias: Viria o homem a ter mesmo o arrojo de afirmar que fora Deus a ordenar-lhe que subjugasse toda a Criação, em seu benefício, incluindo Eva? Viria ele agredi-la, como já o vira fazer aos outros bichos? Por seu lado, será que ela, apesar de frágil, o dominaria com artes de manipulação? Seriam parceiros ou opositores?

— Prefiro não... — sem terminar a frase, desmaterializou-se.



A TRISTE RAINHA

CAROLINA
CARVALHO DE SOUSA

A Casa das Senhoras Rainhas...

Começava a chover quando chegou ao hotel.

Era o primeiro dia de inverno. Possivelmente, até escolhera aquele dia para o encontro para escrever essa frase no seu diário: 'Era o primeiro dia de inverno... Ele chegou apressado, carregando um ramo de rosas, de olhar apaixonado...'.

Não conseguiu que a imaginação terminasse o quadro.

Dirigiu-se à receção e perguntou por ele. Ainda não tinha chegado. Despiu o casaco, um pouco molhado da chuva, e procurou um sítio naquela sala, onde pudesse esperar, confortavelmente. Acabou por escollher um sofá vermelho, no canto da divisão, desocupado, e virado para a entrada.

Era uma Casa acolhedora. A 'Casa das Rainhas'...

Também a escolha daquele hotel não se devia ao acaso. Era uma mulher romântica e uma apreciadora da velha História de Portugal. Reis e rainhas, intrigas, mortes trágicas, amores de perdição...

«Sorriu para consigo ao reparar que os livros que a jovem carregava eram de poesia. Também esta rainha criara o seu próprio círculo de poetas.»

'Casa das Rainhas', referia-se aos bens que os reis doavam às suas consortes, mas não, gostava de pensar numa casa real, física, onde as rainhas se passeavam, conversavam, e desabafavam entre si as suas paixões e as suas dores.

'Será que Dulce de Aragão teria realmente, como escreveram, uma personalidade condizente com o nome, tranquila e modesta?

Ou amaldiçoaria, todos os dias, quem se lembrou de a usar como moeda de troca entre portugueses e castelha-

nos? E o que diria ela dos seus onze filhos?
E Dona Maria I, uma mulher da cultura e da ciência, confessaria o motivo da sua loucura?'

Rainhas...

Olhou à sua volta e procurou pontos comuns entre as mulheres que entravam naquele hotel e as rainhas dos tempos longínquos.
Reparou numa jovem, de aspetto angelical, que abraçava um ramo de rosas.
Imaginou-a de imediato como Isabel de Aragão.
A rainha santa que transformou pão em rosas, para que o soberano, seu marido, não percebesse que alimentava os mais pobres.
'Rosas em janeiro?', desconfiou ele... Hoje temos rosas todo o ano. Já nem seria estranho.
O estranho talvez fosse mesmo encontrar alguém da 'realeza', como quem diz do poder, preocupado com o povo não ter pão.
De saída estava uma velha senhora, amparada pelo seu filho. Era mesmo muito velha, mas devia ser, na mesma proporção, muito rica e importante.
Os empregados do hotel giravam à sua volta, desfazendo-se em amabilidades. Até o próprio gerente lhe beijou a mão, em jeito de despedida. Este gesto fê-la lembrar a tétrica cerimónia do beija-mão à rainha Inês de Castro, na sua coroação, depois de morta. Talvez um castigo imposto por D. Pedro, por ter encontrado uma oposição tão grande a um amor ainda maior.
Cruzando-se com a decadente senhora, entrou uma jovem de mochila às costas, mas que exibia um aspetto culto e intelectual. Já na receção, pousou os livros que trazia sobre o balcão, ajeitou os óculos no nariz e perguntou pelo seu quarto, em inglês.
'Seria uma Filipa de Lancastre dos nossos dias', pensou ela, associando a imagem da estrangeira à rainha que viveu sob o clima inglês e literário de seu pai.
Sorriu para consigo ao reparar que os livros que a jovem carregava eram de poesia. Também esta rainha criara o seu próprio círculo de poetas.

«Entraram e saíram casais. Grupos de jovens em animada cavaqueira. Homens de negócios.

Sempre que via chegar um vulto masculino pensava que era ele. Mas ele não chegava.

Não queria subir ao quarto sozinha. Tinha pensado num jantar especial, talvez no mesmo restaurante do ano passado. E depois num passeio calmo pelas históricas ruas de Óbidos, abraçados...

Mas chovia. E ele não chegava. Sentia que até o sofá já 'engolia' o seu corpo.»

 Rainha...

Outros hóspedes sentavam-se e levantavam-se, entravam e saíam, e ela continuava ali. O que pensariam eles? Será que imaginariam alguma história para ela também? Com certeza que ninguém faria aquele jogo de a comparar a uma rainha. No entanto, se o que a avó lhe contava em pequena fosse verdade... Quando a encontrava a chorar por qualquer motivo, pegava nela, sentava-a no colo, e dizia-lhe: 'Meu amor, uma mulher não chora. Muito menos quando tem sangue de rainha nas suas veias'. Quando cresceu, apercebeu-se que a expressão comum era 'Um homem não chora', e quanto ao ter 'sangue de rainha'... Sempre muito curiosa da nossa História, logo resolveu aprofundar o assunto. No entanto, apenas descobriu que a única rainha que podia ter laços consigo era D. Leonor Teles. Também nascera em Trás-os-Montes, de onde era natural a família da sua avó materna. Mas era considerada uma mulher muito cruel e traiçoeira, traços que não reconhecia em si, nem na sua ancestral. Um dia, quando esta se encontrava muito doente, perguntou-lhe se a sua antepassada de sangue real seria Leonor Teles. A avó, no seu leito, já muito fraca e cansada, apenas lhe sorriu. 'Mas, avó, contam que essa mulher era muito má!', protestou, demasiado desgostosa da consanguinidade. A velha senhora, tenaz defensora do seu gênero, apenas murmurou: 'Meu amor, naqueles tempos, uma mulher que fosse forte e decidida, não era vista com bons olhos'. Pouco tempo depois ficara sem a sua avó. E como sentia falta do seu colo e das suas palavras.

Triste rainha...

Interrompeu aquela divagação do imaginário para olhar o seu relógio. Entraram e saíram casais. Grupos de jovens em animada cavaqueira. Homens de negócios. Sempre que via chegar um vulto masculino pensava que era ele. Mas ele não chegava. Não queria subir ao quarto sozinha. Tinha pensado num jantar especial, talvez no mesmo restaurante do ano passado. E depois num passeio calmo pelas históricas ruas de Óbidos, abraçados... Mas chovia. E ele não chegava. Sentia que até o sofá já 'engolia' o seu corpo. Voltou a olhar para o relógio. Passava largamente das nove horas da noite. Pegou no telemóvel e ligou-lhe. Ninguém atendeu. Mandou uma mensagem e resolveu levantar-se. Saiu da porta do hotel e deambulou pelas arcadas da entrada. Fazia frio, mas parara de chover. O telemóvel tocou, dando sinal de uma mensagem que chegava. Era dele. Não podia vir. Nem sequer um telefonema. Nem sequer uma mentira piedosa. O que poderia esperar de um amor proibido? A sua avó poderia ter o sangue de D. Leonor Teles, mulher forte que decidira o seu próprio destino. Mas ela... Pareceu-lhe ouvir alguém sussurrar-lhe ao ouvido: 'Uma mulher não chora!' Mas a sua alma gritava-lhe o contrário. Nem conseguiu voltar para dentro, para cancelar a reserva. Vestiu o casaco, desceu a escadaria e entrou no seu carro. 'Não, decididamente não seria uma sucessora daquela rainha. Seria mais alguém que acabara de perder o amor da sua vida. Não seria uma Leonor Teles. Seria uma Leonor de Aragão... uma "Triste Rainha".



PER FICTA, RESISTERE

UMA CARTA DE PALAVRAS LEVES

CLÁUDIA
PASSARINHO

Todos os dias mudamos. E conosco, também a nossa morada pode mudar. Descobri que se não registamos as mudanças, mesmo que mentalmente, ficamos sem saber onde nos encontramos. E porque deve um pai procurar saber onde se encontra, pergunta o leitor? Deixo à sua mercê, uma eventual resposta. Peço-lhe que não se injurie quando lhe digo que o que me aconteceu poderia acontecer a qualquer homem. Em especial a um pai. Vou reatar aquele presente. Neste momento encontro-me a um canto da cozinha. Mais animado do que o habitual e sem dores nas articulações, como um marinheiro que nunca calcificou os ossos. Catarina (por questões de confidencialidade vou ocultar o nome verdadeiro), acaba de se sentar à mesa de refeições. Come os cereais descontraída, pingando o queixo a cada colherada. Enquanto suga o leite da colher, usa o polegar com mestria perscrutando as atualidades no telemóvel. Não olha para o canto onde me encontro, está entre pensamentos e um escasso pequeno-almoço.

«**Ela olha para mim como se não me visse. Ainda de sobrolho arregaçado, um rosto jovem, monta um sorriso de Judas, pega no casaco, prende a alça da mochila no ombro e sai.**»

Levanta-se, tal qual uma hiena, para ir buscar um guardanapo. Está na segunda gaveta, previno, quando a vejo abrir a primeira. E movo-lhe o telemóvel de sítio. Limpa a boca, pega no telemóvel e passa por mim, sem sequer reparar na judiaria que lhe fiz.

Deixa tudo como está. Os pingos brancos derramados na mesa, o guardanapo amarfalhado em cima da colher e os restos dos cereais a boiarem como esponjas numa piscina láctea. Nunca gostei que comesse processados.

Sigo-a até ao quarto, e fecho a porta atrás de mim. Sobressalta-se com o estrondo que fez ao fechar. Apercebo-me que fica com pele de galinha e estática a avaliar as possibilidades. Sei que tenho estado desaparecido, começo por lhe dizer. Passa por mim. Quase tocamos pele com pele. Confesso que me arrepiei.

Rodo nos calcanhares e, aproveitando o facto de se encontrar de costas, a confirmar se a janela estaria aberta, jorro o que há muito ando a treinar.

Não te zangues. Escrevi-te uma carta; tem três páginas. Fala do meu afastamento e do quanto gosto de ti. Tirei-a do bolso. Desdobrei-a. Exponho uma letra infantilizada, tão difícil de ler quanto foi de escrever. Claramente não ta envei. Vou deixá-la na secretaria para que tenhas oportunidade de ler. Pode ser? Mas faço-a cair no chão. Estava escrita de forma tão leve que não estranhei a ausência do barulho quando me caiu aos pés.

Ela olha para mim como se não me visse. Ainda de sobrolho arregaçado, um rosto jovem, monta um sorriso de Judas, pega no casaco, prende a alça da mochila no ombro e sai. Está a chover. Não se preocupa em levar o chapéu de chuva, nem em dizer adeus ao pai.

Boa escola, desejo-lhe. Questiono-me se me terá ouvido. Volto ao quarto dela e às paredes ametistas. Afasto a cortina, com pequenas estrelas pretas, e observo o passo acelerado que leva ao atravessar a estrada. Quando é que cresceste, miúda? Levanta o rosto e vejo-a olhar na minha direção e o amor de pai que lhe sinto agiganta-se por debaixo das costelas, enquanto aguardo um aceno. Porém, em vez disso, ajeita a alça ao ombro e foge da chuva, ainda mais depressa. Pego na carta esquecida e volto a guardá-la no bolso. Talvez um dia a leia para ela. Em cima da mesa de cabeceira, as pedras energéticas defendem-na à distância; o quartzo branco, a aventurina verde e o jaspe vermelho aguardam a chegada da escola. Falta a turmalina negra no poiso. Descobri que a acompanha diariamente. Sentei-me no banco almofadado por debaixo da janela. Sinto-me uma avestruz em busca de buracos na areia onde possa enterrar a cabeça, mas mesmo assim, fico à espera.

Durante o vazio em que penso nela, entrego-me aos ponteiros do relógio que rodaram como laivos de felicidade. Levam-me como as ondas do mar. Ainda estava no quarto quando ouvi a porta de entrada e a vi chegar da escola.

Atirou a mala para o chão produzindo um baque que não a fez mover os olhos do ecrã iluminado. Gargalha de coisas que não comprehendo e nem parece notar a minha presença. Pigarreio. Mas o som artificial das teclas sobrepõe-se à minha voz.

«O balcão,
envolvido por
espelhos, faz
as delícias
daqueles que
sofrem do culto
de dulia, porque
permite que
todos se mirem,
orgulhosos e
exuberantes
enquanto
puxam o cabelo
para trás
inumeríssimas
vezes e focam
o olhar nos
próprios
lábios.»

Deita-se na cama. Vejo como a brancura dos dentes contrasta com o tom avermelhado dos lábios. Ri-se para a câmara e tira uma ou duas *selfies*. Toma lá, ouço-a dizer, regozijando com alguém que desconheço.

Vejo-a carregar no *play* da lista de músicas guardadas. Ecoam os primeiros acordes de violino emparelhados com o clarinete, a letra do *Notion* solta farpas.

Levanta-se da cama ao mesmo tempo que me ergo. Sem a querer ofender, vejo-me obrigado a desligar a música. Precisamos de falar. Volta-se para o telemóvel tão rápido quanto o silêncio que se instalou. Encara-me pela primeira vez, mas o olhar dela atravessa-me e morre nas gotas de chuva que marcam o vidro do lado de fora. Volta a ligar a música e eu desisto.

Veste a camiseta vermelha que o padrasto lhe ofereceu no Natal, uma saia aos quadrados curta e observo como é bonita. Olha-se ao espelho em modo de aprovação, manda mais uma mensagem. *Estou preocupado contigo; deixa-me acompanhar-te, peço-lhe.* Apesar de não tirar os olhos do telemóvel, encolhe os ombros enquanto oiço mais uma mensagem a escorregar-lhe pelos ágeis dedos.

(Até este ponto, as migalhas espalhadas pelas mãos doces da minha filha, eram entendidas por mim como sinais de uma possível reconciliação). Saímos de casa lado a lado. Nem tenho coragem de lhe perguntar onde vamos. *Desde que não andemos de metro, comento-lhe, sabes como odeio a sensação de estar debaixo de terra.* Felizmente, continuamos a andar depois de termos passado pela boca do metropolitano.

A viagem faz-se de expectativa e de silêncio. Como ela não fala, eu também não. Deixo-me

embever com o seu rosto, com o véu de chocolate negro que lhe realça os olhos rasgados. Vejo que tem um cabelo na boca, mas não quero cortar-lhe as reflexões. Entristece-me vê-la ofendida com a vida de uma forma que não consigo compreender.

Estancámos defronte de uma porta tosca pintada de preto. Aguardámos o efeito da campainha. Eis que a porta se abre e fico nauseado com a nicotina que envolve a atmosfera, noutros tempos teria tido um ataque de tosse. No espaço são todos jovens e diria que a conhecem bem. Palram ao mesmo tempo, por cima da música que exprime uma emoção camouflada entre o eufórico e a descontração.

O balcão, envolvido por espelhos, faz as delícias daqueles que sofrem do culto de dulia, porque permite que todos se mirem, orgulhosos e exuberantes enquanto puxam o cabelo para trás inúmeríssimas vezes e focam o olhar nos próprios lábios. Consegue-me uma mulher mais velha, que se encontra ao lado de Catarina e não tira os olhos de mim. Avalia-me. Diz qualquer coisa que não consigo compreender. Uma ladainha que aumenta de intensidade atingindo um pico de angústia; *Mwenyezi, wasaidie pepo wabaya kuondoka kwenda kwenye nuri*¹. Uma língua nativa, cristalinamente infantil, suponho.

Parece assustada. Revira os olhos quando não encontra o meu reflexo no espelho. Acompanha-lhe o raciocínio e atormento-me com a minha ausência no espelho que os dois miramos. Volto-me para ela, e materializo-me na sua visão, registrando toda uma vida passada. Deve ter sido suave morrer, pensei. Preferia que não tivesse sido assim a descoberta da minha nova morada, um plano onde o olhar de Catarina nunca me encontrará.

1) "Todo-Poderoso, ajude os espíritos malignos a partirem para a luz"



The woman
was on her
way back home.
She was
still operating
her business,
but she was
beginning to
feel the effects
of age.

The woman
was on her
way back home.
She was
still operating
her business,
but she was
beginning to
feel the effects
of age.

PER FICTA, RESISTERE

SILÊNCIOS

ISABEL
GIL

Entrou no comboio com uma única e persistente ideia na cabeça: fugir.

A partida para outra paragem, outro espaço e até para outro tempo. Tinha sido rejeitada. Colocada sem qualquer ambiguidade perante a rutura. O coração parecia que se deslocava no peito. Passava pelas pessoas, sentadas nos bancos corridos da carruagem, com passos hesitantes, quase sonâmbulos. Eram nove da noite e tinha escurrido completamente, como conseguiu observar pela claraboia da estação. As luzes irromperam súbitas e abstratas, absolutamente implacáveis dentro da carruagem. Desviou a cara numa proteção dos olhares curiosos que, no entanto, a perseguiram até que desapareceu dos ângulos indiscretos. Na plataforma de ligação, fez uma pausa e encostou-se com desalento à porta metálica do WC.

O coração continuava a bater acelerado. Vislumbrou, naquele momento, Álvaro, que a acompanhara até à estação. Como te atreves, seu bruto, seu insensível, seu grandes-

«O estranho acabou por meter conversa. Amena, com aquela simplicidade que caracteriza as relações fortes de amizade. Espontânea de sedução. Aos poucos, foi-se criando um laço de ternura, movido pela naturalidade de tudo.

Voltava para a Figueira, onde vivia com a mulher e dois filhos.»

síssimo nojo, a vir dizer adeus? Como te atreves? Avançou decidida para a carruagem seguinte e descobriu, com surpresa, compartimentos separados. Percorreu o corredor absorta, encontrando um rosto, uma perna, as costas largas de alguém, aqui e ali, até que finalmente encontrou um compartimento vazio e às escuras. Entrou e fechou a porta. As cortinas também estavam corridas. Tudo fechado e numa penumbra deliciosa.

Suspirou satisfeita com um pequeno sinal de contentamento interior. *Ponto final na porcaria da relação!* Os soluços acabaram por vencê-la, numa derrota imensa, sentiu as lágrimas pesadas escorregarem pelas faces e pingarem as mãos. Contraía o peito, num incrível esforço para parar o absurdo sofrimento que lhe vinha do coração. Era demasiado dorido, para conseguir impor a razão e encontrar a essência das coisas e do mundo.

Pelo menos não me vês chorar, seu grande cabrão! Assoou-se ruidosamente ao décimo lenço que usava, para depois o amarfanhá com violência entre as mãos trémulas. A seguir foi a vez do cigarro, apaziguador, que chupou em fumaças longas e libertadoras¹. O comboio apitou, numa sintonia perfeita com o tamanho grito que lhe vinha do peito.

E aquela extraordinária vontade de fugir...

Continuava tudo às escuras dentro do compartimento, apenas iluminado com a fraca luz do corredor. Quando entraram no túnel do Rossio tudo pareceu mais negro, mais terrível. Foi abordada pelos seus demónios interiores, impassíveis na provocação do medo. Gritaram-lhe loucuras ao ouvido, ávidos por morte.

O revisor cortou o pesadelo com a luz, que acendeu mal entrou, e o indiscutível ar de eficiência. A sua cara devia refletir uma angústia patética, pois o homem, quando saiu, voltou a apagar a luz numa atitude respeitosa.

Lambia a ferida do mal querer, do se sentir mal-amada. *Deixe de sentir o que sentia por ti. É tudo, é tudo, é tudo...é tudo.*

Porra para a autocompaição. Ponto final no assunto e pronto!

Como conseguia seguir viagem com aquele estigma a cortar-lhe a respiração? Olhou a noite através da janela. Luzes saltitantes, prometedoras de encontros e de amor. Estrelas pequeninas e intranquilas, expectantes de vida. Sorriu. Um brevíssimo sorriso, mas mesmo assim um despertar. Vinham-lhe à memória os incríveis momentos de paixão que vivera com Álvaro. Sentia-se a ganhar uma crosta de dureza, que nunca quisera, mas que lhe pertencia. Afivelou uma máscara fria ao rosto jovem, belo e marcado.

O comboio parava na primeira estação do percurso que a levava para Oeste. *Voltava para casa, com toda aquela inominável vontade de fugir!*

A porta abriu-se e uma silhueta masculina surgiu a perturbar-lhe o silêncio. O homem cumprimentou-a e perguntou-lhe se preferia a luz apagada. Com voz rouca, respondeu que sim. Que preferia. Ele fechou a porta e sentou-se no banco em frente, do lado oposto. Quando entrou o revisor, o homem levantou-se, rápido, e acendeu a luz. Mostrou o bilhete, sempre de pé, e conseguiuvê-lo pela primeira vez. Aparentava cerca de quarenta anos, era magro e moreno, grisalho, com olhos negros entendidos da vida. Mãos longas e cuidadas. Vestia com elegância e status.

Ouviu-o dizer ao revisor que "A senhora ia incomodada. Preferia descansar com a luz apagada". Num murmúrio, para que ela não o ouvisse. O homem da CP voltou a dedicar-lhe um olhar compassivo, quem sabe a pensar na filha, mais ou menos da mesma idade, e saiu, muito cavalheiro. O meu companheiro de viagem voltou a apagar a luz e com todo o à-vontade, preparava-se para dormir. Tirou um cigarro de um maço de tabaco estrangeiro e o clarão do isqueiro do viajante atingiu-a como uma bofetada. A chama estava demasiado alta, demasiado perscrutadora.

Regulou a chama, aproximando-se, e sentou-se calmamente ao lado dela. Acendeu um longo cigarro para si próprio e sorriu-lhe levemente, com delicadeza.

1) A ação relatada nesta narrativa tem lugar no ano de 1993. Sendo assim, não estava ainda em vigor a legislação tabagista atual que não permite que se fume em locais públicos fechados.

Ainda sentia picadas nos olhos e a imensa dor no espírito vagabundo. Lá fora, levantara-se o vento da noite de outono, que fazia companhia ao ritmo cadente da máquina.

E aquela vontade louca de fugir...

O comboio continuava a galgar quilómetros e a transportar a proximidade temida. Cintilavam luzes pelos apeadeiros pacatos, por onde passavam, sem abrandar, em marcha célere, como que rompendo a noite. No compartimento agiam as faíscas lúcidas de vida e de atração humana.

O estranho acabou por meter conversa. Ameena, com aquela simplicidade que caracteriza as relações fortes de amizade. Espontânea de sedução. Aos poucos, foi-se criando um laço de ternura, movido pela naturalidade de tudo.

Voltava para a Figueira, onde vivia com a mulher e dois filhos. Não costumava andar de comboio, não resistiu a confessar. Lembrava-lhe a meninice, quando ia visitar a avó, e a mãe, para o distrair, lhe cantarolava pouca-terra, pouca-terra...

E sorria, com o maior encanto que Deus lhe tinha dado.

Convidou-a para tomar um café no bar do comboio, quando a apanhou sorrindo por uma piada que dissera.

Que não, obrigada. Retirou outro cigarro, num incansável gesto de fumadora.

O perfume que ele usava instalara-se no ar.

Quente e ligeiramente doce, provocava uma ambiência pesada, misturada com o espesso fumo dos cigarros. Abriu a janela e num rodotípico fantástico, entrou esvoaçando uma amarelecida folha de plátano. Tinham chegado a Torres Vedras. A folha quase lhe batera no rosto, tal era o ímpeto que a impelia.

O comboio permaneceu parado cerca de dois minutos e apesar de se ouvirem os habituais movimentos não foram incomodados por eventuais passageiros.

Fugir!

Cálida, fechou os olhos, e a explosão de Álvaro, ligada à alucinação do corte e da noite, ia fechando o ciclo descoordenado dentro de si mesma.

Sentiu que ele lhe tocava ao de leve, no braço abandonado e sem vontade.

- Porque está tão triste? Tente viver, encontrando o seu desenho de vida sem se deixar perturbar pela complexidade de tudo.

O que quereria ele dizer? Que sabia ele?

Olhou-o, visivelmente irritada, com a provocação gratuita a que era submetida.

Ele sorria, mostrando uns dentes maravilhosamente brancos e deixava escapar uma subtil autoridade de homem maduro e experiente. Faltavam apenas duas estações para ela sair.

Fugir! Continuava a querer fugir...

O estranho permanecia sentado ao seu lado.

Tinha acendido uma pequena luz de presença que não iluminava o compartimento, mas que o deixava envolto em sombras silenciosas.

Ele procurou-lhe a mão. Agarrou-a muito ternamente e apertou-a com gentileza. Um pequeno toque, como a querer dizer: "Estou aqui, não me vês? Sou eu."

Foram segundos de completa comunicação interior, de fluidos de energia espiritual, partilhados como mistérios alucinantes.

A mão emitia uma força inusitada, um poder qualquer...

Calma, segura, fácil, como se tivesse sido sempre assim. Ele fazia-lhe festas meigas, com os dedos mágicos presos aos dela.

Sorria, cúmplice do medo que ela ia sentindo. Chegaram à estação onde ela devia sair e permaneceram sentados, de mãos dadas, confiantes.

Ela viu o comboio sair da estação e não moveu um músculo na face lisa e serena.

Não queria mais ser a mesma mulher...

Ele perguntou-lhe, direto, quase frio.

— Ficas comigo esta noite?

A photograph of a couple sharing a kiss on a subway platform. The woman, with long dark hair, wears a black leather jacket, a black floral skirt, and black boots. The man, with short light-colored hair, wears a black leather jacket and black jeans. They are positioned in front of a red and grey subway train. In the background, a sign reads "ELEVADO" and a digital clock shows "22:01".

ELEVADO

A OUTRA VERSÃO

MANUELA
VIEIRA

«Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.»

Fernando Pessoa

R espirava o verde oferecido pelas folhas que só existem nas terras da Macaronésia. A levada tinha os seus declives. O olhar atento dos caminheiros era evidente. Cuidado aqui, cuidado ali. No grupo, Rosário caminhava esquecida de tudo e de todos. Sentia cada passo que dava como quem quer conhecer os próprios pés. O chão era uma cama perfeita, sem lençóis, mas cheia de almofadas, umas mais húmidas que outras. O cheiro do musgo e das pinhas penetrava-a, convidando a mudar o perfume que usava. O da natureza era perfeito.

Inicialmente, os pensamentos visitavam-na, constantes. O problema da filha, o incômodo de alguns arrependimentos, daquilo que deveria

«No grupo, Rosário caminhava esquecida de tudo e de todos. Sentia cada passo que dava como quem quer conhecer os próprios pés. O chão era uma cama perfeita, sem lençóis, mas cheia de almofadas, umas mais húmidas que outras. O cheiro do musgo e das pinhas penetrava-a, convidando a mudar o perfume que usava. O da natureza era perfeito.»

ter feito e não fez, o culpar-se, por acreditar que jamais poderia falhar. Como isso a afligia. Pouco a pouco, os sons das levadas substituíram os ruídos instalados na sua mente. As folhas mortas, quando pisadas, faziam música. Uma melodia hipnótica convidava-a a sorrir. Um raio de sol extasiou o grupo, trespassava a floresta que se mantinha hirta, na encosta abrupta do caminho. Cada uma das pessoas já se encontrava num patamar de presença maior. O cansaço despiu a alma, convidando-as a estarem verdadeiramente na caminhada. Rosário relaxou e mergulhou no momento.

Ao chegarem a uma clareira, sentaram-se para beber água e partilhar um pequeno lanche: figos secos, nêsporas e não faltaram as cerejas da época. Conversaram. Riram. Olharam-se nos olhos. Disseram os seus nomes. Sentiram ânimo pelo que viam nuns e outros e uma alegria genuína, por estarem juntos.

Nisto, o alarme, que Rosário instalara na mente, tocou. Abriu a mochila e procurou o telemóvel. Oh! Meu Deus! Não trouxe! Não acredito. E agora? Olhou ao seu redor e perguntou se alguém tinha um. Ninguém levara. Como? Estão todos a dormir? Onde é que o deixei? Oh! E agora? Será que a Joana me ligou? Ontem senti-a tão perturbada. Devia ter enfiado o raio do aparelho na bolsa! Como controlar daqui? Não dá para voltar sozinha. Isto é perigoso. A que horas acaba o passeio? — gritou, em desespero.

Ainda faltavam duas horas e meia. Que massacre, pensou. Tentou manter-se calma, mas não conseguia. A vida fugia-lhe pelos dedos, sem um telemóvel para teclar. Como controlar o incontrolável? Olhou para o relógio. Tinham passado apenas uns minutos. A boca ficou seca, o peito fechou-se, a cabeça tombou.

Alguém conversou com ela, a lembrar-lhe que, afinal, aquele passeio iria oferecer forças para aguentar os problemas que carregava. Enfim, depois desta atenção, acalmou-se e seguiu, num silêncio mórbido. Ela e os seus pensamentos.

Entraram no autocarro para a cidade. Daí, Rosário correu para a sua viatura, acelerando o que podia para chegar a casa.

Joana não estava. O que teria acontecido? Gritava à espera de um milagre.



«Alguém conversou com ela, a lembrar-lhe que, afinal, aquele passeio iria oferecer forças para aguentar os problemas que carregava. Enfim, depois desta atenção, acalmou-se e seguiu, num silêncio mórbido. Ela e os seus pensamentos.

Entraram no autocarro para a cidade. Daí, Rosário correu para a sua viatura, acelerando o que podia para chegar a casa.»

Agarrou o telemóvel e viu que a filha lhe ligara. Oh! Meu Deus! Espero que não lhe tenha acontecido nada.

Logo de seguida, o telefone tocou. Era o ex-marido a dizer que se encontrava no hospital. Joana tentara o suicídio, na casa de uma amiga. Socorrida a tempo, foi levada para as urgências. No momento, estava fora de perigo, mas muito fragilizada.

Rosário, numa correria, deslocou-se ao hospital, assoberbada pela culpa. Se tivesse levado o telemóvel, nada daquilo teria acontecido, pensou. A filha, que rondava os trinta anos, tornara-se toxicodependente depois de um desgosto amoroso. Desde então que Rosário vivia para ela. Fora o psicólogo quem aconselhara a fazer passeios longos, para seu próprio benefício.

À noite, Rosário sonhou. Sonhou com uma nova versão dos factos.

No sonho estava a caminhar na levada. Sabia que ia com um grupo, mas não os via. Tinha o telemóvel na mão, sempre a tentar fazer uma chamada. Sem êxito. Suspirava, enquanto os seguia mecanicamente. A cada cinquenta metros uma tentativa de chamada.

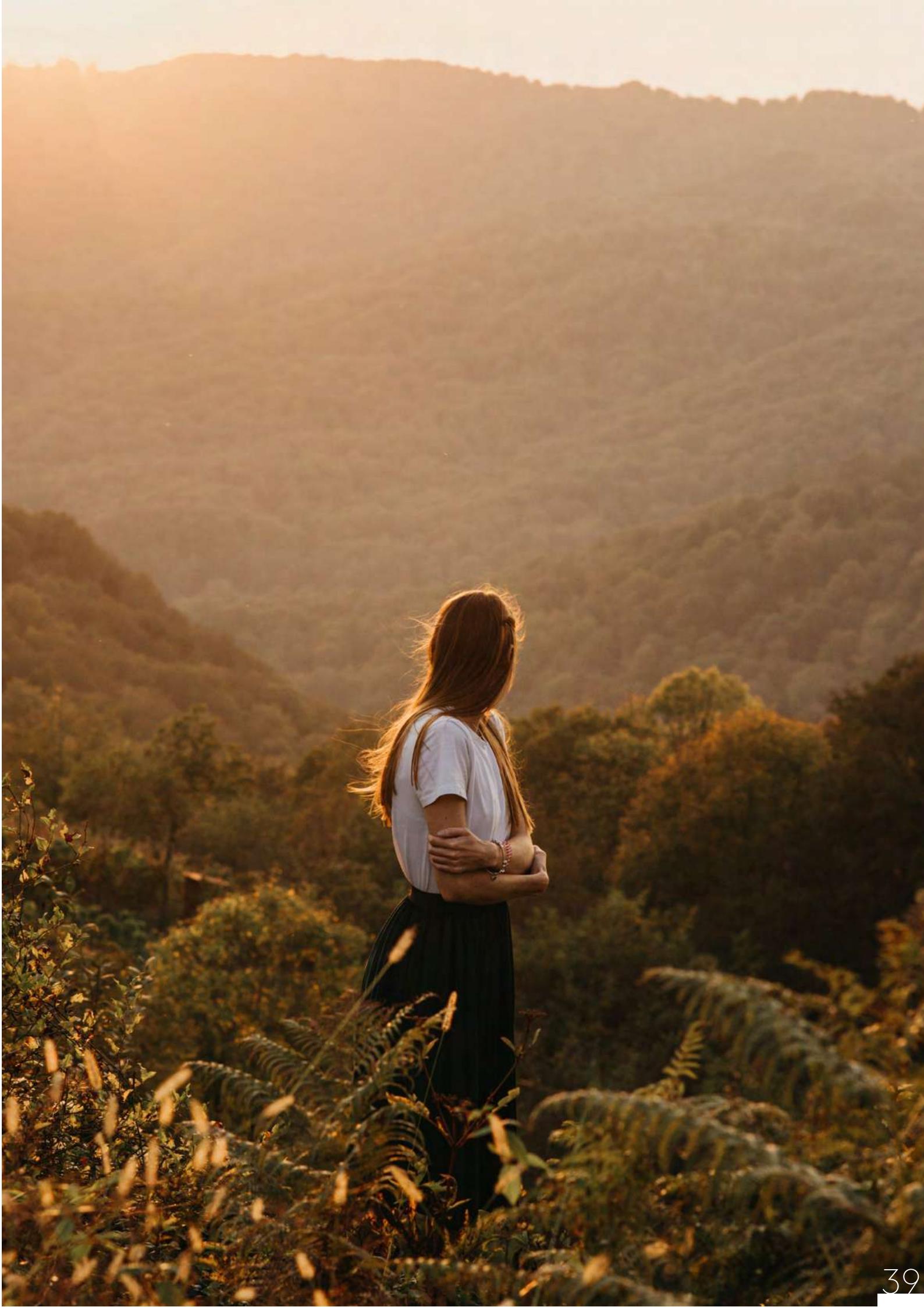
Via a sua face ruborizada de raiva, de dor, de preocupação, os olhos ocupados com o teclado. Já lhe doíam as costas e os pés. Uma vontade enorme de chorar. Como é que a poderei controlar daqui? Nunca deveria ter iniciado este passeio. Nunca! — ouvia-se dizer.

Depois de dar algumas topadas nos pequenos relevos que o chão oferecia, Rosário caiu, estatelando-se ao comprido. Agarrada pelos companheiros, seguiu. Ao chegarem à clareira da floresta, o telemóvel tocou. Era a filha. Alô? Alô? Filha! Fala! Estás a ouvir? E nada.

Continuaram a caminhada. Tão cega estava que, próximo do término, não viu o desvio, tropeçando. Torceu o pé direito, de forma muito dolorosa. Levada às cavalitas por um dos caminhantes até ao final do percurso,

«No sonho estava a caminhar na levada. Sabia que ia com um grupo, mas não os via. Tinha o telemóvel na mão, sempre a tentar fazer uma chamada. Sem êxito. Suspirava, enquanto os seguia mecanicamente. A cada cinquenta metros uma tentativa de chamada.»

seguiu de ambulância para o hospital. À entrada, encontrou o ex-marido e a amiga da filha que lhe entregou um papel. Leu: «Mãe, liguei apenas para ouvir a tua voz pela última vez. Perdoa-me.» Rosário acordou pensativa: O que tenho feito, até agora? Como continuar? Controlar o incontrolável? Hum! Não sei, prefiro não!



PER FICTA, RESISTERE

MISSÃO INTRIGANTE

MARIA JOSÉ
BRUNO

As dez horas em ponto, Abel entra no café «Princesa» na Avenida da Liberdade. Vai encontrar-se com uma mulher desconhecida, que telefonou no dia anterior. Neste local repleto de clientes, passarão despercebidos. A discrição é determinante para o sucesso das ações que realiza, nada é deixado ao acaso.

O bulício dos empregados abafa as conversas:

- Duas bicas para as senhoras. Uma cheia!
- Um garoto e uma torrada para a mesa do canto.
- Um croissant e um sumo de laranja para o camone do fundo.

Turistas e portugueses misturam-se numa babel lisboeta.

Senta-se num dos cantos da sala e aguarda a misteriosa cliente, que apenas conhece pela voz rouca.

Abel gosta de ser o primeiro a chegar, para observar o perfil de quem o contrata.

— Bom dia, senhor.

A mulher é exatamente como se descreveu: cabelo castanho pelos

«Às onze horas e trinta e cinco minutos Abel sai do metro, na estação do Saldanha, e caminha ao longo da Avenida da República.

Um sentimento de incerteza invade-o ao contemplar as montras.»

ombros, lábios pintados de vermelho e um sinal ao canto da boca. Usa calças de ganga e, a cobrir os ombros, um casaco de pele de vison de boa imitação.

— Por favor, sente-se — diz Abel, puxando a cadeira.

— Obrigada. Eu sou a...

Abel interrompe-a repentinamente.

— Não quero nomes. Apenas me interessam os detalhes da missão.

A enigmática cliente deixa Abel perturbado com os seus

lábios vermelhos provocadores.

— Muito bem. Dentro deste jornal tem um envelope fechado com uma foto, a descrição dos hábitos do alvo e o pagamento acordado. Tem de ser hoje!

Abel sente um arrepió inquietante quando ela coloca a mão em cima da sua e larga vagarosamente o jornal dobrado, em cima da mesa.

— Não se preocupe, a missão será cumprida! Levanta-se num impulso e, sem se despedir, abandona o local. Abel observa-a caminhando entre as mesas, sentindo uma mistura de excitação e desconforto. Os olhos seguem cada movimento, enquanto ela se afasta, e sente o coração acelerar com a adrenalina que o impulsiona para a ação. É homem que vive nas sombras, porém não se deixa intimidar. Um verdadeiro profissional nunca desiste. Com determinação, levanta-se, paga a conta, sai do café «Princesa» e dirige-se para o metropolitano.

Às onze horas e trinta e cinco minutos Abel sai do metro, na estação do Saldanha, e caminha ao longo da Avenida da República. Um sentimento de incerteza invade-o ao contemplar as montras, enquanto avança em direção ao Campo Pequeno. Entende a necessidade imperativa de se manter vigilante, nunca permitindo que a atenção vacile, especialmente quando a tarefa em questão é tão delicada.

Entra no Centro Comercial e desloca-se até à zona dos restaurantes. Àquela hora, começam a chegar os clientes para o almoço e depressa ocupam todas as mesas. Escolhe o restaurante japonês, situado num recanto discreto do espaço. Saborear os pequenos pedaços de sushi com pauzinhos permite-lhe alinhar os pensamentos e ajuda a concentrar-se.

Abel olha mais uma vez para a fotografia dentro do envelope e revê mentalmente todos os pormenores do plano, procurando algum erro. A tensão aumenta à medida que a hora de agir se aproxima.

Regressa ao apartamento que ocupa na Avenida de Paris. A energia já começa a faltar, o descanso a meio do dia é fundamental para que o corpo recupere. Enquanto se prepara para a missão, tenta afastar os pensamentos que

**«Indiferente ao que o rodeia, continua a observar o movimento do Tejo, enquanto fuma o cachimbo que o tem acompanhado ao longo da vida e reflete sobre as missões que cumpriu.
Hoje foi diferente. Aquela mulher provocara emoções que nunca sentira por uma cliente.»**

fogem para a mulher que o contratou, mas é difícil. Ainda sente o toque suave da mão dela e o aroma do seu perfume.

Às dezassete horas e quinze minutos, sai do prédio.

— Boa tarde, senhor Abel. Hoje não leva o cãozinho a passear? — cumprimenta a vizinha do segundo esquerdo, com simpatia.

— Boa tarde, dona Ana. Já o levei a passear à hora de almoço. Hoje saio mais tarde, mas se precisar que a ajude nas compras, podemos combinar para amanhã de manhã.

— Obrigada, senhor Abel. O que seria de mim sem a sua ajuda. Até amanhã!

Tem o tempo necessário para chegar às dezenas horas e cinquenta e cinco minutos à estação de metro da Baixa-Chiado, uma das mais concorridas. Às dezoito horas exatas tem de estar na plataforma.

Abel vê-o chegar... alto, de olhar sobranceiro, blusão de pele castanha, cabelo preto penteado para trás.

Com uma pasta de computador na mão e um olhar alheado, Pedro não repara em ninguém. Cada passo que dá ao longo da plataforma é como se fosse o último. Sente o estômago embrulhado. O seu pensamento está no quarto de hotel onde supõe que a mulher que o enlouqueceu o aguarda. Olha para o relógio várias vezes. Sente o coração bater mais forte do que nunca e a mente aprisionada pela decisão que tomou. Hoje está determinado a pôr fim àquela obsessão perigosa. Nunca se cativara por uma cliente, a sua função é o prazer que lhes concede. Pode ser a última oportunidade de estar com ela e, ao mesmo tempo, pode ser o final de tudo.

A cicatriz no lábio superior confirma que ele é o homem da fotografia. A missão intrigante que Abel tem de executar.

A plataforma é tomada por uma enchente de pessoas que surge de todos os lados. O tumulto das vozes e o som dos alto-falantes geram um burburinho e uma agitação emocionantes. À medida que as carruagens emergem do túnel escuro e se aproximam com um rugido, a multidão comprime-se ao longo da linha amarela. Embora o aviso para se afastarem seja audível, durante o horário de ponta, a aglomeração intensifica-se.

Abel não perde de vista «o seu homem». Posiciona-se atrás dele, sentindo-se apertado e empurrado pela multidão. Com destreza, equilibra-se e desliza a mão esquerda para dentro do bolso do casaco. Com a luva cal-

çada, segura a arma com firmeza, mantendo o dedo no gatilho, e com discrição pressiona-a nas costas do alvo. Ninguém percebe, exceto Pedro, que fica paralisado. Sem hesitar, Abel dispara e a bala penetra silenciosamente no corpo indefeso. A multidão move-se como um organismo vivo, arrastando Abel para o interior da carruagem. Abre a mão e a pistola desliza para o forro do casaco, através do bolso que descosera.

As portas fecham-se e o comboio arranca. Na pedra fria da plataforma, jaz um homem.

Abel sai do metro na estação do Cais Sodré e senta-se numa esplanada. Coloca o saco do tabaco de cachimbo e as luvas em cima da mesa. Pede um whisky. Vai bebendo pequenos golos enquanto observa os barcos que atravessam o rio, contudo, não retira os óculos escuros. Ninguém se pode aperceber das emoções que o dominam, o sangue-frio de outrora já desaparecera.

Indiferente ao que o rodeia, continua a observar o movimento do Tejo, enquanto fuma o cachimbo que o tem acompanhado ao longo da vida e reflete sobre as missões que cumpriu. Hoje foi diferente. Aquela mulher provocara emoções que nunca sentira por uma cliente. Sempre soubera separar a vida privada da profissional, mas o mistério e a frieza da mulher que o contratara para matar o amante intrigava-o. O olhar frio penetrara-lhe a alma, fazendo-o sentir-se vulnerável, pela primeira vez em muito tempo. Nunca questionara as motivações dos clientes. Cumprira a missão, mas cada palavra dela foram setas afiadas em direção ao coração, abalando a sua determinação e fazendo-o questionar-se.

Coloca o boné e o cachecol, que o protegem do frio e dos olhares curiosos. Encolhe os ombros e pensa consigo mesmo: «Já não tens idade para isto!»



PER FICTA, RESISTERE

LIVRE

NUNO
GONÇALVES

Batia-lhes apenas porque era o meu trabalho. Não porque quisesse ou porque me desse prazer. Era suposto fazê-lo e fazia-o sem hesitar ou sentir culpa. Havia quem gostasse, claro, de ver os escravos gemer, gritar, sangrar. Havia quem lhes escarrasse em cima e os pisasse quando estavam no chão. Curiosamente, esses eram os mesmos que se forçavam dentro delas. Até àquele dia em que despejaram uma no convés, já de gatas, com sangue a coagular na pele escura. Puseram-se de roda dela, eu também, também estava nessa roda, porque era suposto, não que me agradasse, e passaram o chicote de mão em mão, para que cada um lhe pudesse arrear no lombo em ferida. Ela estava prenha. Quando o chicote me pousou nas mãos, ela olhou para mim e, naquele instante em que os olhos negros, húmidos, me fitaram, em que a boca se tentou abrir para dizer qualquer coisa, mas sem sucesso porque os lábios estavam inchados como batatas, nesse instante ela quase parecia uma pessoa. Uma pessoa como nós.

«Tentei explicar. Não era por ser amante de pretas, mas não via razão para aquilo. Ela não pedira para estar ali, nem havia de ter pedido para emprender, nem para que lhe rasgassem a pele com o chicote e eu não via motivo nenhum para aquilo. »

Parecia a minha irmã, que deixei em terra quando embarquei, grávida de um sobrinho meu, ou sobrinha. E também ela me tentou dizer qualquer coisa antes de eu partir, mas não lhe saiu nada. E talvez nunca venha a saber o que me queria dizer ou se esperava rapaz ou rapariga. E eu ali, de chicote na mão, só a olhar para ela, toda prenha e quanto mais olhava mais prenha parecia ficar, a barriga cada vez maior e mais inchada. Convenci-me até de que iria acabar por parir mesmo ali, mesmo à minha

frente, sem tirar os olhos de mim, sem conseguir dizer nada. Calada, a sangrar, e a parir. Deixei cair o chicote.

Os meus companheiros acharam que eu estava só bêbedo, como de costume, e voltaram a pôr-mo nas mãos e eu atirei-o ao chão com força, para que percebessem, para que fosse claro, e virei costas. Foi aí que me agarraram e tentaram forçar-me a bater-lhe e eu gritei que não queria ou que não me apetecia ou outra coisa qualquer.

Dois deles lá compreenderam que eu me estava mesmo a recusar arrear na escrava prenha e arrastaram-me até ao capitão.

— Capitão, este amante de pretas atirou o chicote ao chão.

Tentei explicar. Não era por ser amante de pretas, mas não via razão para aquilo. Ela não pedira para estar ali, nem havia de ter pedido para emprender, nem para que lhe rasgassem a pele com o chicote e eu não via motivo nenhum para aquilo. O capitão deixou-me falar, sem me interromper, fiquei até na dúvida se me estaria a ouvir, ali sentado, imóvel e calado. Depois respondeu-me, num grande discurso com grandes palavras, falando comigo como se eu soubesse ler.

E eu pouco percebi. Falou-me de Deus e da Criação e de Eva e da maçã e depois do livro de Mateus e de escolher a porta larga ou a porta estreita. E no fim de tudo, disse apenas:

— Escolhe.

Arrastaram a negra para a minha frente. Mal se aguentava de gatas, estava estendida no chão. Ainda não tinha parido. Ainda olhava para mim. Voltaram a enfiar-me o chicote na mão e eu voltei a lançá-lo ao chão.

O capitão talvez tenha sorrido, mas a cara mexia-se-lhe pouco, entravada pelas cicatrizes.

— Dêem-lhe a raiz.

Eles riram-se e puseram-me uma coisa à frente. Uma coisa escura e torcida, com um palmo de comprimento, coberta de terra húmida como se tivesse sido acabada de colher.

— Come.

Como não me parecia grande castigo, comi. Mas o que raio que aquilo fosse sabia ao sarro que eu limpava da sola das botas do meu pai, não que alguma vez o tivesse provado. Cuspi, e

«Primeiro veio a fome. Estava habituado a ela.

Conhecia-a desde a infância, de quando dava do meu pão à minha irmã, às vezes tirado da minha boca, meio mastigado. Tentei ignorá-la, a fome, mas acabei por arriscar trincar um dos biscoitos duros que nos atiravam.»

eles voltaram a enfiar-me o pedaço cuspido na boca. O estômago rejeitou aquilo e vomitei e o sabor ainda era pior depois de ter estado na minha barriga. Eles deviam estar à espera, porque me cerraram os dentes à força e o estômago lá atirou aquilo no sentido contrário.

Comi mais dois bocados. Não comi. Enfiaram-na na goela.

Desmaiei.

Acordei afogado em náusea. Toda a minha pele ardia. Tentei levantar-me para ir vomitar, e caí.

Caí porque uma corrente me prendia o tornozelo. Só então o cheiro me agredeu. Um cheiro ácido, podre, morto. Tapei o nariz e olhei em volta. Estava no meio deles. Eles, os negros. Eu estava no meio deles, preso no meio deles, acorrentado nas mesmas correntes que eles, deitado na mesma madeira apodrecida por urina. E eles sentados ou deitados, fazendo pouco caso de mim. Tentei puxar a corrente, forçá-la com as

mãos e percebi, mesmo com a pouca luz que ali entrava, que a minha pele era negra. Os meus braços, o meu peito, negros. Levei a mão à cabeça. O meu cabelo, antes liso e oleoso, agora denso e encrespado.

Gritei, mas nem a voz era minha. Era como se fosse a sombra da minha voz. Gritei até eles virem, os meus companheiros. Chegaram de bastão na mão. Tentei explicar-lhes.

— Sou eu. Eu! O Porfírio!

O que chegou primeiro, a besta do Juvenal, partiu-me os dois dentes da frente com um soco. Depois, caíram todos em cima de mim. Pancadas, pontapés, bastonadas, até que desmaiei.

Acordei com um deles, dos negros, a limpar-me o sangue seco do lábio. Parecia um rapazote assim de perto. Nem sabia que transportávamos miúdos. Limpava-me com um farrapo que haveria de ter sido rasgado da roupa e que tresandava a mijo. Escorrai-o com um pontapé fraco e ele foi encolher-se junto dos outros. Continuava a olhar para mim, com olhos de diabo, olhos que brilhavam no escuro.

Tentei levantar-me, sem sucesso. Este corpo era inútil, ou por ser negro ou por estar todo quebrado. Tentei gritar e nada. Tentei chorar. Todos os dias, tentei chorar.

Primeiro veio a fome. Estava habituado a ela. Conhecia-a desde a infância, de quando dava do meu pão à minha irmã, às vezes tirado da minha boca, meio mastigado. Tentei ignorá-la, a fome, mas acabei por arriscar trincar um dos biscoitos duros que nos atiravam. No escuro, não vi as larvas, só dei por elas quando já se passeavam na minha língua. Cuspi, enfiei os dedos na boca para as tentar matar, para as arrancar de dentro de mim. Eram tantas, do tamanho de uma unha, brancas e eu contorci-me e gritei e cuspi e vomitei e prometi que nunca mais comeria. Antes a morte.

Já eles comiam de tudo. Os biscoitos, as lar-

vas... Vi-os comer ratos. Uns, matavam-nos com uma pancada na cabeça, outros, comiam-nos mesmo assim, a espernear, a cauda a revolver-se a cada dentada.

O capitão mandou chamar-me, não sei bem quantos dias teriam passado. Riu-se, quando me viu. Não sei se da minha cor, do meu cabelo ou das marcas da pancadaria. Não falou. Fez sinal com a cabeça e os outros arrastaram um negro para a minha frente. Um negro qualquer, que eu nem me lembra de ter visto lá por baixo, ou se tivesse visto havia de o ter achado igual aos outros. Voltaram a enfiar-me o chicote na mão. O negro não me olhou, não tentou dizer nada, nem se encolheu. Parecia, até, expor os costados para que eu lhe acertasse. Lá estavam pintados os vergões para me guiar.

Atirei o chicote ao chão e arrastaram-me novamente para a minha prisão, para onde os guardávamos, a eles, aos negros.

Depois de me prenderem, pontapearam-me até se cansarem.

Voltei a ser acordado pelo rapaz. Trazia-me um rato, morto e esfolado. Era quase apetitoso. Atirei-o pelo ar, o rato, não o rapaz, mas tinha vontade, se ele não tivesse fugido. Não desistiu e voltou a aproximar-se, mas agora com metade de um biscoito. Desfê-lo com muito cuidado, em pequenos bocados, e mostrou-me cada um deles, mostrou-me como estava livre de insetos. Acabei por aceitar, talvez porque não o queria aturar mais, e ele sorriu, num sorriso gengivoso, sem dentes. Como é que trincaria os ratos? Caiu-me bem o biscoito.

Depois veio a sede. Davam-me metade da água que lhes davam a eles, aos negros. Havia dias que acho que me davam mijo em vez de água. A fome eu conhecia. A sede enlouquece e, na loucura, faz-nos ver coisas.

Vi-me nascer, no meio dos gritos da minha mãe, da indiferença do meu pai. E quanto mais secava, quanto mais murchava, mais as feridas causadas

pelos meus companheiros se abriam e purgavam e reluziam. Vi-me morrer, no meio dos excrementos dos negros. E as feridas tornavam-se um chamariz para as larvas. Vi a minha irmã, que me queria dizer qualquer coisa e continuava sem conseguir falar. Ainda tinha o meu sobrinho na barriga. Até que já não o tinha na barriga, tinha-o nos braços e não era um sobrinho, era uma menina e depois percebi que era negro, porque não era a minha irmã, era a negra prenha, que agora não estava prenha e me vinha mostrar uma bebé, uma bebé que poderia ser minha sobrinha, mas estava ali, demasiado calada, demasiado magra, demasiado escura. Vi o céu mergulhar no mar e o mar engoliu o céu como se nada fosse, como se o mar tivesse sede de ar. E, às vezes, o rapaz vinha e tentava limpar-me as feridas, mas qualquer toque me causava dor e nojo e também comecei a ver cada vez menos, pois tudo surgia apagado, seco.

As larvas acumularam-se no meu pé, no meu pé negro, senti-as moverem-se sobre a minha pele, por baixo da minha pele, comendo-me, mastigando-me, pondo ovos na minha carne, fazendo de mim o seu ninho de onde novas moscas saíam. E as larvas haveriam de me comer toda a carne ressequida, toda a carne negra, por aí acima, desde o pé até me chegarem ao peito, ao pescoço, ao rosto, a moverem-se devagar, mas sem parar, por mim acima, a comer tudo o que encontrassem e eu sabia que iria sentir tudo, que só morreria quando estivesse devorado, ou nem aí, e continuaria a espernear na barriga das larvas, na barriga das moscas.

Então gritei. Acho que gritei. Gritei tão alto que ensurdeci e nem fui capaz de ouvir os meus próprios gritos. Eles ouviram e vieram buscar-me para me levar ao capitão. Sabiam que eu estava pronto.

Puseram-me o chicote na mão. Olhei para o negro ajoelhado à minha frente. Era o rapaz. A minha mão ergueu-se.

Os seus olhos brilhavam.

A minha mão brandiu o chicote. Uma, duas, tantas vezes.

Até que os seus olhos se apagaram.

Mas a minha mão continuou.

A minha mão. Branca.



ACERTO DE VIDAS

PAULA
CAMPOS

No corredor, o silêncio aguardava a forma como a ira de Dieu cairia sobre o homem da limpeza. Seria, com certeza, qualquer coisa hedionda, mas, a expectativa foi gorada.

O magnata não parecia sequer ter reparado na enorme mancha que o detergente espalhara no seu fato Armani e na alva camisa Valentino. Fixou um olhar humilde no de desafio do trabalhador.

A aflição dos empregados deu lugar à estupefação quando o Todo Poderoso reabriu a porta do seu inacessível gabinete e, com um gesto cortês, convidou o homem da limpeza para entrar.

Fora, o burburinho encaminhou-se para longe. Dentro, encerrava-se o segredo.

Armando Vendeiro entrou, empurrando o carrinho da limpeza como se fosse uma extensão dos seus braços, e dirigiu-se à janela por trás dos opacos cortinados de damasco. A avenida Montaigne respirava o luxo dos edifícios do século XIX e o ir e vir dos parisienses que frequentavam as sofisticadas lojas,

**«Quando me gritaste:
"Foge, Armando!", não
pensei que te despedias
de mim. Cego pelos
faróis dos carros que nos
perseguiam, corri pelos
matos até à nossa aldeia.
Era dezembro, lembras-
-te? O frio tinha gelado
a chuva consecutiva dos
últimos quinze dias.»**

sobretudo as de alta costura, que a povoavam. Mas, o bulício era inaudível dentro do faustoso gabinete do dono da multinacional, Jerónimo Rato. As pessoas raramente são o que parecem e dali não se podia saber se os que deambulavam lá em baixo eram leais ou traidores. "Deve ser por isso que ele tem aqui o gabinete, para não poder confrontar a sua vergonha com os outros e imaginar que os de lá de baixo são iguais a ele" pensou.

Jerónimo Rato abriu, atabalhoadamente, o frigorífico e retirou uma garrafa de aguardente.

— Esperei-te durante quarenta e dois anos.

Sentamo-nos?

Armando largou o carrinho e sentou-se numa das exclusivas cadeiras de puro couro, em frente ao homem que, apesar da amizade que os unia, o assombrava desde sempre. Embora ainda se debatesse com o dilema que ali o levara, aparentava tranquilidade.

— Nunca duvidei de que serias esta pessoa.

Mesmo antes de te encontrar, há cinco anos. Lá, na aldeia, todos acreditam que morreste ou que vives como um indigente.

— Há cinco anos? Porque é que só agora vens confrontar-me?

— Não pretendi confrontar-te. Passava pelo corredor, simplesmente.

— É, portanto, uma coincidência que trabalhes na minha empresa!

Armando levantou-se, segurando-se com as mãos nodosas aos braços da cadeira passeou-se pela sala e parou em frente do homem que lhe arruinara a vida.

— Estábamos destinados a encontrarmo-nos há quarenta e dois anos. Desde aquela noite.

Jerónimo não suportou o olhar do outro e baixou a cabeça. A voz saiu-lhe num sussurro:

— Nunca soube o que tinha sido feito de ti...

Então, Armando sentou-se, novamente, em frente do amigo de infância e, de olhar perdido na cabeça grisalha baixada, contou:

— Prenderam-me. Naquela madrugada, logo que o camião embateu no sobreiro do Cotovelo da Morte, percebi que estávamos perdidos. Quando me gritaste: "Foge, Armando!", não pensei que te despedias de mim. Cego pelos faróis dos carros que nos perseguiam, corri pelos matos até à nossa aldeia. Era dezembro, lembras-te? O frio tinha gelado a chuva consecutiva dos últimos quinze dias. A entrada da mina do Ti Jacinto continuava quase toda tapada pela derrocada que provocámos, quando explodimos a dinamite que o Zé da Horta guardava no alçapão do celeiro. Tínhamos doze anos. Lembras-te?

Jerónimo baixou os olhos.

— De lá, pude ver as lanternas dos homens

**«Fui um covarde.
Desgracei-te a vida.
Desde miúdo que te
incentivei a todas
as tropelias que
cometemos e deixei
que pagasses por
elas. Tu, o amigo
sempre leal. Sabia da
tua paixão por ela e
da tua amizade por
mim. Sabia que ela
te preferia e morria
de ciúmes de ti.»**

que nos procuravam em todas as casas, debaixo de cada pedra. A Secção do Pelotão de Piquete, o Sargento e o Oficial de Assis-tência. Eram catorze. Pareceu-me o exército inteiro. Tive medo das fardas, das armas, das luzes que se aproximavam de mim. Tive medo da minha mãe e dos nossos vizinhos, que se escondiam por dentro das janelas. Tive medo por ti. Nunca tive tanto medo. Nem quando, já de manhã, no Regimento, os oficiais me es-pancaram para que te denunciasse. Nem nos dez anos que passei na prisão. A prisão quebra um homem, sabes? Sobretudo um soldado, antes da Revolução.

— Não sabia que tinhas sido preso. Perdoa-me... Mas, Armando continuava de olhar e mente per-didos naquele passado.

— Foi o militar de reforço de segurança que deu o alerta, segundos depois de transformos

o portão de saída de viaturas. Afinal, o homem não estava tão bêbedo como pensávamos. Assim que ouviu o ronco do camião, chamou o cabo da guarda, o sargento e os três soldados. Correram para as traseiras do quartel, mas o condutor de dia não encontrava as chaves do camião, nem do parque de viaturas, nem do portão, no gabinete do oficial de dia. Pensávamos que aguentariam pior o álcool que os incentivámos a beber na festança. Lembras-te? Mandaram formar o regimento. Faltávamos nós. Daí a morderem-nos os calcanhares foi um instante. Se não tivéssemos perdido aquele tempo a tirar o pinheiro da estrada...

— Apanhavam-nos na mesma. Éramos dois rapazinhos de dezoito anos armados em homens de barba rija. Condenámo-nos assim que pensámos no assunto pela primeira vez.

— Não, ficámos condenados assim que a vimos pela primeira vez. Lembras-te? Apaixonámo-nos como só os inocentes conseguem — sorriu Armando.

O rosto de Jerónimo desanuviou-se e as palavras saíram da sua boca como açúcar.

— No dia da explosão. Foi aí que nos perdemos. Achas que ela guardou o segredo? Alguém vez terá contado que fomos nós?

— Acredito que não. A minha mãe — que Deus a tenha — contava-me as novidades sempre que ia à prisão. Um dia, disse-me que a Amélia ia casar com um primo que a levaria para a América. Foi noutra vida. Lembras-te?

— Então, nunca soube que o piano era para ela? Que o roubámos para a podermos ouvir tocar em casa, todos os dias, como naquela tarde, na vila, em casa da D. Zelinha? Embêcidos. Lembras-te, Armando? Ficámos parados, debaixo da janela, como se ouvíssemos anjos tocarem.

— Deve ter percebido. O piano foi encontrado na encosta do Cotovelo da Morte dois dias depois. Despedaçado. Nunca ninguém perguntou

tou por que tínhamos feito aquilo. Pensaram que o queríamos vender para arranjarmos dinheiro. Nunca contei a verdade. Mas, tu...

— Fugi. Dei o salto para França sozinho. Vivi dias como um animal acossado pela guarda. Tive medo. Como nunca tinha tido nem voltei a ter. Depois, trabalhei muito. E tive sorte. Cheguei aqui. Custou-me a família, os amigos, a aldeia. A Amélia. Fui um cobarde. Desgracei-te a vida. Desde miúdo que te incentivei a todas as tropezilhas que cometemos e deixei que pagasses por elas. Tu, o amigo sempre leal. Sabia da tua paixão por ela e da tua amizade por mim. Sabia que ela te preferia e morria de ciúmes de ti, da tua inteligência, da tua alegria, da tua facilidade de te fazeres amar pelos outros. Sabia que, apesar do perigo e da tua sensatez, também a querias fazer feliz. Usei isso contra ti. E falhei-te. Em poucos segundos, escolhi trair-te. Abandonei-te para arcares sozinho com a culpa do roubo daquele piano, que julgávamos raríssimo, mas, afinal, era um órgão. Também nós nos achávamos os donos do mundo e, afinal, não passávamos de dois pategos. Como é que me descobriste aqui? Mudei de nome, nunca mais contactei ninguém da aldeia. Vivo fechado, solitário, sem vida social. Aquela noite quebrou-me.

— Um acaso. Acreditas nos sinais da vida? Quando saí da prisão, tive vergonha de voltar para casa. França pareceu-me um destino natural. Dei o salto sozinho. Vivi dias como um animal acossado. Tive medo. Quase tanto como naquela madrugada em que o sargento da guarda me arrastou para fora da mina. Trabalhei muito. Mas, a única sorte que tive foi ver-te entrar no teu grande carro, à porta deste prédio, quando varria a rua, há cinco anos. Foi fácil saber quem eras e entrar no teu império como empregado de limpeza. Logo se veria. Não mudei de nome, mas não és tu quem escolhe os trabalhadores. Talvez não tenha sido sorte. A vida fala-nos de mil maneiras diferentes. É preciso saber lê-las e não lhes fugir.

— Compreendo que queiras vingar-te. Preferia que não nos tivéssemos reencontrado — suspirou o magnata, de voz embargada.

— Não comprehendo que me conheças pior do que eu. Preferia que o nosso segredo não tivesse acontecido — retorquiu o empregado da limpeza, sem azedume.

— Há muito tempo que somos dois velhos. As pessoas acham que se envelhece lentamente. Primeiro o corpo, que se deteriora, depois a alma, que perde o gosto pela vida, que se esvazia de desejos e se enche de recordações. Nós envelhecemos ao contrário. Aconteceu naquela noite. A vida tornou-se tão real, como se já tivéssemos conhecido o significado de todas as coisas,

como se tudo apenas se repetisse e os imprevidos não passassem, também, de banalidades. Envelhecemos naquela madrugada, há quarenta e dois anos, quando te abandonei, cobardemente.

— Sempre soubemos que este encontro aconteceria. Era preciso encerrar a história que nos comeu a alma. Agora temos de esperar que o corpo se apresse.

— Voltaremos a ver-nos?

— Não. Deixemos correr o que resta. Como até aqui: sozinhos.

Levantaram-se ambos num abraço espontâneo. Duas vidas, finalmente, acertadas.

O homem e o seu destino amparam-se mutuamente.





Aos meus olhos, sempre foste a melhor. Conhecia as linhas que costuravam as tuas mãos e o cheiro a sabão azul e branco da tua roupa. Fazias como ninguém filhoses de abóbora, tinhas medo da trovoada, e a tua gargalhada ouvia-se num raio de demasiados quilómetros. Andavas de muletas porque a tua distração te fez cair vezes de mais, que o digam os balcões. Fechavas o rosto quando as conversas se desencaminhavam, assim como alargavas o sorriso em satisfação.

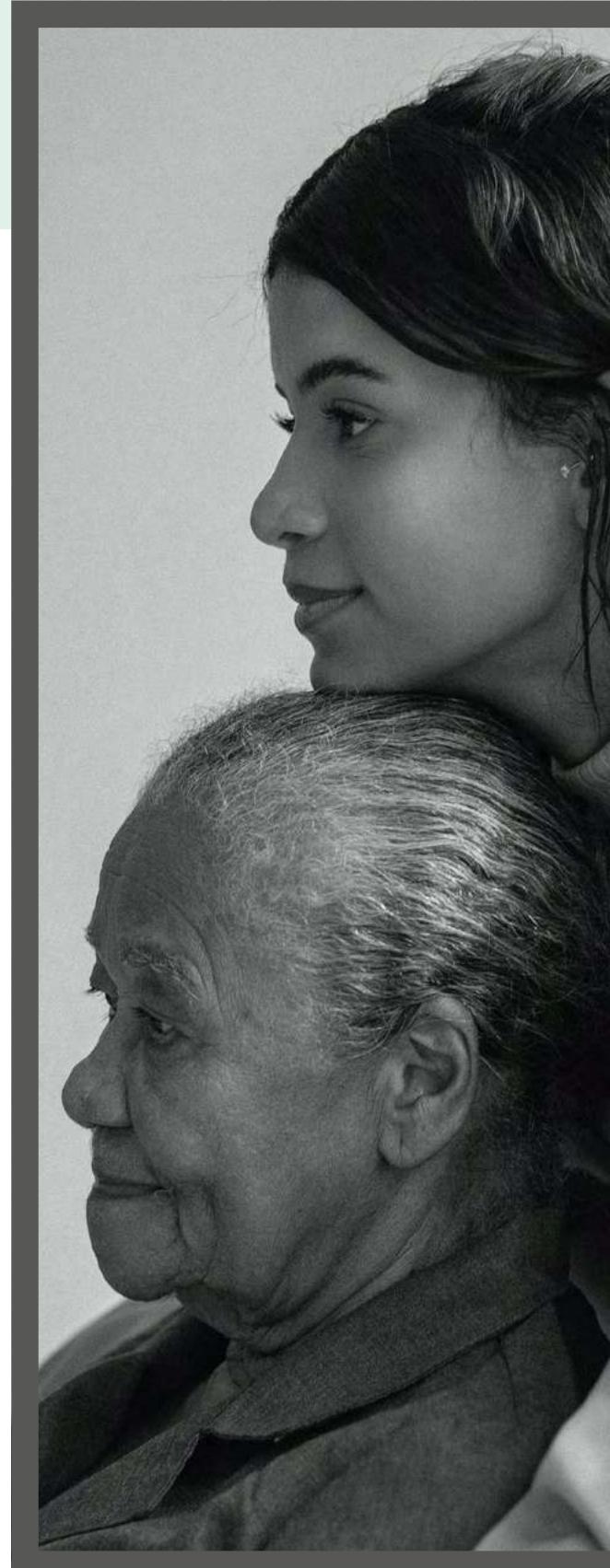
Daquele dia tenho memórias esbatidas. Estavas rodeada por muita gente. Ouviam-se gritos e conversas despropositadas. Pela primeira vez, parecias não te importar com o rebuliço. Reflectias em silêncio, ausente de ti. As pessoas procuravam-me para me dizer coisas que não entendia e abraçavam-me sem permissão.

Ninguém me explicou que a tua ausência era irreversível. Só percebi isso quando não telefonaste no meu aniversário. Nesse mesmo dia, dirigi as minhas orações a Deus. Pedi a tua imortalidade até à exaustão. Revoltei-me, recusando a tua viagem.

Tornei a ver-te dias mais tarde. Primeiro, pouco nítida, a passar apressada entre divisões. Sem muletas. Depois, mais e mais focada. De roupa cinzenta e de avental posto, estavas ali mesmo. Assumi que as minhas preces tinham sido atendidas, mas pedir que ficasses custou-me todas as lembranças. Esqueci-me da tua voz, do aroma da tua colónia e do doce calor do teu colo. Durante anos, permiti que circulasses calada e indiferente, cheirando a coisa nenhuma e emanando um frio que não passava.

Demorei-me a reverter esta escolha. Mas hoje te digo: «Podes ir, avó; vem buscar-me mais tarde.»

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.





MARIA
VARANDA



El que no sabe de amores llorona, no sabe lo que es martirio.

Natalia Lafourcade, La Llorona

Os lírios presenteiam o rio em tons de roxo, perdendo pedaços de si numa promessa de união que só se concretiza na morte e na penúria. O rio, incessável na sua correria até se desfazer no mar, tão escuro que não se deixa conhecer, murmura um «olá» e um «adeus» conjunto, levando as pétalas na sua frieza.

A água negra que receba as minhas lágrimas e as leve, que me lave a dor e a memória, e o sangue de dentro e de cima de mim. Pedi perdão, mas Cristo não mo concedeu; chorou quando ditou a minha penitência no seu silêncio de ferro, como tu choras por mim, eternamente, no rio. Há pecados que nem Deus pode perdoar.

Ouço a tua voz, lamuriando o meu nome. Há quanto tempo esperas por mim aqui, ao relento, sozinha? Choro, entrando nas águas às quais tu te uniste, na ânsia de me unir a ti. Deixo que me envolvas com o teu xaile, protegendo-me do frio. Há dores que só a morte pode mitigar.

O vento sopra, beijando o campo, e ouvem-se os lírios a chorar também.



O LAGO ONDE PASSÁMOS O VERÃO

MARISA
FONTINHA

O quarto continha um escuro e o cheiro parecia pior. Água estagnada ou terra molhada.

Estava na ponta da cama, de pés cruzados e joelhos na testa. No chão, estavam poças criadas pela água que escorria do cabelo. As mãos estavam brancas e apertavam a pele das pernas com força, como se quisessem gerar calor. Deixavam marcas pretas. A ausência de movimento era constante. O frio, a água, o escuro. Interminável.

No quarto ao lado, a mãe chorava. O pai olhava para a televisão. Na manhã seguinte, alguém começou, finalmente, a pôr os brinquedos em caixas.



VERMELHO REQUINTE

RITA
SANTOS

em colaboração com



Edição e curadoria:
Pedro Lucas Martins

— Oh! O Joaquim tem de compreender. Não podemos ter aquele tipo de acontecimentos nesta casa. — Armanda passou as duas mãos pela cabeça, como que a apanhar um cabelo invisível que tivesse fugido do gancho que prendia com firmeza o cabelo cinzento na nuca.

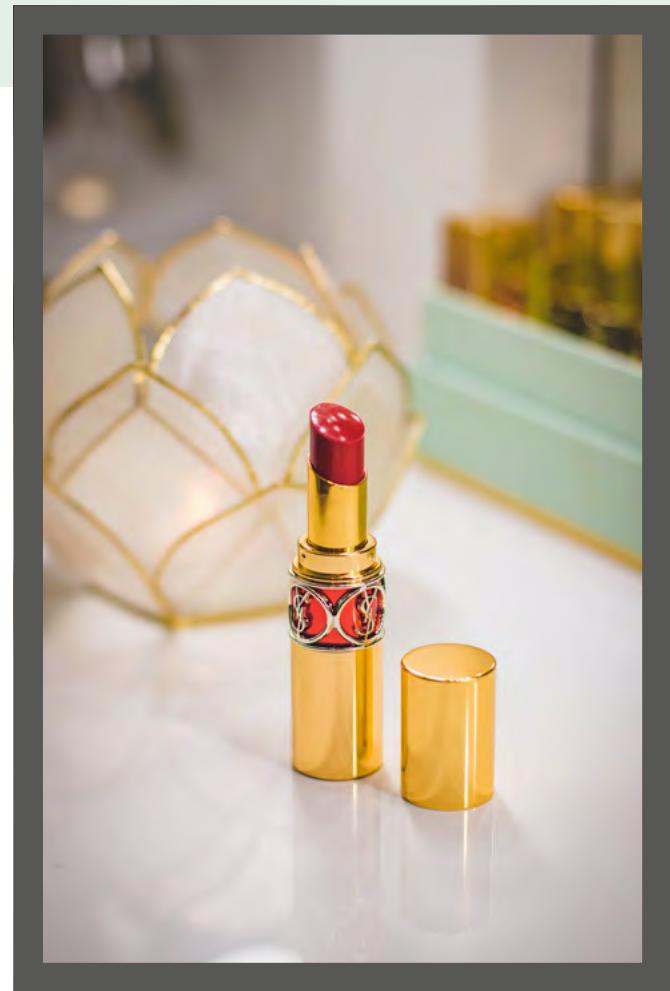
— Não tenho nada! TI-REM-ME DAQUI! — Joaquim soltou um berro de cansaço, fazendo uma última tentativa de libertar os pulsos amarrados à cadeira. O ímpeto foi tão grande que caiu desamparado para a frente. Ouviu-se um baque. Joaquim começou a gemer num tom quase inaudível. Escorria sangue da cabeça quebrada no chão.

— Ahhhhhhhhhhhh! — a loira platinada atada a uma cadeira ao lado de Joaquim, soltou um grito. — Ele está a sangrar! Armanda, por favor! Esperamos o tempo que for preciso para ter a certeza, mas deixe-me ajudá-lo! — A sapatilha branca da loira ficou manchada de sangue. Armanda fez um trejeito com os lábios e murmurou qualquer coisa acerca das cadeiras da tia-avó.

— Imagine só o que diriam os jornais sobre a casa Montalvão e Sá? Imagine o que diriam de nós. — Armanda fez uma pausa e retirou o batom «Vermelho Requinte» de uma pequena bolsa preta, que extraiu de um bolso fundo da saia.

— Vicente, confirme por favor se as cordas estão bem apertadas. Já peço para virem fazer um curativo ao Joaquim. Não somos monstros. — Armanda fitava Ana Rita nos olhos enquanto dizia cada palavra.

Vicente manteve-se em silêncio. Verificou a



tensão nas cordas que prendiam o homem moribundo e levantou-se, confirmando, no espelho de parede, que não tinha salpicos de sangue na roupa. Sabia que não devia interferir nas decisões da mulher. Ajeitou o bigode. Não fosse a roupa Sacoor e uma pose ensaiada, Vicente seria um homem vulgar. Se agora era um gentleman, isso devia-se ao visual curado por Armanda. Ainda a olhar para o espelho, analisou a cena escabrosa que ocorria debaixo do seu tecto. Um homem amarrado a uma cadeira tombada no chão, que gemia de dor, com um enorme golpe



Na cabeça, de onde saíam jorros de sangue. Ao lado, a loira, com roupa uns números abaixo do que vestiu em tempos, soluçava e dava pulinhos na cadeira como se isso a ajudasse a sair dali. As cadeiras eram de madeira maciça, boa. Nada das porcarias nórdicas que agora se vendem ao desbarato. O choro compulsivo completava a imagem patética. O rímel barato tinha escorrido e criava dois grandes riscos desde as pálpebras inferiores, passando pelas bochechas até ao queixo. Ana Rita parecia, à falta de melhor palavra, uma palhaça de um circo pobre. Armandinha surgia impassível e gigante atrás deles. A pose de realeza, a roupa de última estação, o cheiro a YSL... Classe. Vicente voltou à memória recente.

Nas últimas semanas, uma loucura apoderara-se de Odivelas. Passados poucos dias, perdia-se a conta aos focos de infecção no distrito de Lisboa. Numa semana, o país tinha sido conquistado. Sem luta.

Como descrever a loucura? Era o tipo de acontecimentos que os pasquins publicariam, mas que o Expresso ia ignorar. Por isso, de início, passou despercebida. Pelo menos, à elite. Nas primeiras notícias, que não chegavam a ocupar meia página, falava-se do peculiar caso de uma mulher na Póvoa de Santo Adrião, que lavou as janelas com manteiga de amendoim. Em entrevista, garantia que sempre lavou janelas assim e não percebia a comoção. O tom do artigo era jocoso.

Lá para cima, um homem levantou-se da mesa, a meio de uma conversa sobre as obras na marquise, e disse aos amigos que ia passar férias aos EUA. Veio-se a descobrir que o homem se despira e atirara ao Mondego. Tencionava ir para os EUA a nado! O cadáver foi encontrado no rio, a 2 km do local onde tinha abandonado o carro. No Forte da Casa, outra mulher foi apanhada a alimentar patos com um estufado, que preparava tendo o seu rafeiro Bobby como ingrediente principal. Foram as manifestações das associações protetoras dos animais, em frente à Assembleia, que contribuíram para levantar o alarme

social. O que ninguém adivinhava é que já era tarde para deter o vírus.

Em todos os casos, as pessoas desempenhavam tarefas mundanas. Mas a noção do que era lógico e razoável desaparecera. Era impossível conversar com elas. Pareciam ter o cérebro contaminado. Pessoas brincalholas e espirituosas perdiam a personalidade e tornavam-se um invólucro vazio. Ao fim de uns dias, os corpos imobilizavam-se. Depois, a morte.

Entre as vítimas (apenas adultos), não se contavam seniores com mais de 75 anos. O vírus sabia que, em certas idades, havia outras formas de o corpo desistir.

Vicente observou a mulher colocar o batom nos lábios.

— Decerto a Ana Rita comprehende. Nós não temos saído de casa, mas vocês sim. Idas ao supermercado e a feiras e assim. — Armanda gesticulou ainda com o batom na mão.

— Sabe-se lá onde andaram. Eu só saí uma vez. Fui ao chá-de-bebé do terceiro filho da Tita Pinto Coelho. Foi horrível, horrível. A Nininha Sousa Santos é uma das pessoas mais educadas que conheço. Sentiu uma textura estranha a trincar um dos rissóis. Ficou tão atrapalhada a pobre-zinha. Ela quis cuspir para um papel, mas não conseguia. Ficou com uma linha de coser presa nos dentes. Quanto mais lutava, mais linha puxava. Metros e metros de linha azul. Com os gritos, até os meninos saíram da piscina para ver o que se passava. No fim, vimos que todos os rissóis tinham linha no recheio. Pedi logo ao Joaquim para me conduzir a casa. Não sei se vou conseguir ultrapassar o trauma — lamentou, colocando uma mão no peito. — É por isso que temos de nos certificar que a Ana Rita e o Joaquim não estão infectados. — Armanda levou o batom à boca e deu-lhe uma dentada.

— Armandinha... — o marido deixou a voz morrer-lhe nos lábios.

— Diga, Vicente? — Armanda arqueou as sobrancelhas, deixando antever um sorriso tingido por «Vermelho Requinte».

A CANETA PREGUIÇOSA

ONDINA
GASPAR



Avelha senhora Lista Telefónica foi a primeira a chegar ao telefone. É o local. Levaram o Sr. Dicionário na ambulância e correram para o hospital.

— Menino Francisco, não o vejo a escrever nada. Já avisei que têm de acabar a composição. Daqui a vinte minutos todos têm de a entregar.

— Mas, mas, senhora professora, a minha caneta não escreve — responde o Francisco muito atrapalhado.

— Quantas vezes já vos avisei para trazerem sempre uma caneta com tinta? A Dona Caneta azul espreguiça-se. Tem a barriga cheia, mas hoje não lhe apetece escrever. Prefere ficar ali no estojo, quietinha, a relembrar letras e números e histórias secretas que só uma caneta como ela já escreveu na vida e guardará em segredo.

O senhor Lápis, seu vizinho, sente-se frustrado. "Nunca se lembram de mim. " — pensa — "Deve ser por eu ter um bico negro de carvão." Está tão fraquinho e sente que, ao mínimo esforço, o seu bico se partirá e lá terá que pedir ajuda à Dona Afiadeira. Esta e a Dona Borracha são amigas fiéis, mas a vida delas consiste em socorrer o senhor Lápis até ao fim dos seus dias. A verdade é que ele não poderia existir se não fossem elas. Considera-as como uma mãe e uma avó.

«Ao lado moram os meninos Lápis de Cor. São muito alegres e divertem-se a colorir todas as folhas brancas que apanham a jeito.»

Quando o seu bico se parte, lá está a Dona Afia-deira sempre pronta para lhe dar mais uma vida. A Dona Borracha alegra-se cada vez que o Lápis faz asneiras e rabiscos. É a sua oportunidade de entrar em ação.

Ao lado moram os meninos Lápis de Cor. São muito alegres e divertem-se a colorir todas as folhas brancas que apanham a jeito. Têm muita imaginação. E nada lhes escapa. Se tiverem de pintar um desenho feito pelo senhor Lápis, nem um único pormenor lhes escapa.

O menino Francisco continua perdido, sem saber o que fazer. A Dona Caneta continua fiel à sua determinação de não querer trabalhar e ficar sossagadinha no estojo a viajar pelas letras e números. A professora, vendo a inquietação do menino, chama-o de novo à atenção.

O senhor Lápis, que sempre foi preterido e esquecido, tenta a todo o custo, rebolar para fora do estojo. Mas, logo os Lápis de Cor vêm em seu encalço e formam uma roda a obstruir a sua passagem. "E se eu colorir a página, em vez de escrever?", pensa o Francisco.

Os Lápis de Cor põem-se logo em pé, pedindo, por favor, para serem usados.

— Nós fazemos um desenho! Vai ficar muito bonito — suplicam em coro.

O senhor Lápis encosta o bico à Dona Borracha e chora desconsolado. Esta, com a sua pele branca e macia, acaricia-o, como se ele fosse o seu bebé. Conta-lhe histórias de antigamente, quando ele era o preferido de todos. Nesses velhos tempos, não existiam os Corretores, uns senhores de baba branca, que se espremem todos para apagar tintas. Os Mata-Borrões, esses coitados, já estão mortos e enterrados há séculos. Ninguém se lembra deles.

A Dona Afia-deira, esquecida por todos, cada vez mais inútil, adormece, sonhando com um mundo cheio de lápis amigos precisando dela.

A professora parece não achar graça nenhuma ao desenho do menino. Embora este esteja de acordo com o tema (representa um menino a subir no espaço num balão rumo às nuvens e aos pássaros), o que pretendia era uma composição com o título "O menino que queria ir ao céu". A Dona Piedade está muito zangada, mas esboça um leve sorriso. Contudo, disfarça-o para manter a ordem.

— Francisco, para a próxima não vou admitir mais estas avarias.

O menino treme que nem varas verdes.

A Dona Caneta, escondida dentro do estojo, ri a bandeiras despregadas. Sabe que a sua decisão de não escrever tinha sido infeliz, mas era tão bom espreguiçar-se e sonhar... Nunca tinha percebido por que razão era a mais solicitada. Porque é que o senhor Lápis, a Dona Afia-deira e a Dona Borracha, estavam sempre quietinhos no seu canto? Era um dia frio e áspero de Inverno, que fazia tremer até uma simples caneta. Não lhe apetecia nada ir para as mãos trémulas e gélidas do menino e andar por ali a tremelicar à deriva. Estava tão quentinha ali dentro. Por outro lado, sentia que estava a ficar velha e ultrapassada. Falava-se que tinham aparecido uma espécie de extraterrestres a que chamavam "computadores", "tablets" (seriam chocolates, as únicas tabletas que conhecia?). Eram uns seres horren-

dos, grandes e feios, cheios de labirintos de fios e teclas, muito complicados e difíceis de perceber para uma simples e mortal caneta.

Sentia-se uma formiga. Mas até já nem se importava. Era da maneira que podia descansar. Eles que trabalhassem agora e mostrassem o seu poder ao mundo. Ela e os da sua geração já tinham cumprido a sua missão e dado muito que falar por esses livros e manuscritos fora. E tinha a certeza, que as suas irmãs, filhas e primas continuariam.

Agora era hora de se aposentar e dar lugar aos mais novos: essas crianças chamadas Teclas, Monitores e (vejam lá!) Ratos. Como se, alguma vez, esses animais se pudessem imiscuir nos assuntos das letras e dos números! Enfim!...Modernices!

Num dia de verão quente, já quase no término do ano letivo em que todos já só pensavam em férias, o menino Francisco decidiu apresentar o seu computador novo na escola. O pai tinha-lho oferecido como prenda de anos e ele, todo contente, queria mostrá-lo à professora e aos colegas.

Nesse dia, o estojo limitou-se a passear na mochila, de casa para a escola e da escola para casa, com os habituais habitantes, curiosos e atónitos, lá dentro. Pobres esquecidos!

A Dona Caneta não estava nada preocupada. Se calhar, tinha chegado o momento de finalmente descansar o seu corpo plástico e roliço de sangue azul. Sim. O dela era azul. Não era uma caneta qualquer, como essas ordinárias de sangue vermelho como os tristes humanos ou preto como...como...aqueles seres marinhos nojentos... como se chamam? Ah, os chocos!!

Ela era uma rainha nobre no seu porte e de sangue bem azul. Já começava a ter falta de circulação, mas com sopro daqui e sopro dali, espremida e lá continuava de pé. Mas, agora, preferia ficar deitada e divertir-se a observar por um pequeno buraco do estojo os tais monstrinhos eletrónicos e complicados.

O monstrinho do menino Francisco era pequenino e transportável. Chamavam-lhe portátil. Era quase um brinquedo. Um Pêcê. Isso é nome de gente? Seria diminutivo de quê? Mas não interessa...

Já que a caneta estava em greve, pretendia mostrar à professora que havia substitutos.

Francisco sempre fora muito inovador, como já deu para perceber.

O menino Pêcê era muito complicado. Primeiro pediu uma palavra passe.

"Que é isso de palavra passe?" — questionava o Francisco, já arrependido de se ter metido nessa aventura. Carregava, vezes sem conta, nas pobres das teclas, que se encolhiam, cheias de medo, sob os seus dedos, e nada saía.

"E agora?" Tinha uma composição para fazer e a Dona Caneta recusava-se a trabalhar, como era habitual.

O senhor Lápis bem esticou o seu bico bem alto para se lembrar dele, mas o Francisco nem reparou. A Dona Borracha e a Dona Afiadeira nem se pronunciaram. Não valia a pena. Renderam-se à sua inutilidade. Eram obsoletas.

Os meninos Lápis de Cor saltavam na sua caixa a suplicar em gritos estridentes:

—Nós, nós! Estamos aqui! Lembrem-se de nós! Nada, não houve resposta ao pedido.

Francisco não queria dar parte de fraco e continuava a sufocar as teclas e números ao acaso na tentativa de procurar a palavra passe.

Até que "o monstrinho" Pêcê ficou tão baralhado que bloqueou. O menino chorava desolado de tão frustrado que se sentia.

Afinal, se calhar, seria melhor recorrer à sua velha caneta. Esta parecia adivinhar-lhe os pensamentos e achou que finalmente tinha chegado a sua hora. E, antes que o menino abrisse o estojo e a obrigasse a sair da sua fiel letargia, sabendo que já teria pouca utilidade, decidiu fazer uma coisa: esgueirou-se, espreitou pelo fecho do seu esconderijo e decidiu que dali só sairia esvaída em sangue azul, com toda a sua dignidade de rainha. Jorrou uns pingos, e mais e mais, até ficar sem pinta de sangue.

Ficaria apenas na memória de alguns. Tinha mantido a sua postura no mundo fascinante da escrita. Essas máquinas modernas e insolentes nunca saberiam apreciá-la.

Ou talvez não. Quem sabe se o Francisquinho não terá aprendido que todos temos um lugar e um tempo no mundo? Que tudo poderia melhorar, se existisse a união entre todos e que nada nem ninguém poderá tirar o lugar ao outro?

NEM SEMPRE SE GANHA, NEM SEMPRE SE PERDE

TERESA
DANGERFIELD



Amãe pusera-lhe o nome de Eduardo, como o avô. Na escola, todos lhe chamavam *Betboy*. Do avô herdara as sardas e o cabelo ruivo encaracolado, que lhe dava um certo ar matreiro, mas a obsessão que tinha em fazer apostas, essa não se sabe de onde vinha.

Eduardo adorava competir em tudo, fossem jogos de tabuleiro, corridas com os amigos, ou notas nos testes da escola. Gostava de desafiar quem podia e fazer apostas, e ambicionava ser o primeiro em tudo. Por isso, passaram a chamar-lhe *Betboy*. Mesmo assim, não deixava de ser popular e havia sempre quem tivesse a esperança de o vencer. Hugo era o seu melhor amigo. Frequentavam juntos o quinto ano do ensino básico.

Todos os anos se realizava o Dia de Desporto no distrito escolar a que pertenciam. Competiam em diversas modalidades e ninguém ficava de fora. Não faltava quem estivesse ansioso por mostrar as suas habilidades. Eduardo e Hugo iriam participar na corrida de corta-mato de 3 km, com colegas da sua e de outras escolas. Todos receberiam certificados, fosse qual fosse o resultado, no entanto, Eduardo, mal viu a mesa com os prémios alinhados — troféus e medalhas — não pode deixar de comentar:

— Deram-me o número 3, mas apostei que vou chegar primeiro. Que achas, Hugo?

— Não consegues só divertir-te, *Betboy*? Deixa as apostas! Nem sempre podemos ser os primeiros.

— Queres apostar que já cá canta mais uma vitória, Hugo? Aquele troféu está mesmo a olhar para mim e não é de mais ninguém.

Uma coisa Hugo sabia: apesar de ser mais baixo e menos encorpado, também conseguia ser rápido a correr. Aceitou o desafio.

— Aposto o que quiseres!

— Se eu não ganhar, nunca mais vou apostar nada! — disse o Eduardo.

— Boa! Vamos a isso.

Estavam todos prontos para a largada em massa.

O professor responsável levou o apito à boca, deu o sinal de partida e a corrida começou.

Daí a pouco começaram os gritos de encorajamento dos familiares, amigos e treinadores que torciam pelos participantes. Estes avançavam em passadas largas e rápidas.

Pela frente tinham um percurso com algumas subidas, descidas e obstáculos naturais: um pequeno riacho e troncos de árvores caídos por aqui e por ali, já que parte se realizava numa floresta. Também teriam de passar por terrenos com lama, pois chovera bastante no dia anterior. Estavam todos bem preparados e, para além disso, havia voluntários espalhados por diversos pontos, prestes a socorrer alguém que se visse em dificuldade.

Os corredores seguiam determinados. Mais adiante, viram uma bandeirola vermelha. Tudo a virar à esquerda. Avistaram uma barreira de lama. Na floresta ressoava a batida dos passos pesados, e os respingos das poças de água da chuva deixavam marcas nas roupas e nos corpos dos corredores. Alguns por pouco que não afundavam os sapatos na lama. Splash, splash, spalsh, era o que mais se ouvia.

Nessa altura, houve quem começasse a ficar para trás. Eduardo e Hugo corriam quase a par. Hugo ia escorregando, mas aguentou-se. Eduardo passou-lhe à frente. Daí a pouco, Hugo conseguiu apanhá-lo. Alguns minutos depois, avistaram uma bandeirola amarela. Tinham de virar à direita. Continuaram sempre em frente, orientados por várias bandeirolas azuis. Hugo sentia-se confiante e acelerou o passo. As multidões tinham ficado para trás e ouviam-se apenas alguns chapins no meio dos pinheiros.

«Na floresta ressoava a batida dos passos pesados, e os respingos das poças de água da chuva deixavam marcas nas roupas e nos corpos dos corredores. Alguns por pouco que não afundavam os sapatos na lama.»

Sentiu o coração a martelar. Respirou fundo, tentando sentir o aroma dos pinheiros e o cheiro da terra húmida. Continuou a avançar.

Por momentos, Eduardo deixou de estar em primeiro lugar. Nisto, viu cair um colega que corria perto dele, o Pedro. Fechou os olhos com força, para fingir que não o via. "Alguém há de ajudá-lo", pensou "Se não me despachar, perco a aposta". Acelerou o passo. De seguida, era preciso saltar uns troncos e depois umas poças de água. Escorregou, ficou todo sujo e molhado, mas levantou-se rapidamente e alcançou Hugo, que já seguia mais adiante. Outra bandeirola vermelha indicava o caminho à esquerda. Estavam os dois sozinhos à frente. O resto do grupo vinha a uma distância maior.

Para ter a certeza de que ninguém o poderia ultrapassar, Eduardo virou-se para trás e não reparou numa poça de lama. Catrapus, caiu. Ao

tentar levantar-se, sentiu uma dor enorme no pé direito. Gritou. Tinha a certeza de que o torcera e não via ninguém por perto para o ajudar, pois estava numa zona de arvoredo mais intenso, que bloqueava a visão dos voluntários. Em vão, tentou de novo erguer-se.

Hugo, já ia adiante, quando ouviu o grito. Olhou para trás e percebeu o que se passara. Seria a sua grande oportunidade de chegar à meta em primeiro lugar. Ainda correu alguns metros, mas...

— Não, Hugo, não venhas, segue em frente — gritou Eduardo, que começara a andar ao pé-coxinho, apoiado num ramo de árvore que

encontrara por perto. — Desta vez serás tu o vencedor.

— Não te preocupes, eu prefiro não o ser. Nem sempre se ganha, nem sempre se perde. Vais ver que conseguimos — respondeu Hugo, dando-lhe o braço.

— Conseguimos? Que queres dizer?

Em breve passaram por eles alguns corredores. Ouviram-se risadas e comentários. Eduardo caminhava amparando-se a Hugo. Entretanto, Pedro, alcançando-os, agarrou no outro braço de Eduardo. Este sentiu-se aliviado por o ver bem, mas envergonhado pela forma como se tinha comportado com ele.

Passava bastante da hora prevista para todos finalizarem o corta-mato. Já se sabia do sucedido, pelo que a chegada dos três corredores era aguardada com ansiedade. Os gritos de encorajamento da multidão soavam cada vez mais perto. Negaram qualquer ajuda, confiantes de que, juntos, iriam conseguir terminar a prova. Cansados como estavam, mal viram o funil de chegada sentiram um grande alívio. Foram os últimos a passar a meta, os três abraçados, entre muitos aplausos e vivas. Finalmente, podiam descansar e respirar fundo.

Quando perguntaram a Hugo por que razão não deixara Eduardo para trás, já que alguém o iria socorrer e podia ter vencido, ele simplesmente respondeu:

— E como é que eu me iria sentir com uma vitória dessas? Não podia deixar o meu amigo assim. Que pensaria a minha mãe?

Depois, voltando-se para Eduardo, com um grande sorriso, disse:

— Acabaram-se as apostas, amigo.

Eduardo, acenou com a cabeça e deu-lhe um grande abraço. Era o fim da sua era de Betboy, mas percebera que a amizade é bem mais valiosa.

«Cansados como estavam, mal viram o funil de chegada sentiram um grande alívio. Foram os últimos a passar a meta, os três abraçados, entre muitos aplausos e vivas. Finalmente, podiam descansar e respirar fundo.»

RESISTENTIA POETICA

CENÁRIO

RONALDO
CAGIANO

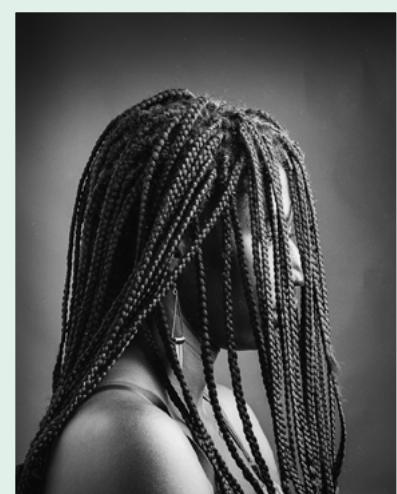


Ronaldo Cagiano nasceu em Cataguases (MG , Brasil), viveu em Brasília e São Paulo, formou-se em Direito e trabalhou na Caixa Econômica Federal, onde aposentou-se, estando radicado em Portugal há seis anos. É autor, dentre outros, de "Dezembro indigesto" (Prêmio Brasília de Literatura, Contos. 2001), "Dicionário de pequenas solidões" (Contos, Ed. Língua Geral, Rio, 2006), "O sol nas feridas" (Poesia, Ed. Dobra, SP, finalista do Prêmio Portugal Telecom 2012), "Eles não moram mais aqui" (Contos, Prêmio Jabuti 2016), "Cartografia do abismo" (Poesia, Ed. Laranja Original, SP, 2020) e 'Arsenal de vertigens" (Húmus Editorial, Portugal 2022).

... que faz um poeta entre destroços?

Inês Lourenço

...e essa miséria
colonizando nossos olhos
já tão mecânicos em seu longo jejum de belezas
Radar dos meus espantos,
eles contemplam fatigados
esse inventário de sombras
esse vórtice de desesperos
A realidade trazendo emoções espúrias
nessa indisciplina de ser animal entre homens
de querer ter alma entre destroços
de pertencer a outro tempo
Nesse despudor, o destino sem rosto
mas pleno de restos,
dispara suas flechas metafóricas
e arbitra uma noite mineral e oblíqua
sobre as não-vidas
pagando pedágio à alfândega de refugiados
A exclusão quotidiana,
máquina de torturas
esmagando sonhos
assinala a precoce vertigem
desse século
e me faz habitar a angústia,
essa pátria **interior**



Fotografia: Gonçalo Martins

RESISTENTIA POETICA

SERÁ

ANA
COSTA

À minha frente estende-se o caminho
já por tantos percorrido
e que, espera-se, outros tantos irão trilhar.
É a assim a vida, dizem,
mas eu fico a pensar: será?

Dou por mim a sonhar a mesma vida
já por tantos sentida
e que traz tudo o que é preciso.
É isto o natural, dizem,
mas eu fico a pensar: será?

Deixo os meus passos seguirem o trilho
já de tantos conhecido
que se oferece para me levar lá,
onde o futuro me aguarda, dizem,
mas eu fico a pensar: será?



Fotografia: Gonçalo Martins

Prefiro não seguir por aqui.
O que está para lá deste trilho eu quero e vou descobrir.
Outros sonhos me esperam e são os meus.
Não sabes o que fazes, dizem.
Não respondo,
porque não vão entender,
porque, agora sim, estou a **viver.**

RESISTENTIA POETICA

PREFERIA QUE NÃO

ANA
RIBEIRO

Preferia que não conhecessem, ó versos virgens,
os escarcéus da minha alma.

Não, tal qual se impõe: mornidão dos ósculos do sentir.
Por favor, ó Deus, restitui-me a brandura e a calma,
traz aos meus dias a urgência de tão-só saber existir.

Fiz morada incerta no Hades do descontentamento,
achando por bem perpetuar lá a minha tão obstinada petulância.

Mas ao perder-me, senti a necessidade de encontrar-me,
descendo do pedestal da minha arrogância.

Preferia que não conhecessem, ó versos virgens,
o cheiro a cipreste que norteia toda a minha existência.
Conjuro-te, ó dono dos céus e da terra,
que, de mim, noite e dia, tenhas **clemênciа**.



Fotografia: Gonçalo Martins

GAVETA DOS SONHOS

ANA
SILVA

Lá, onde o primeiro fragmento de memória
me coloca no mundo,
sou apenas mãos.

Dedos pequeninos que seguram berlindes coloridos.

Vejo-os, como se os tivesse aqui agora.

São as mãos que os vêm,
que lhes dão cor e existência.

E os vidrinhos polidos,
continuam reais,
num pedacinho de memória
que insiste em dizer que eu,
apesar de estar aqui,
continuo lá, maravilhada, com as cores
que se fundem num diáfano assombro.

Não me prende o passado,
nada lhe devo!

Paguei-lhe com sonhos,
com promessas que sucumbiram
à cobardia da incerteza.

Pergunto-me: porque aprisionei os meus sonhos?

Porque não confiei nas minhas mãos?

Cansei-as, numa labuta cega.

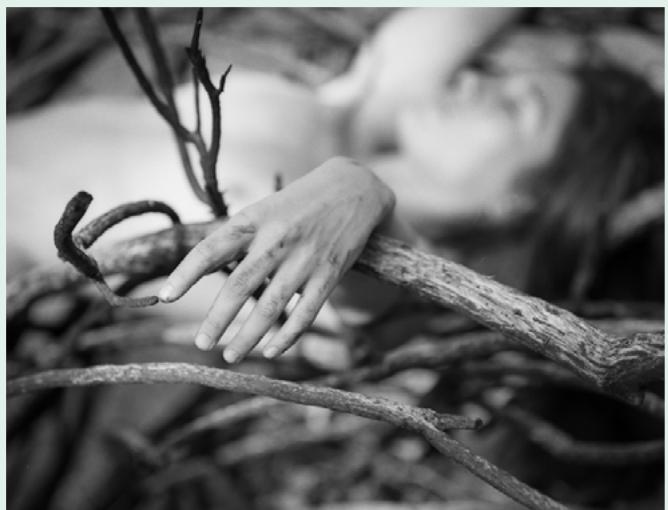
Não as soube libertar.

Seguro a comoção das lágrimas
que teimam embaçar-me a vista,
e nessa névoa volto a ver as minhas mãos,
curiosas.

A olhar o mundo dentro dos berlindes.

Na memória, o tempo não tem medida,
estou mesmo lá,
fecho os olhos,
e com as minhas mãos livres,
vou abrir a gaveta...

Voem sonhos, voem, que eu escolhi ficar por **aqui!**



Fotografia: Gonçalo Martins

RESISTENTIA POETICA

SEM TÍTULO

ANTÓNIO
C. GUERREIRO

A todos que querem calar minha fonte
Toldar a sua voz e secá-la, dá-la por murchada
Para que dela nada brote de minha fronte
Ou só brote estagnada água suja e conspurcada.

A todos que querem calar minha fonte
Sua voz fazê-la emurcharcer
A tudo que procure intoxicar minha fronte
A tudo que a intente enfraquecer.

A todos que querem calar minha fonte
A todos que querem ensombrar sua voz
A tudo que sobre mim queira desvanecer minha fronte
A tudo que sobre mim tencione cair de forma atroz.

Anuncio e declaro que não farei da minha vontade
A vontade do que quer que seja
Em tormentosa ou silenciosa tempestade
De quem quer que não queira ser, não seja.

Guio-me pelo dano que não quero causar
Pela certeza de que construir é edificar
Pelo desejo de alcançar
O estado de fecundar, vivificar.

Insuflar alentada vida activa acontecida
Tecer lavrado cavado ninho
Inspirar ardente, aromática essência sentida
Eleger nascido, gerado caminho.

Pois vibro pelo meu passo
Do que em mim acendo
Do que em mim construo e faço
No regaço do que sou **sendo.**



Fotografia: Gonçalo Martins

A pedido do Autor, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

RESISTENTIA POETICA

A RECUSA DO HÁBITO

DANIELA
ROSA

Acordar cedo?

Prefiro não
mas o dia passa sem medo
E o sol cai no chão

Comer saudável?

Prefiro não
A culpa é da genética,
não é amável
e gosto tanto de pão

Fazer exercício?

Prefiro não
É tão mais fácil o vício
De ler ou ver televisão

Planejar o meu dia?

Prefiro não
Gosto de ir ao sabor da maré vazia
E chapinhar com uma mão

Ser disciplinado?

Prefiro não
Na verdade sou obstinado
E a disciplina é travão

Continuar a procrastinar?

Prefiro não
Mas é tão mais fácil queixar-me
E deixar a vida passar em vão

Morrer?

Prefiro não
Então começar a viver
Talvez seja boa **opção.**



Fotografia: Gonçalo Martins

RESISTENTIA POETICA

A TÚNICA

JOSÉ
MENDES

A túnica, de tão brilhante,
faz piscar os olhos.
A seda, perfumada e doce,
calou a sala por um instante.
A história interrompe-se.
Apenas os vermelhos vivos
se riem descarados
dos verdes, esquecidos da sua identidade.
Os amarelos, esbatidos pelo tempo, observam.
Todos desfilam, à vez,
por paredes e escaparates silenciosos,
ao ritmo caleidoscópico
tornado lento por tantas voltas.
Tolhida por segredos e enredos,
a chave do futuro perdeu a memória:
não sabe se há-de rodar
para a esquerda,
ou para a direita.
Um crânio, com repas cor de terra pisada
esváido de juízo, decide ir pensar
dentro do triângulo rectângulo,
junto à casa de Pitágoras,
em Siracusa.
Descobre que já não sabe de que lado fica
a soma do quadrado dos catetos e,
muito menos, a hipotenusa.



Fotografia: José Mendes

A história recomeça numa nova canção
com palavras que joram dos versos coloridos
de um diapositivo.
A música salta das espiras escurecidas de um
disco empenado de vinil.
Unidas, embalam o sono em sobressalto
de um homem com muita idade,
que a todos diz estar bem.
Uma criança arrojada,
ignora o não que lhe gritam,
enquanto decide se deve voar dos muros
da cidade que lhe serve de ninho.
Enquanto isso, a túnica brilhante,
continua a alimentar a ilusão,
no seu rodopio **caleidoscópico**.

ÚLTIMO FÔLEGO

LÚCIA
MENDES

Juntos, o dia passa em vibrações,
que desaparecem num segundo e
desconfiamos do tempo.

Mas, quando cai a noite, estamos sós,
em blocos unidos com coisas sem nome,
parede do último fôlego
barreira sem alinhamento,
sem pinturas em janelas enclausuradas.

Acumulam-se as agitações.

Aceleramos o processo, a luta,
para que o tempo não nos fuja,
como aquela memória perdida,
que insiste em ser vida,
mesmo quando já sepultada.

Resgatam-se os cheiros, o som dos ribeiros.

Urge deixar semente num mundo ausente.

Quebram-se os vidros, as promessas,
Mas não as marcas na palma da mão,
a mesma que mastiga palavras
em folhas mais rasuradas:
esperam às portas fechadas.

Mais tarde ou mais cedo,
uma brecha
deixará
passar
a
luz.



Fotografia: Gonçalo Martins

Escolhi fazer assim, mas os despojos ficaram.

Preferia não ter dito, mas escolhi dizer.

Escolhi que não acabasse,
quando até desejava recomeçar.

Em que futuros nos cabem os sorrisos?

Que parte de matéria nos retorna às mãos?

Mostramos o nosso melhor,
mas escondemos partículas
e, se somos feitos de átomos
que juntos não fazem um todo,
em que vazio encaixamos nós?

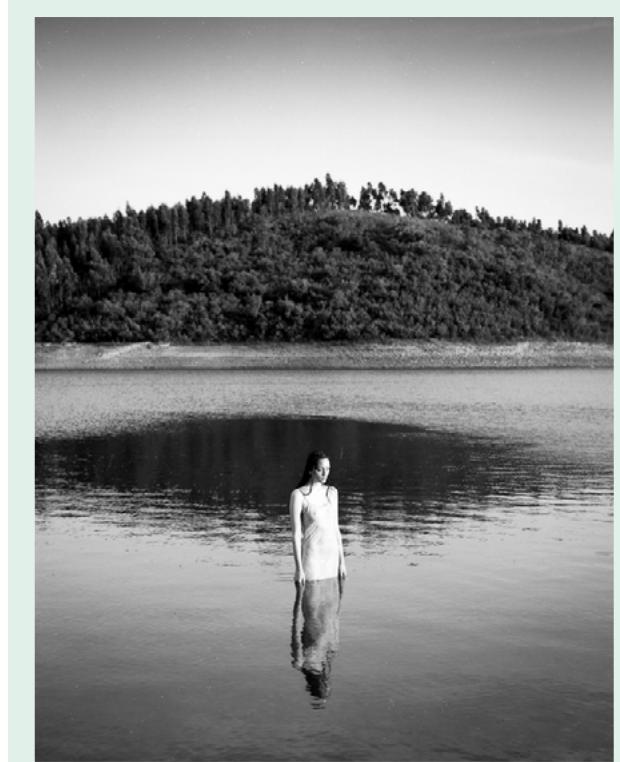
Porque às vezes
escolho ser pão ázimo,
outras prefiro ficar assente na terra,
ser raiz, quase vento,
num raio de transparência.

Prefiro o chão e a imperfeição,
a asa quebrada, o corpo despido,
o não saber o que ser
em vez de ter a altura nos bicos dos pés,
na fome de aparecer primeiro.

Prefiro ser sede, mesmo sem saber como a matar.

E se um dia me julgarem à beira da água,
que depois me reconheçam na madrugada,
com a certeza de que o mundo, às vezes,
muitas vezes,
se esquece de parar
apenas para

r e s p i r a r .



Fotografia: Gonçalo Martins

RESISTENTIA POETICA

DESBASTANDO O POEMA

MARIA
LUÍSA

A palavra espraia-se

Pela semiótica poética

O poema fica em estágio didáctico

Sem perder de vista a chave léxica

A mão segura o fio-de-prumo

Averigua o ângulo do vocábulo

A linha da estrofe

Burilada, lenta e em vértice rumo ao infinito.

Na derradeira semântica, ainda visível a olho nu,

O Inventor de Lágrimas segura

A sintaxe junto ao Cálice de dor oculta

E numa última imersão renova o verbo até

À hora em que Deus o pegou pela **cintura**.



Fotografia: Gonçalo Martins

RESISTENTIA POETICA

NAUFRAGO

MARIA
SILVÉRIA MÁRTIRES

Ah humanidade, tão vil e solitária tu és!

Onde tens a complacência e benignidade
Se no teu caminhar há tormentas e marés?
Levam-te para a morte sem dó nem piedade.

Preferia não saber, e ignorar da vida todo o mal.
És um templo em ruínas onde só ecoa a solidão,
Como um naufrago a socobrar que vai dando sinal
E morre à sede e à fome em tristeza e indignação.

Assombro, surpresa, dizem ou será só revelação
Este comportamento antissocial que revela exclusão?
Modo diferente de agir, de pensar, pode ser autismo,
Um olhar sempre ausente caminhando para o abismo.

Melancolia aguda, diferente dos valores da filantropia
Onde a solidariedade, o bem-estar, e até a felicidade
Caminham mãos dadas em direção à dignidade e alegria
E deixam na alma e no coração, a esperança e a saudade.

Ignorar a dor de nada adianta, vamos todos nós lutar
Suplicando a Deus para que haja mais amor no mundo.
Para viver em paz e tranquilidade é preciso acreditar
Lançando sementes de amor e que este seja **fecundo.**



Fotografia: Gonçalo Martins

SALTANDO DO PARÊNTESIS

SINGULARIDADES DE UMA BOLA DE SABÃO

ANALITA
ALVES DOS SANTOS



Apesar do título desta crónica, escrevo sobre a importância das bolas de sabão, no plural. Não de uma bola de sabão em particular, porque, tal como nós, uma bola de sabão não nasce, cresce e existe sozinha.

Eis uma temática que deveria exigir interesse mundial. Mas a verdade é que pouco se diz ou escreve sobre essas esferas frágeis e etéreas que, por capricho do destino, têm o poder de atrair a nossa atenção e desviar-nos dos trilhos da seriedade.

Quando foi a última vez que sentiu o poder das bolas de sabão? Libertou o feitiço ao rodar a tampa do frasco translúcido no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio? Apenas após agitá-lo energeticamente, óbvio. Depois, pegou na tampa com a pequena varinha revestida por uma fina camada de sabão líquido, e as gotículas que repousavam, abriram o portal para outro universo? De um sopro, de pulmões cheios, libertou esferas deslizantes de tons perfumados de rosa, azul, verde e dourado, dançantes ao som de uma melodia imperceptível. Pura magia. Deveriam ensinar-se nas escolas os fundamentos essenciais da arte das bolas de sabão, assim como do amor, através de masterclasses e uma sebenta multidisciplinar, sem esquecer a ciência de aprender como

pensa uma mulher, como cantam os Quatro e Meia. Conhece a filosofia intemporal das bolas de sabão? Passo a explicar. Quanto ao amor, lamento, mas não tenho competências suficientes para ministrar esses conhecimentos. Continuo em processo de aprendizagem. Duvido, aliás, que alguém possua tal especialidade. E chocamos num dualismo ao estilo cartesiano. Como aprender algo, se ninguém nos pode ensinar? A experiência é a madre das coisas, já dizia Duarte Pacheco Pereira.

Imagine, se conseguir, um mundo onde todas as preocupações e dilemas se assemelhassem a estas pequenas maravilhas translúcidas. Como seria fácil (e até divertido) resolvemos os problemas com um simples sopro, vendo-os flutuar e desaparecer no ar, enquanto as ansiedades desvaneciam como vapor no horizonte. Oh, despreocupado e leve seria o nosso fado.

Como esferas brilhantes, habitamos uma existência fugaz. Somos um bafo mortal, reflexo das cores do arco-íris, sob o mesmo astro que desidrata, fragmenta e dissolve no ar esperanças coloridas. E o *carpe diem* prevalece. Mas não se deixe levar pelo romantismo do transitório.

Imagine, agora, um mundo governado por bolas de sabão, onde as decisões políticas, económicas e sociais são ditadas por Bóreas. Um mundo onde a fragilidade de tais efémeras criaturas coloca em causa a solidez e a consistência das estruturas seria absurdo, incoerente. É verdade que a beleza reside na transitoriedade das coisas. Mas viver uma lição constante sobre a impermanência? Não. As mudanças que a vida nos proporciona bastam-nos, juntamente com os imprevistos. O vazio, a solidão e a ilusão do amor, das intimidades simuladas, de corpos partilhados, mas onde as mentes e os corações não intervêm no processo. As conversas vazias que não enchem o copo para um brinde. A vaidade exibida nos murais virtuais, mais frágeis do que bolas de sabão. Tudo isto já é muito, e já nos adormece.

A dita filosofia das bolas de sabão impele-nos a permanecer despertos, a encontrar um sentido na brevidade, a valorizar o momento e a nutrir o sentimento de pertença. Apesar de efémeras, as experiências vividas são únicas, preciosas. A vida é um presente a celebrar, mesmo frágil e incerta como uma bola de sabão. E, quem sabe, no meio dessa volatilidade, poderemos encontrar algo duradouro. Talvez o amor? Preferia que não.

«Quando foi a última vez que sentiu o poder das bolas de sabão? Libertou o feitiço ao rodar a tampa do frasco translúcido no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio? Apenas após agitá-lo energeticamente, óbvio.»

SALTANDO DO PARÊNTESIS

TRÊS LETRAS

INÊS
PINTO

«A infelicidade esconde-se
na sombra.»

A frase da obra "Bartleby, O Escrivão" de Herman Melville guia-me durante dias numa reflexão profunda e cuja conclusão não só me leva à contradição do sumo que dela bebemos, mas acima de tudo do quão importantes são os opositos na vida.

O escrivão, caráter introvertido e misterioso, recusava-se a cumprir qualquer ordem, simples ou complexa. Sem dúvida um homem com coragem, certo? Quantos de nós temos o poder de afirmar, com os dedos dos pés fincados (mais difícil de confirmar durante o inverno), que se não desejamos, não o fazemos ou se não o lembramos, não o vivemos? A tendência permanente de se acreditar na força das "três letras" é insuportável, essa palavra bajuladora do medo. Ou talvez seja o seu oposto: completamente aceitável.

Fecho o livro e dirijo-me às escadas que dão para a rua. Apetece-me usufruir da noite sem o chamamento da espreguiçadeira, recém-inquilina da varanda. Deitada tenho dificuldades em impedir que os



pensamentos se escapem num ressonar leve e justo. Costas direitas, joelhos a amparar o queixo. Elevo os olhos e passo além da testa enrugada, na tentativa de esvaziar o pensamento e admirar os flashes estrelares que impõem a sua presença. Terá o dia inveja da noite, questiono-me. O mundo vive, respira, mesmo quando a sombra nos encontra. Ou será a noite sedenta da vivacidade do dia? Por alguns segundos, o piar da coruja, companhia noturna, distrai-me da reflexão. Com o dedo indicador afago a mecha de cabelo atrás da orelha. Sinto que mais uma onda pretérita se prepara para beijar as orlas do meu presente. Afinal, prefiro o sim rechonchudo, ou desejo que o advérbio de negação de "três letras" seja espadada, escudo da batalha que travo com o passado? Durante a nossa existência são tantas as emoções que sangram, dão à luz, nos empurram e nos fazem aprender. Porquê resistir ao que não desejamos relembrar? Agarro no comando da vontade e forço-me a recordar algo que, apesar do sofrimento, da angústia, da revolta, prefiro sim! E é nesse instante que a comichão subtil na nuca me arrasta ao encontro da minha criança de sete anos. Rio-me da ironia.

Regressar à infância, tempo mítico de um perene reinado: «Quero este brinquedo!» Resposta: Palavra de "três letras"; «Batesto no teu amigo; isso "três letras" se faz". Como me pode isto mostrar que desejo o sim, que quis e quero aceitar algo que a normalidade o subjetiva de oposto?

Iço três dedos para acalmar a impressão no cocuruto. E, de repente, lembro-me. Na segunda classe, recebemos amigos novos. Entre eles, uma rapariga escanzelada, anormalmente alta e de olhar baço. Descobri nesse dia que, além de ser nova colega da escola, vivia no prédio paralelo ao meu. A pele mais escura, as unhas infestadas de espigões e o dedo grande do pé a cumprimentar fora das sabrinas deixaram-me intrigada. Nas primeiras semanas, espiei-a no recreio: sempre sozinha, sentada no lancete da colina terrosa que rodeava as traseiras da escola. Chamei-a para as brincadeiras; recebia sempre um encolher de ombros. Na sala, a professora não lhe arrancava uma palavra. Tudo isto aguçou a minha curiosidade, característica natural, sem devolução, e, em conversa com uma das minhas melhores amigas, descobri que a professora a proibira de se juntar a nós. Revoltada, pedi justificações e a resposta "tem piolhos" foi dos argumentos mais absurdos que já ouvi. Em pouco tempo, recebi o mesmo recado punitivo. Hoje teria acrescentado uma resposta à professora, do género sarcástica, como "prefiro não".

Uma pausa, leitores, para que saciem a impressão que possam começar a sentir quando se ouve ou lê a referência a estas criaturas. Falar de piolhos faz-nos sentir humanos, não é assim? Como gostava de vos apreciar também. Continuemos.

Dirigi-me à rapariga e sentei-me ao seu lado. Não me recordo do que falámos, mas foi com convicção que esfreguei a minha cabeça na dela e, mais tarde, pedi à professora para partilhar a mesa dela. Era altura de ter os meus piolhos de estimação e ensinar uma lição às amigas de sempre.

Antecipam o que aconteceu, mas contarei para que não se perca a essência desta crónica. Assim que a minha mãe se apercebeu, já não era coleção, tornara-se numa "piolhocultura" cujos efeitos colaterais se revelaram dolorosos: desde besuntar o cabelo com azeite e colocar um saco plástico para asfixiar a piolhada, até ao champô, vindo do Porto (anos oitenta difíceis!), com um cheiro tão sem palavras (coloquei uma mola de madeira no nariz). Finalmente o culminar em feridas por toda a cabeça que levaram à decisão derradeira: um corte à rapaz. Apesar do sofrimento (amava os meus cabelos compridos), valeu a escolha. A Catarina, já não a miúda escanzelada, passou pelo mesmo processo e isso fortaleceu a nossa amizade e, por consequência, o elogio à minha atitude levou a que o resto das amigas tentassem, em alguma altura, arranjar piolhos de estimação.

São gargalhadas, o som que se espalha no silêncio noturno. Se ignorasse a emoção, talvez eu desejasse não ter experienciado a tortura cabeluda; no entanto, seria desprezar a humanidade que me leva hoje a transformar os significados que as experiências menos agradáveis nos ensinam. Por isso, a todo um passado telhudo eu brindo com "prefiro sim".

**«Terá o dia inveja
da noite, questiono-
-me. O mundo vive,
respira, mesmo
quando a sombra
nos encontra.
Ou será a noite
sedenta da
vivacidade
do dia?»**

SALTANDO DO PARÊNTESIS

DOS OVOS

PATRÍCIA
LAMEIDA

Em deambulações em torno do conceito "não" (no contexto do mote para este número da PALAVRAR), dei com a mente engatada numa recordação que se tornou recorrente: a icónica cena dos ovos (protagonizada por Júlia Roberts). Compreendo que a associação de ideias seja forçada para todos os que não passaram pela década de noventa com um coração adolescente no peito, pelo que passo a explicar.

Viviam-se anos de idealismo e branqueamento da realidade e as comédias românticas eram sucessos de venda instantânea. Nomes como Meg Ryan, Tom Hanks, Júlia Roberts e Richard Gere aceleravam emoções e preenchiam salas de cinema. Foram também os anos da minha adolescência. Arquivo esta época como sofrida, numa nota agriadoce, tocando-me ao sentimento o drama, qualquer que fosse o palco, real ou espalmado num ecrã.

Foi arrancada desta época a memória dos ovos, que inspira este texto. Com ela veio a vontade de rever o filme "Noiva em Fuga", que percebi saber de cor, desde conjuntos de falas à banda sonora, até aos famosos ovos. Estes interpõem-se entre namoricos disfarçados de discórdia, quando o Richard (depois de viverem tanto tempo comigo, posso tratar os favoritos pelo primeiro nome) pergunta a Júlia de que forma prefere os seus ovos. Pode parecer inocente, mas para uma personagem que muda a sua eleição à velocidade com que troca de companheiro, foi a pergunta mais profunda de todo o filme. E Júlia não sabe responder.

Com a letra de "Blue Eyes Blue", sussurrada pela voz de Eric Clapton, a servir de banda sonora a esta dissertação, pergunto-me, tal como se perguntou Júlia, o que sei eu sobre ovos favoritos? A minha filha mais velha gosta deles mexidos, o rapaz prefere perfeitamente cozidos. Para a

bebé, qualquer coisa cozinhada é bem-vinda e o marido adora o conceito do "ovo perfeito" do Blumenthal. E eu? Enquanto choco uma resposta, ocorrem-me imagens de inocência. Eu gostava de ovos estrelados, de bordas queimadas e gema líquida, saídos da frigideira materna para cima de um pedaço de pão torrado pelo gás. Agora, não sei se serão esses os ovos prediletos. São os ovos da minha juventude, mas desde então experimentei muitas e diferentes formas de cozinhar clara e gema. Coloridas são as imagens que me ocorrem quando exploro esta questão entre os arquivos da memória: a banalidade suave de uma omelete saboreada num hotel em férias; a nota salgada associada à substância camuflada numa tortilha sob o sol de Barcelona; o toque ácido de um ovo recheado enquanto se trocam cusquices num qualquer coquetel; o prazer quase infantil de misturá-los com batata frita quando aprecio uns deliciosos ovos rotos, acompanhados por uma cerveja gelada e uma conversa mais brejeira; a sensação de conforto e sólida tradição que um ovo escocês comanda em quem o saboreia; a delicada complexidade que o paladar experimenta com um benedict; e o que dizer de uns delicio-



sos revueltos, que despertam recordações de Sevilha antes da sesta, sempre com uma doce sangria ao alcance.

Nenhuma das recordações invocada esclarece o dilema em causa, e assim chego ao ponto que me atormenta — e que nem a melodia do Eric consegue serenar — de que forma prefiro os meus ovos? Tal como a confusa Júlia, não sei responder. A solução encenada na película com um banquete de variedades não me parece reproduzível (a Júlia teria uma capoeira, com certeza, pois não seria barato o experimento), pelo que me preparam para carregar a questão comigo.

Nasce da banalidade uma quase aventura: ver o alimento oval sob uma nova perspetiva, descobrir a cada ovo testado parte da solução para o enigma, apreciar a jornada de descoberta até encontrar a resposta... de que ovos gosto? E de que ovos não gosto? Afinal, viver é tudo menos monotonia.

«Nasce da banalidade uma quase aventura: ver o alimento oval sob uma nova perspetiva, descobrir a cada ovo testado parte da solução para o enigma, apreciar a jornada de descoberta até encontrar a resposta»

DA PALAVRA À FORÇA

O QUE EU (NÃO) QUERO

JÚLIA
DOMINGUES

A liberdade de dizer não.

Há dias, em jeito de balanço, em conversa com uma amiga, fazíamos uma breve retrospectiva à cerca do estado das nossas vidas. Sim, é isso que as (melhores) amigas fazem, falam de tudo em geral e de nada em particular. Nesse dia, indagávamos à cerca do ponto em que nos encontrávamos, os desafios que já havíamos superado para chegar até aqui e do que precisaríamos de reajustar para levarmos a bom porto o que ainda almejamos alcançar. Curiosamente, a primeira conclusão a que chegámos foi que o que nos *trama*, na maior parte das vezes, são as expectativas que criamos sobre coisas e pessoas.

Desde muito cedo, que nos habituámos (ou que nos habituaram) a saber sem hesitações o que queremos para a nossa vida. Aos seis anos inundam-nos com perguntas sobre o que vamos ser quando formos grandes; aos doze responsabilizam-nos por já sermos uns *homenzinhos* e umas *mulherzinhas*; aos vinte e três quase nos obrigam a distribuir dezenas de currículos sobre as nossas valências e *Skills* — que muitas vezes nem sabemos quais são — e aos trinta, se ainda não estivermos de casamento marcado, adquirimos o rótulo de «encalhados».

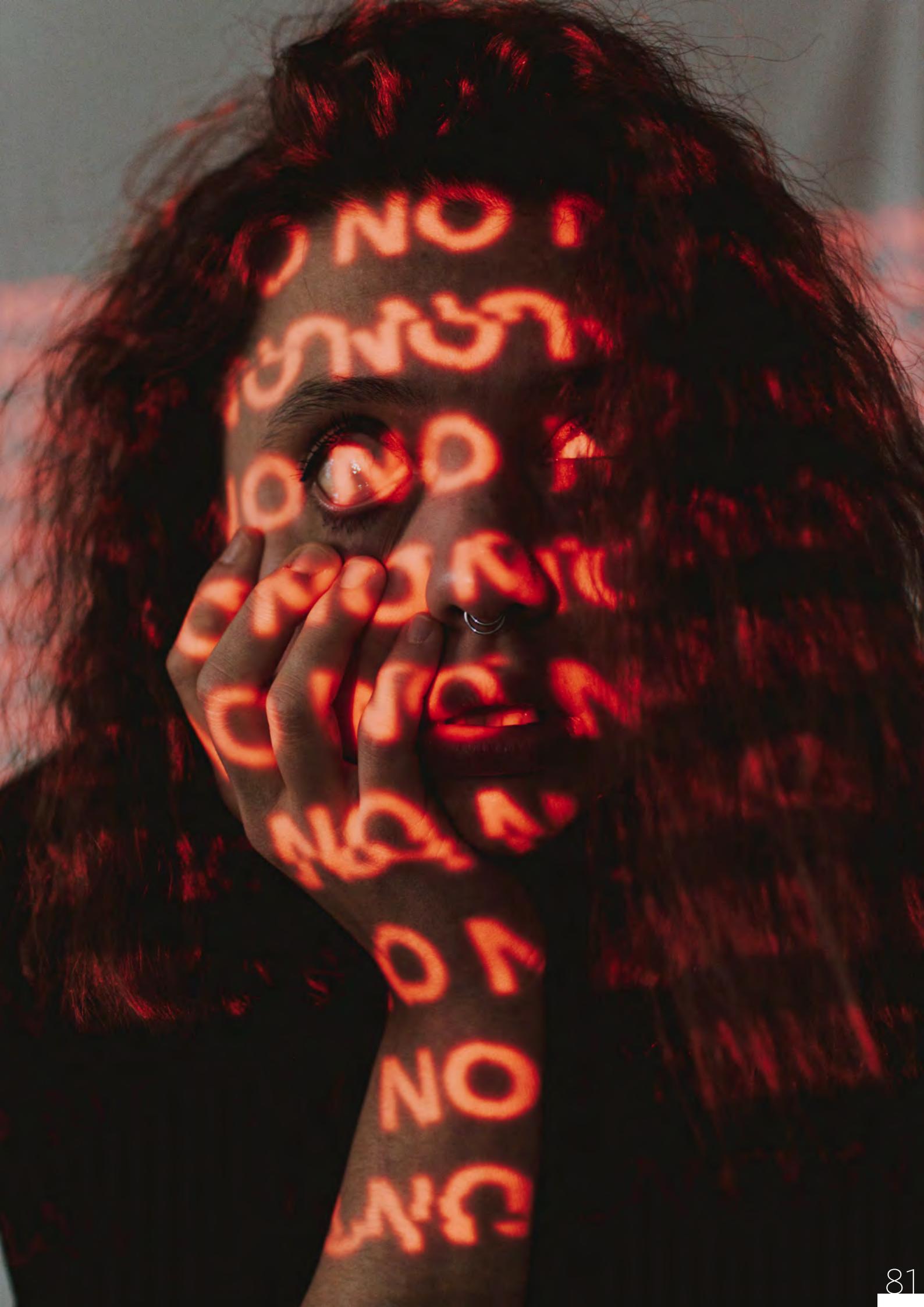
Fomos formatados para saber o que queremos, quando, na verdade, com o decorrer do tempo, constatamos que, mais importante do que saber o que almejamos para a vida, é ter a certeza do que (e de quem) não queremos que faça parte dela. Não devemos permanecer com o que (e quem) nos traz sofrimento, com o que não nos acrescenta. Antes, devemos deixar para trás quem nos trata como uma opção e não como prioridade. Tudo isto não pode continuar a decidir a forma como vamos ser (in)felizes.

Não pretendo com isto dizer que tenhamos de andar de mão dada com os «nãos da vida», até porque, diz-nos a

neurociência, um dos problemas mais comuns que enfrentamos é concentrarmo-nos nos desejos e ambições de forma negativa, em vez de forma positiva. Ouvimos constantemente afirmações como: "Não quero ser gordo", "não quero ser pobre", "não quero ser infeliz", não quero ser isto, não quero ser aquilo, não, não, não! Mas, sem dúvida, o que devemos fazer é dar ordens ao nosso subconsciente – é ele que cria as condições para que os nossos pensamentos se concretizem – baseando-nos em conceitos positivos: "Eu sou saudável", "Eu tenho prosperidade financeira", "Eu sou feliz", eu sou e não o que eu ainda não sou (mas queria muito ser).

Quando falo nesta liberdade de aprender a dizer não, nesta convicção que brota cá de dentro de não termos de aceitar tudo e todos na nossa vida, de saber que o que muitas vezes aceitamos nem sempre é igual ao que merecemos, é com a certeza de que, depois de tudo o que já vivemos, chegou a hora de deixar entrar (e ficar) apenas o que merecemos. Encontra o poder dentro de ti e toma decisões alinhadas com os teus valores e objetivos. Deixemos de lado as expectativas impostas e criemos um caminho cheio de esperança e autoconfiança.

Quem vive para agradar os outros, nunca chega a agradar a si mesmo.



TOGETHER FOREVER

ANA
PINHEIRO

Quando menos se espera, o amor bate à porta e transporta-nos, com ele, para uma outra dimensão. A dimensão do mais belo e nobre sentimento. O sentimento impulsionador de outros. Que tão bem nos faz (e nos traz).

O suave arrulhar da respiração quente ao seu lado traz-lhe, agora, a docura das palavras dele, repetidas tantas vezes, transportando-a nas ávidas lembranças do tempo, em que, sobre as suas cabeças, o teto diferia.

A chuva que se faz anunciar leva-a às memórias dos dias em que a inocência se assinalava nos sorrisos do olhar. Transformando-a, de novo, na "pintainha", como carinhosamente, a alcunhava. Digamos que a esta singela alçanha se pode atribuir um duplo sentido. De facto, naquele início de novo milénio, ela não passava de uma pintainha. Homem feito, não se deixou abalar quando, naquele dia, o seu sorriso irradiou a frescura do olhar dela. Na simplicidade das suas meias palavras, descobriu um coração puro. Disposto a amar. A precisar de ser amado.

Desde aquela tarde, ela não mais voltou a ser a mesma. Ele também não. As marcas que lhe deixou, povoaram-lhe os sonhos mais profundos. A sua resistência deu-lhe luta. O seu medo desbravou-lhe o caminho. Assaz corajosa como nunca, dispôs-se a tudo, por amor dele. Do homem que a arrancou à adolescência aborrecida, em que gastava dias sem interesse.

Camilo Castelo Branco, no seu "Amor de Perdição", falou "do amor da mulher aos quinze anos, como paixão perigosa, única e inflexível; ... uma brincadeira: a última manifestação do amor às bonecas...". Tal como Teresa de Albuquerque também ela amou, "e com mais seriedade do que a usual nos seus anos". Verdadeira, forte,

discreta e cautelosamente. Sem provocar suspeitas ao redor. Nas famílias, sobretudo.

Naquele fim de tarde, como raposa matreira, conseguiu ir ao encontro dele. Na escuridão que envolveu os lábios sequiosos, escutaram abraçados os fragmentos do que lhes pareceu *one more time, celebration, tonight, one more time, we're gonna celebrate*. Mais tarde, descobriram a canção completa, na voz dos *Daft Punk*, eleitos como a batida dos seus corações. Padrinhos do romance mistério, pejado de desejo, emoção e adrenalina.

Nos anos em que se esconderam do mundo, mais se descobriam um ao outro. As areias de praias desertas foram testemunhas de passeios à beira mar, em fins de tarde outonais. As aulas, simples recantos de encontros fugazes. Os cafés da vila, palco de suaves olhares expressivos, quando as condicionantes a mais não permitiam. Discretos toques de mãos arrepiavam-lhe a nuca, toldando-lhe os sentidos.

Nunca se vergaram. Nem mesmo quando lágrimas amargas insistiam em corroê-los. Nem mesmo quando as dificuldades em estarem juntos os obrigavam a derrubar obstáculos. Nem mesmo quando as evasivas já não serviam para disfarçar a paixão. Nem mesmo quando

todas as evidências apontavam na direção certeira do amor crescente.

A cada dia, a vontade de estarem juntos era sufocante. Ainda que os riscos que corriam fossem superiores ao benefício dos desejos. Sofreram. Fizeram a travessia do deserto, envoltos num oásis de amor. Mas, desde aquela tarde de um janeiro mais ensolarado que o habitual, (assumiu que) desistir (dele) não era opção (para ela). Três anos. Três anos de um amor sustido apenas na certeza do bem maior. Sonhos traçados. Planos assumidos. A espera pela maioridade. A dela. Que, afinal, não veio acompanhada da liberdade para amar. Nova espera, aflitiva. Confortada somente nos braços quentes que se sustinham.

Acompanhada da coragem que, ainda hoje, não esperava ter, veio a resposta que tanto aguardava. "A cama que ela fizer, é a cama onde ela se vai deitar", foram as palavras com que o pai lhe cortou as amarras da escuridão. Sim, podiam sair juntos, às vistas claras, sem medos nem fantasmas. Sem esconderijos nem subterfúgios.

A jovem estudante, trabalhadora, esforçada, determinada, teimosa (como um raio), que um dia se apaixonou pelo homem maduro, com uma vida estabilizada, um tanto ou quanto "certinho", cumpridor, trabalhador, honesto, lutou. Contra furacões e tempestades, más línguas e fofociques. Seguiu, escutando apenas o seu coração.

Ele, mais cauteloso, lutou com ela, no seu jeito tímido, sem forçar barreiras, sem saltar etapas, sem duvidar da força da paixão dela, por mais inconstantes e efémeras que as paixões possam ser na adolescência rebelde.

Ela agitou os dias dele.

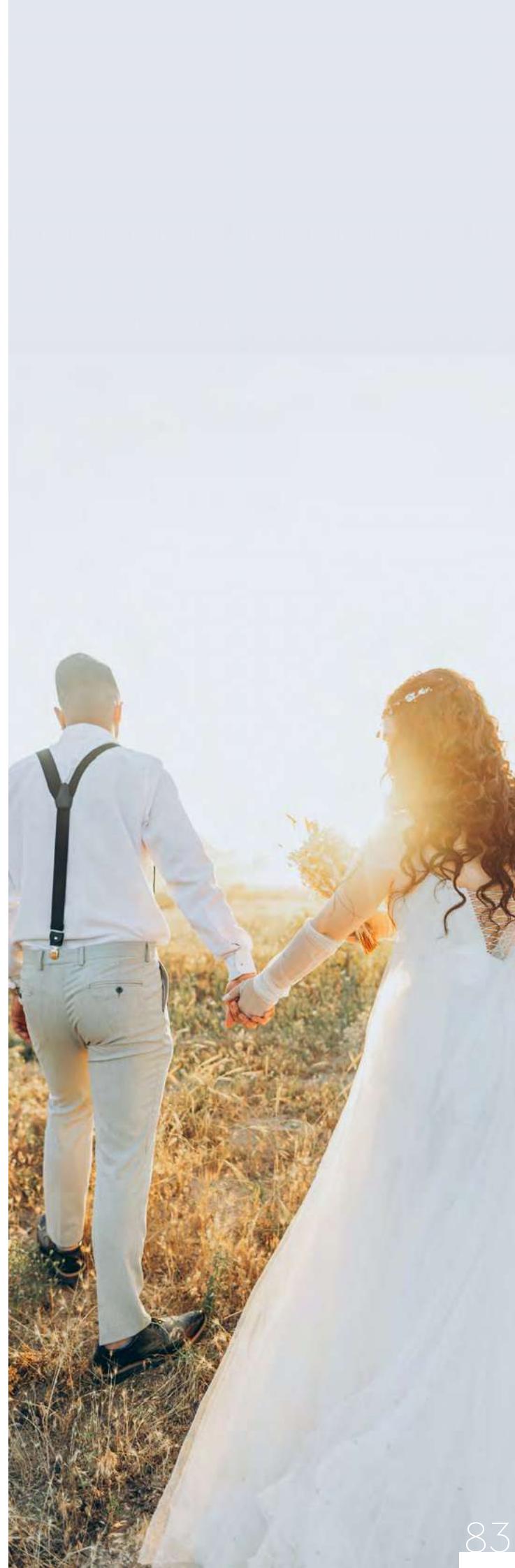
Ele acalmou as tempestades nos dias dela.

Ela agarrou-lhe o coração.

Ele segurou-a pela mão.

Hoje, dentro de paredes, onde o pensamento a leva à recordação, está tudo o que mais quer. No quarto contíguo, os filhos sonham tranquilos. Ele, ao seu lado, dorme sereno. Só ela se perde nas raízes do tempo, lembrando o caminho sinuoso que os trouxe até aqui. E juntos, ainda hoje, aperfeiçoam todos os dias a sua fortaleza, cercados da vontade de nunca a deixar ruir. Porque desde 2001 que preferiram trazer consigo as palavras que sempre os encorajaram.

Porque desde 2001 que preferiram lutar pelo *together forever!*



DA PALAVRA À FORÇA

OS PORQUÊS SEM RESPOSTA

ISA
BENTO

Deixei de ter confiança.

— Deixaste de ter confiança? Em quê?

— Deixei de ter confiança em mim.

Quantas vezes desistimos de projetos e sonhos por falta de autoconfiança? A crença limitante "não sou capaz" não é inata, não nasce connosco. Durante o nosso desenvolvimento, o que nos vão dizendo ou fazendo sentir ecoa interiormente e afeta as nossas vidas.

Muitas vezes sentimos que estamos parados ou que, quando avançamos um passo, recuamos dois. Não temos consciência, sentimo-nos presos e perguntamos porquê, mas as respostas brincam às escondidas com a nossa mente.

Sem percebermos, existem muitos traumas de desenvolvimento que nos paralisam e congelam.

Estamos vivos? Sim. Uma vida mascarada de alegria fingida ou de uma perplexidade sem sentido.

— Deixei de ter confiança em mim.

Esta frase pode ter sido dita por muitas pessoas, ou talvez tenha sido inventada. Como gostava que fosse uma fantasia nunca vivida, dita ou pensada.

Quem mencionou esta frase? Foi dita de verdade?

— Deixei de ter confiança em mim.

É bem real e sentida. Há pouco tempo, foi-me referida por uma criança de nove anos. Quando tentei fazer sentido ao que me dissera, olhou para mim com os olhitos arregalados, não disse nada e disse tudo.

As palavras têm um grande impacto nas crianças, em especial quando são das figuras de referência. Podemos fazer a diferença na vida das pessoas e, em particular, na vida das crianças, com um elogio sincero, um abraço caloroso, um sorriso contagiante.

As vidas transformam outras vidas, basta amar incondicionalmente. Somos humanos, dignos de respeito e somos todos vulneráveis.

Um dia aquela criança poderá dizer:

— Eu tenho confiança em mim.

A mudança poderemos ser nós. Nunca deixe de mostrar às crianças o quanto são valiosas. Todas têm talentos e, muitas vezes, tesouros escondidos à espera de serem descobertos.

— Eu tenho confiança em ti. Tu és única e especial.

**YOU
GOT
THIS**

LER PARA SABER DIZER NÃO

MARGARIDA
CONSTANTINO

A literatura, como a vida, está cheia de metáforas e histórias inspiradoras. Há personagens que nos ensinam a coragem de afirmar as nossas convicções. A célebre frase "Prefiro não" da personagem Mr. Bartleby, de Herman Melville, é um bom exemplo. O seu contraponto na literatura portuguesa, na minha opinião, é o Sr. José, personagem central da obra *Todos os Nomes*, de José Saramago. Os dois homens são escriturários, aparentemente sem família nem objetivos. Vivem numa monótona repetição de rotinas. Apesar das semelhanças, são personagens inspiradoras por motivos opostos: enquanto José se defende da rotina com um passatempo, Bartleby deixa-se levar pelo hábito até ao desespero.

José mora num apartamento contíguo à conservatória, onde é funcionário; não perde tempo entre o trabalho e o período de descanso, que utiliza como escape, e que o vai transportar para uma nova dimensão em busca do seu prazer. Bartleby quebra a fronteira entre o trabalho repetitivo e o vazio da sua vida privada ao tomar a decisão de deixar a sua casa para ir morar, clandestino, no escritório, com vista para uma parede branca. Esta parede é a representação dos seus objetivos; é através dela que se esconde do exterior e é para ela que olha quando recusa as ordens de trabalho. Ele precisa desta parede branca, tem esse direito. Viver para apenas estar vivo é um desejo tão válido como o sonho de alcançar metas olímpicas. Por seu turno José procura conhecer insignificâncias sobre gente célebre, vive para encontrar um fio condutor que une os pontos no caos. Preenche a sua solidão em busca de pormenores irrelevantes sobre outras pessoas, vivas ou mortas. Nessa indagação sem sentido, acaba por encontrar um interesse pelo qual lutar. A recusa de Bartleby é pelo direito de apenas ser. "Prefiro não", é uma frase de resistência passiva à rotina. Bartleby é corajoso, mostra a

responsabilidade de seguir contra a corrente, não hesita em assumir a sua opinião. Estas duas personagens ensinam que é tão válido procurar ativamente como recusar com passividade. Ambas as atitudes exigem o conhecimento de si próprio e a coragem de defender o seu ponto de vista. Todos temos o direito de ser quem queremos. E a coragem, temos? Quantas vezes nos encontramos presos em situações que não desejamos nem escolhemos? Quantas vezes acedemos ao sim, só para não desapontar os outros? Dar preferência ao não, é sermos fiéis a nós próprios, não ceder a convenções e viver de acordo com os nossos valores. Como diria outro nome grande da literatura, José Régio, "*não sei por onde vou, sei que não vou por aí*". Podemos ainda não ter uma ideia acabada do que queremos, mas sabemos que há princípios invioláveis. Quando passamos a respeitar quem é diferente de nós, a perceber que somos todos únicos, então estamos a caminhar em direção à nossa felicidade. Quando assumimos as nossas diferenças e o lugar que queremos ter na família, no grupo, na sociedade, respeitamo-nos. Exprimir a nossa singularidade é um direito do qual nos esquecemos ou temos medo. O conhecimento profundo de nós e a autoaceitação, com todas as qualidades e os defeitos que temos, servem para nos dar a confiança de sermos, mesmo contra corrente.

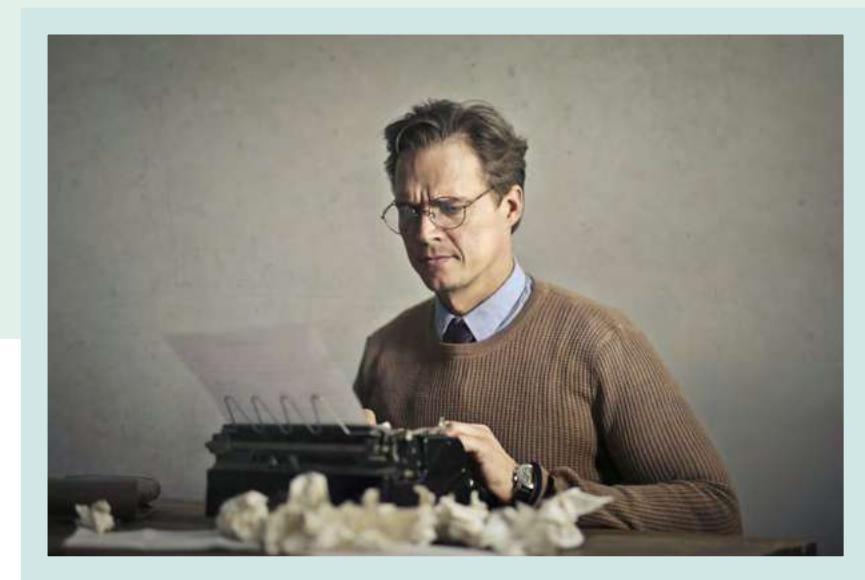


A FALTA

DAVID
ROQUE

Em Monchique, na Casa das Palavras, ouvi José Carlos Barros, vencedor do Prémio Leya – 2021, relatar que a escrita lhe era dolorosa, sobretudo a prosa, mas também que lhe era imprescindível. A arte é assim mesmo, seja a ficção escrita, a pintura a óleo, ou a escultura de mármore, toda ela é uma entrega do artista, do criador, do fazedor, que é impulsivado por algo que não consegue descrever completamente.

Não me cabe (nem sei) descrever os processos psico-sociológicos que animam o criador para a criação, sendo certo que têm algo de misterioso e inenarrável, mas também um lado racional e passível de análise. Há uma falta, um sentido de vazio a preencher dentro do escritor, é certo, nesse momento nasce o desejo de supressão da lacuna, objetivo que só pode ser alcançado com a escrita. É inevitável. O problema maior desta dialética é a frustração que os mais impacientes podem sentir por não conseguirem suprimir de imediato o vazio, por ambicionarem criar de imediato a grande obra que os saciará para todo o sempre. É como pretender acabar com a sensação de fome através de uma refeição panta-gruélida, capaz de preencher o corpo com satisfação sempiterna. O valioso



conselho a dar é o clássico aristotélico, a via do meio, o bom senso, ou seja, a medida equilibrada das coisas.

Que o escritor preencha o buraco anímico através da escrita como arte processual, evolutiva: textos pequenos, textos médios, textos grandes, pensamentos e elucubrações, exíguos quadros, retrato de personagens, esboços de personalidades, descrições de cenários e paisagens, expressão de emoções, diálogos... Em cada insignificante trabalho, em cada exercício didático de autoaprendizagem, o obreiro treina o paladar, percebe melhor as misturas, comprehende os fracassos e imperfeições, antevê as suas forças e fraquezas e, subtilmente, cresce de acordo com a sua inclinação, digamos, natural. O que nunca pode acontecer é a procrastinação, a preguiça, o adiamento, a ausência de trabalho criativo, porque o vazio atrai o nada, ao passo que a energia da criação atrai mais fogo e mais invenção. No íntimo, acredito que o ato de criar, numa sociedade em que o Homem-máquina se impõe desde os alvores do capitalismo industrial até ao tempo presente da inteligência artificial, é sempre uma religião ao gesto divino e primordial.

Não é preciso reler Marx para compreender como é doentia e alienante a separação entre pessoa e o produto do seu trabalho. Todo o verdadeiro ato criativo é significante porque demonstra o poder espiritual e vivificante do artesão de letras, mas também significativo, pois preenche o autor de pleno sentido existencial, tornando aquilo, mesmo que tortuoso, em algo prazeroso, no final.

Preencher a fome de escrever é assistir a uma necessidade, mas, sobretudo, é um fator de prazer.

**«Que o escritor
preencha o buraco
anímico através da
escrita como arte
processual, evolutiva:
textos pequenos,
textos médios, textos
grandes, pensamentos
e elucubrações, exíguos
quadros, retrato de
personagens, esboços
de personalidades,
descrições de cenários e
paisagens, expressão de
emoções, diálogos...»**



A LÍNGUA PORTUGUESA E A ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

MARCO
NEVES

Uma estranha carta

Um dia, uma amiga chegou-se ao pé de mim com uma carta da Segurança Social na mão — era dirigida ao pai dela e nenhum deles tinha conseguido perceber o que estava lá escrito.

Peguei na carta. Li o texto. Reli o texto. Sentei-me. Usei régua, esquadro, binóculos, microscópio, martelo e britadeira. Do texto não saiu nada.

Depois de descansar um pouco, lá percebi que o pai dela devia contactar a pessoa que lhe escrevera a carta para resolver o estranho caso dum crédito perdido. Mas de quem seria o crédito? O pai dela ia pagar? Ia receber? Ia ser enviado para a Sibéria? Estive quase a chamar a polícia para deslindar o mistério.

Bem, exagero um pouco. Não demorámos assim tanto tempo a perceber o que dizia o texto: em menos de noventa minutos, lá compreendemos a carta.

O que se passa aqui? O problema será meu e da minha amiga?

Não descarto a hipótese, mas também deixo aqui esta ideia.

É bem provável que o funcionário que escreveu a carta estivesse com muito boa vontade a tentar explicar algo que é difícil e, no fim, tivesse ficado convencido de que tudo aquilo estava claríssimo — afinal, está habituado àquele vocabulário, àquelas expressões, àquele estilo a que podemos chamar *administrês* (as linguagens de todas as profissões parecem sempre um pouco estranhas para quem está de fora). Só que acabou por não conseguir o que queria. Os seus leitores de ocasião — o cidadão

a quem se dirigia a carta, a sua filha e o amigo da filha — não perceberam nada. E não perceberam nada porque não estavam por dentro daqueles procedimentos e não conheciam toda a legislação nem os passos habituais para resolver aquele problema.

Tudo o que sabemos — e os outros não

Esta dificuldade em perceber que os outros podem não saber o mesmo que nós chama-se «maldição do conhecimento». Todos sofremos disto. Basta pensar na forma confusa (que a nós nos parece clara) como damos indicações na rua a quem nos pede: esquecemo-nos sempre de alguma rotunda, porque para nós é claro que devemos seguir em frente — mas não é para a pessoa que ali passa pela primeira vez.

Na prática, aquele funcionário da Segurança Social supôs que todos os portugueses conhecem bem o intrincado funcionamento do sistema. Não é bem assim — pelo menos no que toca a todas as complexidades desse sistema. Quem lá trabalha vai assumir que certas expressões são claras e que certas regras e procedi-

mentos são óbvios — quando não o são. Não quero generalizar. Também já li bons textos escritos por funcionários da Segurança Social e tenho a sensação de que há um esforço cada vez maior para tornar os textos mais claros. Como em todas as áreas, há quem escreva mal e há muitos que se preocupam em escrever de forma clara e directa. Depois, há outro aspecto a considerar: por mais cuidado que tenhamos, haverá sempre alguém que não percebe — ou não quer perceber — o que escrevemos. E há ainda isto: mesmo quem escreve de forma clara habitualmente acaba sempre por escrever mal esta ou aquela carta.

Dito isto, vale a pena perder tempo a melhorar o uso do português na relação entre o Estado e os cidadãos. Estão em causa as vidas de todos nós e um texto claro e funcional pode fazer a diferença entre alguém que resolve o seu problema em duas horas — ou passa meses a tentar perceber como foi possível não ter enviado as informações solicitadas em relação ao processo em epígrafe de acordo com o modelo estabelecido na portaria relevante.

Uma questão de estilo

Não estou a falar de gralhas ou de expressões que enervam esta ou aquela pessoa. Estou a falar de estilo: neste caso, dum estilo que se quer claro e útil — ora, conseguir afinar o português para comunicar bem é das tarefas mais difíceis neste mundo da língua. Mas é isto que significa escrever bem: fazer o que queremos com a língua. Neste caso, o que queremos é que o cidadão resolva o seu problema.

Não me vou pôr aqui a debitar conselhos, que não é para isso que serve esta crónica. Mas deixo apenas um: podemos testar os textos tendo em conta a quem se dirigem. Às vezes, basta mostrar o documento a alguém que não trabalhe no nosso departamento. Até pode ser a um avô ou a um amigo — ou seja, alguém que não tenha obrigação profissional de perceber o que ali está escrito. Haverá questões de confidencialidade a ter em conta, sei-o bem — mas esta sugestão aplica-se a modelos

de textos e não a uma carta em particular. (Já agora, aqui fica outra ideia: abusar do espaço em branco, dividir o texto em parágrafos, criar listas com pontos ou números... Tudo isto para explicar o que se passa e o que deve o cidadão fazer com aquela informação.)

«Esta dificuldade em perceber que os outros podem não saber o mesmo que nós chama-se «maldição do conhecimento». Todos sofremos disto. Basta pensar na forma confusa (que a nós nos parece clara) como damos indicações na rua a quem nos pede: esquecemos-nos sempre de alguma rotunda, porque para nós é claro que devemos seguir em frente.»

Língua de tribunal

Haverá quem diga: o ideal é educar todos para compreender tudo. Ora, claro! Aliás, diria mais: devemos educar todos para compreender tudo e educar todos para explicar tudo.

Enfim, enquanto não damos a todos os cidadãos a capacidade de interpretar todos os textos, independentemente da forma como estão escritos, podemos sempre tentar melho-

rar a vida de todos criando textos mais claros. O que não podemos exigir é que seja necessário tirar um curso de Direito para compreender uma comunicação que nos é dirigida pelos serviços do Estado.

Muitos dos textos do Estado parecem escritos para proteger o próprio Estado de eventuais reclamações e processos, o que se comprehende. Mas, ao lado das referências às leis e portarias e tudo o mais, os cidadãos precisam de informação clara e instruções para resolver seja que problema for. Não há nada mais intimidante do que levar com língua de tribunal quando se abre uma carta do Estado.

Perder tempo para ganhar tempo

«Mas a verdade é esta: um cidadão que abre uma carta das Finanças ou da Segurança Social fica sempre intimidado — e encontrar um texto que não percebe é remédio santo para uma noite muito mal dormida.»

Imagino que um funcionário da Segurança Social me diga: mas onde é que vou arranjar tempo para pensar nestas coisas? Infelizmente, não tenho solução para a falta de tempo. Mas a verdade é esta: um cidadão que abre uma carta das Finanças ou da Segurança Social fica sempre intimidado — e encontrar um texto que não percebe é remédio santo para uma noite muito mal dormida. Depois, o que o cidadão quer é resolver o problema de forma rápida e prática — o que é bom para todos, a começar pelo funcionário que o vai atender no dia seguinte. É daqueles exemplos que mostram como escrever melhor ajuda a ganhar tempo e a viver melhor.

O estilo do português da administração pública é um assunto pouco agradável. Mas arrisco dizer que pensar em formas de afinar esse mesmo estilo é uma oportunidade de melhorar a vida de todos nós — a começar pelo funcionário que tem de escrever cartas aos cidadãos e não quer passar duas horas ao telefone a explicar o que já explicou.



MESTRES DA RENÚNCIA

JOÃO
VENTURA

■ ■ Escrever poesia depois de Auschwitz é bárbaro", afirmou

Adorno. E Paul Celan, que viveu em carne viva a experiência do extermínio, num poema dedicado a Hölderlin, e que é uma elegia à própria linguagem, repetiu até à laceração de si mesmo, até ao emudecimento total, a mesma promessa angustiante: "Se viesse, / se viesse um homem / se viesse um homem ao mundo, hoje, com / a barba de luz dos / patriarcas: só poderia, / se falasse deste tempo, só / poderia balbuciar, balbuciar / sempre sempre / só só" ("Pallaksch, Pallaksch", in *Sete rosas mais tarde*). Caídos no torvelinho da impotência, num tempo de silêncio e destruição, a que Hannah Arendt chamou a "banalidade do mal", escritores houve que sucumbiram à derrocada da razão e da linguagem, calando a sua fala, negando-se a escrever, abraçando o silêncio depois de antes terem proferido palavras que anunciam a promessa de novas palavras. Como se fosse um rio que de repente tivesse secado, deixando apenas no leito pedregoso a nostalgia do que nunca mais será dito. Como se escrever, acrescentar semântica à desordem do mundo, mais não fizesse do que aumentar a catástrofe.

Hoffmansthal abriu o vertiginoso século XX mostrando o seu próprio desconcerto face à impossibilidade da comunicação através da escrita, prometendo na sua *Carta de Lord Chandos*, em 1902, nunca mais escrever. Kafka alude, depois, à impossibilidade da literatura, sobretudo nos Diários.

A experiência de impotência e renúncia, desencanto e ocultação é sucessivamente reiterada ao longo do século XX por escritores bloqueados, traumatizados, emudecidos diante da anormalidade do mundo: Robert Walser, Robert Musil, Kafka, Henri Roth... Tal como antes sucedera com Joseph Joubert e Hölderlin. E com Rimbaud cuja insensata santidade o levou a pronunciar o mais belo manifesto de vida: "sobretudo fumar, beber licores fortes

como o metal fundido" ("Mau sangue", in *Uma cerveja no inferno*) e, com uma singular precocidade, escrever toda a sua obra até aos dezanove anos, para, depois, partir para a aventura abissínia.

A interrupção da escrita, o silêncio, a renúncia de existir como autor, eis o que rastreia Enrique Vila-Matas em *Bartleby & Companhia*, uma espécie de catálogo de instantes fulgurantes dessa "pulsão negativa ou atração pelo nada que faz com que certos criadores (...) renunciem à escrita (...) e fiquem, um dia, literalmente paralisados para sempre", ilustrando a ideia já estabelecida por Barthes, Foucault ou Agamben, do "desaparecimento do sujeito" e "morte do autor" como ato produtivo necessário para a efetivação da obra.

Tendo como base Bartleby, o escriturário – o personagem do conto de Herman Melville — que, quando alguém pretendia encarregá-lo de

alguma tarefa, respondia invariavelmente que "preferia não o fazer" ("I would prefer not to") — espécie formulação não exaltante da negatividade moderna —, Vila-Matas oferece-nos um caderno de notas de pé de página, ou "notas sem texto" como ele lhes chama, sobre a síndrome de Bartleby, esse "mal endémico das letras contemporâneas". Uma espécie de fresco onde se respira um humor shandiano cuja principal virtude, no que a mim me toca, é a de avivar-me a

memória e o desejo de seguir no rasto de Rimbaud, Walser, Roth que fazem parte da genealogia literária de Vila-Matas. A mesma que inspira a filologia do inútil de que é feita esta minha tentativa de não fracassar na escrita desta nota de rodapé.

Entretanto, se alguém quiser aprofundar o significado da renúncia bartlebiana ao absoluto vazio da razão e da vontade, sugiro que acrescente à leitura do livro de Vila-Matas, a leitura do ensaio de Giorgio Agamben, *Bartleby, escrita da potência*, onde o filósofo italiano discorre sobre niilismo precoce do escrivão de Melville.



PALAVRA DE LEITOR

BARTLEBY DE HERMAN MELVILLE

HELENA
CRUZ VENTURA

A paz está onde nos sentimos verdadeiros aos nossos olhos, mesmo que às vezes só aconteça quando traímos o que julgámos ser toda uma vida. Tara Westover cresceu a preparar-se para o Fim dos Tempos. Nunca havia posto os pés numa escola.

Pediram-me que escrevesse este texto, mas preferia não o fazer. O meu cérebro preferia não o fazer. Não sei bem explicar, e vão vocês pensar: «Mas como assim, preferia? Se neste mundo pouca gente prefere, de onde lhe chega a vontade de contrariar a maré, a corrente, a torrente.» Vocês pensam bonito, estou a ver. «Não há nada que irrite mais uma pessoa enérgica do que a resistência passiva.»

Do acto de não fazer vem o espaço para ser?

Não fazer por oposição aos que fazem, é isso ser diferente? É a diferença incómoda, mais, insuportável, a quem se quer enquadrar e ser legitimador da normalidade? E, numa sociedade capitalista, a tranquilidade na certeza inquieta?



PENGUIN CLÁSSICOS

HERMAN MELVILLE

BARTLEBY, O ESCRIVÃO

«Olhei-o com firmeza. O seu semblante mantinha-se tranquilo; os olhos, cinzentos e calmos. Nem uma ruga de inquietação, cólera, de impaciência ou impertinência; por outras palavras, tivesse havido alguma coisa de ordinariamente humano nele, sem dúvida que eu logo o teria despedido sem qualquer contemplação.»

Que espírito, isto de não haver comandante sem comandado, de não se sentir superior quem não esteja perante um inferiorizado.

«E mais do que qualquer outra coisa, recordava-me de um certo ar, inconsciente, de pálida — como lhe hei-de chamar? —, de pálida altivez, digamos uma austera reserva a seu respeito, que positivamente me atemorizava (...)»

Será a inércia ou a diferença uma manifestação da liberdade de ser, ou é Bartleby apenas teimoso, preguiçoso, desrespeitoso? «Tanta pergunta retórica», pensam vocês. É um facto. Mas se posso, porque não? «Lá está ela outra vez. Alguém que a pare, que isto já começa a parecer pouco cortês.» Vocês até pensam em rima, estou a ver.

E quem decide as respostas a todas estas perguntas? Quem escreve ou quem lê? Pois é, agora é que vos apanhei. Descalcem lá esta bota, se vos aprouver. No que toca a quem responde, eu não vou ser, porque preferia não o fazer.

E não sei o que esperam de mim, vocês que me lêem, se é que esperam algo, mas preferia que não o fizessem. Só não me peçam para escrever para lerem o livro, porque preferia não o fazer.

«Se neste mundo pouca gente prefere, de onde lhe chega a vontade de contrariar a maré, a corrente, a torrente.»

Vocês pensam bonito, estou a ver.»

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

TEMPORADA DE FURACÕES

MÁRIO
RUFINO

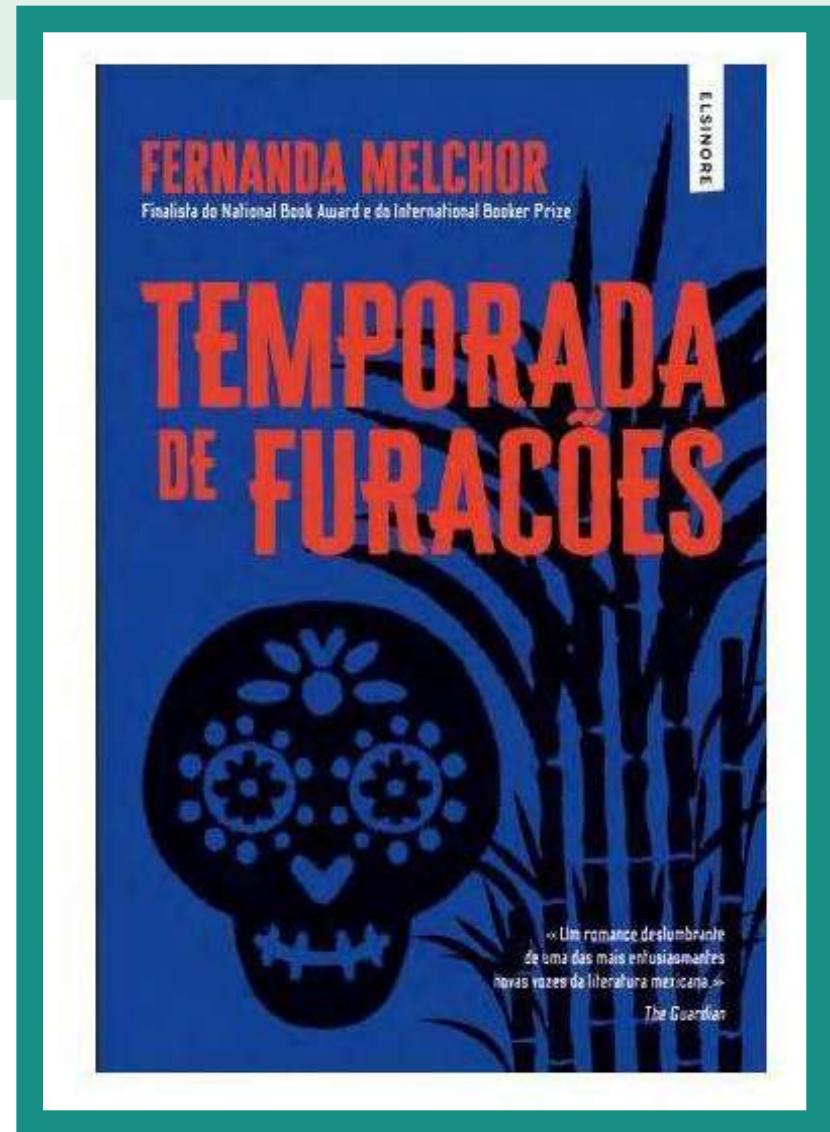
Fúria na ponta dos dedos e um ranger de dentes afiam a prosa de Fernanda Melchor (Veracruz, México) até o leitor a sentir como unhas a raspar num vidro.

São 214 páginas de violência física e emocional num panóptico composto pelas perspectivas dos pontos de foco da narradora.

Em página alguma, o leitor se sente confortado e confortável. A torrente de agressividade não lho permite. Tudo cheira a miséria e nada ilumina a saída.

"Temporada de Furacões" (Elsinore) leva-nos até ao limite; o espaço negro que desconfiamos ter na nossa alma emerge. Não há gesto manso que amaine tanta raiva.

Tudo começa com um fim despropósito. A bruxa morreu. Foi encontrada num canal de irrigação por um grupo de crianças. A mutilação denuncia assassinio. O que terá levado alguém a matar a bruxa?



A sua casa, temida por muitos, era local certo para consumo de drogas, esconjurados e abortos. À bruxa, odiada e temida, chegavam os rejeitados. Ela dava-lhes o que precisavam, no entanto sabia que pouco lhe seria oferecido troca. Ideias nebulosas afastavam-na da sociedade, e a sociedade criava mitos sobre o seu comportamento. E foram esses mitos que fomentaram a cobiça que a mataria. As vozes de rapazes envolvidos num grupo disfuncional

são vertidas neste narrador (ou narradora) que destila os seus pensamentos e ações. A caracterização pessoal e dinâmica social vão sendo desvendadas, uma a uma, até ao clímax. Ficamos a perceber o quanto a violência é parte de cada um. O abuso sexual é uma forma mais de violência, e a escritora não se inibe de descrições sem eufemismos. A destreza narrativa permite-lhe saltar de voz em voz sem nunca perder a sua. Sabemos de quem fala, mas também ouvimos o seu timbre, maneirismos e idiolecto. É uma das grandes conquistas de Melchor, esta, a de miscigenar voz narrativa com as ideias dos personagens, sem perder nem retirar ao avatar a sua identidade.

"Temporada de Furacões" aproveita a elasticidade própria do romance; a narrativa policial parece dominar a estrutura e o estilo, mas depressa é contrariada com diversas digressões que denunciam feminicídio, zoofilia, violações e religião em La Matosa, localidade mexicana esquecida por Deus.

Neste ermo varrido por tempestades, tanto metafóricas como reais, a escritora mexicana aproveita a ficção para contar — se seguirmos as palavras de Jorge Ibarguenoitia na epígrafe —, factos reais através de personagens fictícias. E de realidade está a narrativa prenhe. Melchor não é subtil; ela passa como um *bulldozer* e deixa nas frases toda a violência exposta pelos vocábulos mais interditos.

Se o leitor quer o coração quentinho e de bem com a vida, não entre por esta porta. Aqui não há esperança. No entanto, encontrará uma escritora muito segura, com propósito, e capaz de lhe revolver as entranhas.

O multipremiado «Temporada de Furacões» é uma *masterclass* de como se pode narrar uma história. Marca a ferro e fogo a qualidade de uma escritora que, apesar de nascida em 1982, já escreve como um mestre do ofício.

«A sua casa, temida por muitos, era local certo para consumo de drogas, esconjuros e abortos. À bruxa, odiada e temida, chegavam os rejeitados. Ela dava-lhes o que precisavam, no entanto sabia que pouco lhe seria oferecido troca. Ideias nebulosas afastavam-na da sociedade, e a sociedade criava mitos sobre o seu comportamento. E foram esses mitos que fomentaram a cobiça que a mataria.»

O DIÁLOGO DA SERPENTE

PORVENTURA

CORREIA

Um jornalista está habituado a fazer perguntas, mas às vezes encontramos quem nos conduz por diálogos esdrúxulos. É verdade que, quando me sentei no bar, não estava com a minha aparência humana, porque, como é de praxe, no Mundo Contrário os feitiços que iludem a aparência desvanecem-se. Cada um é aquilo que é. E eu sou apenas um pé-de-cabra, um fauno, para dar travo de erudição. Mas estava a contar.... Sentei-me ao balcão de um bar, em Açnagarb, a cidade no avesso de Bragança, onde fazia uma reportagem sobre enchidos de carne regionais. Sentou-se uma sujeita desconhecida a meu lado, uma serpente verduga. Umas das espécies que se mantêm neutrais em relação à guerra milenar entre a Velha das Fitas Vermelhas e a Gancha. Sempre que posso, desço ao Mundo Contrário para obter informações sobre os movimentos dos esquálidos mantas e dos seus senhores malignos.

- Sou como tu – afirmou peremptória.
- Como eu, como? Eu sou um pé-de-cabra.

- Nada disso, também tenho um feitiço de ilusão que me faz passar por humana. Sei quem és no outro mundo.

As lentes de escama de narval permitem ver a figura por trás do ludíbrio de um feitiço, mas não têm competência para fazer o contrário, que é olhar para um ser do mundo obscuro e adivinhar que figura humana pode ele ter. Assim, fiquei sem resposta... e sem saber muito bem quem era a criatura e o que me queria.

- Vamos dizer que trabalho num cargo do governo e já consegui identificar um manta ligado aos serviços secretos – prosseguiu, supondo uma relação de confidencialidade a que eu, como jornalista, me obrigava. – Tome, estes apontamentos ser-lhe-ão úteis, são fruto de três anos de olhares atentos. Também eu procuro proteger a República das figuras sinistras que manipulam nas sombras e que desejam o fim da humanidade.

- Os dois mundos podem coexistir – respondi, pouco convicto.

- Os dois mundos têm de existir em paralelo, porque se alimentam mutuamente. Nem toda a oposição é verdadeiramente oposta. Há mais segredos que posso e que não posso partilhar, mas garanto-lhe que você tem uma missão importante neste jogo.

- Sou um mero jornalista.

- É o veículo da espada que cairá sobre a cabeça dos pantanosos mantas. Eles não podem ser revela-

dos aos humanos, porém, o desvio e lavagem de dinheiros públicos operado a partir do ministro das finanças pode ser denunciado. Se bem provado, o próprio escândalo fará ruir o projeto.

- Não será para logo.

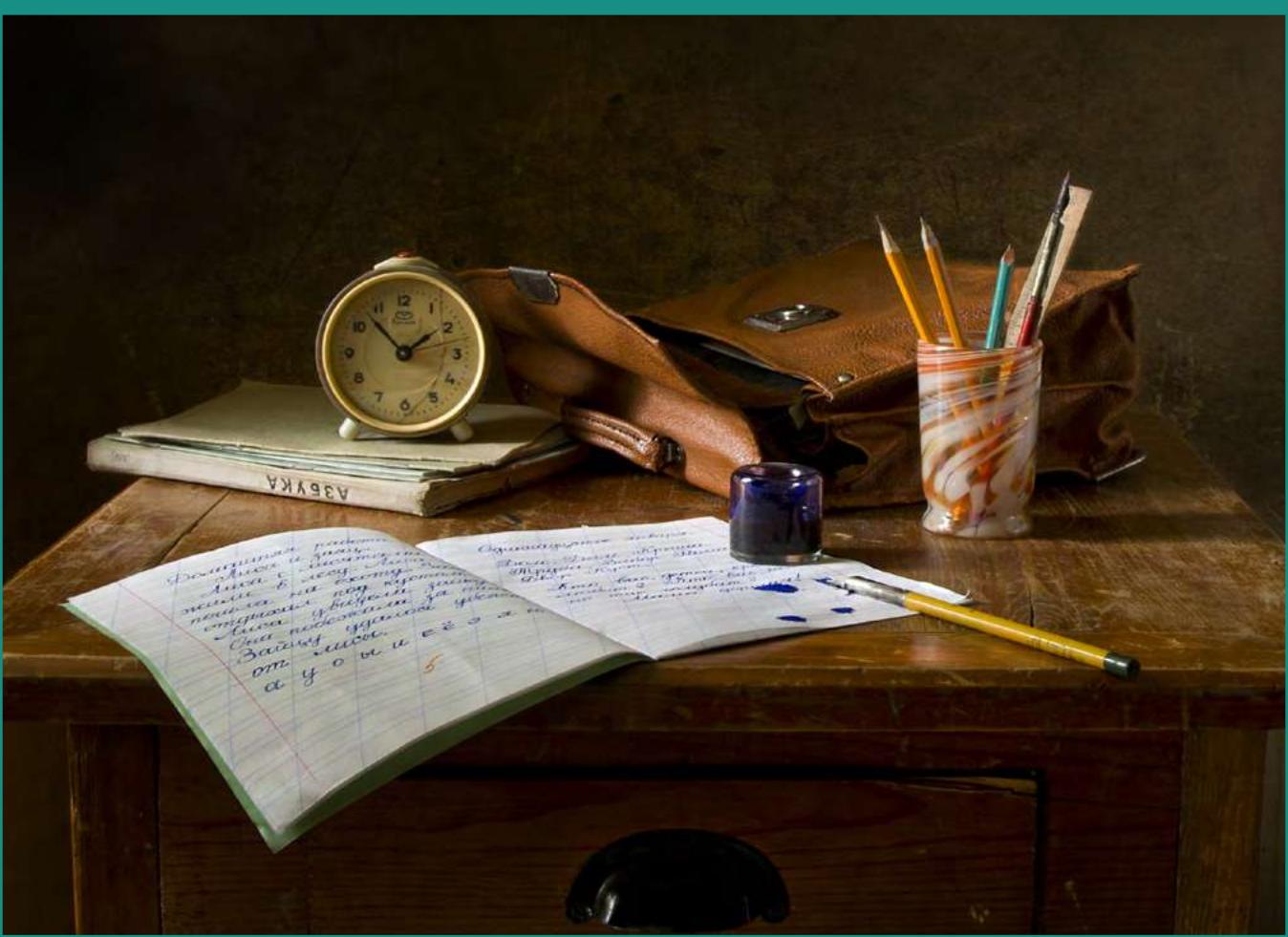
- O tempo é um bem precioso, mais do que pode imaginar. As serpentes verdugas

podem sobreviver três centenas de anos, mais do triplo de um pé-de-cabra, e eu poderia ficar a assistir de bancada à luta insidiosa da Gancha contra a Velha das Fitas Vermelhas e os humanos, mas temo que o perigo seja grande demais para a indulgência... Acabe de beber essa cerveja de musgo e saia do Mundo Contrário, os meus olhos não são os únicos que o observam. Cuidado.



PREFERIA QUE NÃO ME FALTASSEM AS PALAVRAS QUANDO PRECISO DELAS

LÉNIA
RUFINO



Preferia não enfrentar a página vazia, demasiado ar entre as palavras, demasiado tempo entre os pensamentos. Preferia que não me faltasse a ironia nem a audácia. Que o que escrevo fosse sempre transparente e reflexo de quem sou, mesmo quando escre-

vo sobre coisas feias, mesmo quando escrevo a morte e a solidão de que não padeço. Preferia que os meus dias se fizessem só de livros, os meus e os dos outros, e que, nos intervalos do que escrevo, pudesse gastar o tempo a domar as ideias que tenho sobre o que ainda quero

escrever. Preferia que não me faltassem anos de lucidez e de serenidade, dois ingredientes essenciais à minha escrita. Preferia que não me limitassem, que não me cortassem as asas, que não me impedissem de ser só porque sou mulher, portuguesa e escritora. Preferia que me lessem sem soubessem quem sou, a obra independente do autor, a obra para além do autor, porque o que escrevo é muito mais do que o que sou (e vice-versa). Preferia que os anos que me falta viver fossem vividos perto do mar, as tempestades a rasgar silêncios, o nascer do sol na minha boca diariamente. É possível que sonhe mais do que concretizo, mas há coisas que não têm preço e a minha liberdade é uma delas.

Preferia que não me levassem demasiado a sério e que entendessem que, por vezes, estou só a preencher silêncios, como quem tem medo dos monstros que lhe habitam a mente. Preferia que não me julgassem antes do tempo. E que me fosse sempre possível existir inteira nas palavras, nas ideias e nos momentos.

Preferia que me recordassem pelo que deixei escrito, pelos instantes de fuga que as minhas histórias possam ter trazido a quem quer que as tenha lido. Preferia que não me fosse silenciada a voz, que não me fosse recusado o espaço, que não me fosse tolhida a imaginação. Preferia que pudesse viver sempre assim, com palavras a surgirem dentro de mim. Preferia que nunca me faltasse o ar, nem o tempo, nem a dimensão.

Preferia. E prefiro. Sempre, sempre, sempre escrever.

«**Preferia que
não me levassem
demasiado a sério e
que entendessem que,
por vezes, estou só a
preencher silêncios,
como quem tem medo
dos monstros que
lhe habitam a mente.**

**Preferia que não me
julgassem antes do
tempo. E que me fosse
sempre possível existir
inteira nas palavras,
nas ideias e nos
momentos.»**

MANDAR TUDO À FAVA!

SANDRA
BARÃO NOBRE

Trabalho há 27 anos. São 27 anos que incluem, creio, tudo aquilo que os vossos anos de trabalho incluem, sejam eles em maior ou menor número do que os meus: fases de certeza, claro propósito e júbilo; períodos de confusão, questionamento e inferno; e uma robusta maioria de dias corriqueiros, imemoráveis, que contribuem para uma sensação de conformidade porque, afinal, trabalhar é o que se espera de todos nós.

Foi muito cedo, com certeza numa dessas fases que não deixam rastro — porque as outras não abonam muito a favor da lucidez — que percebi que o mundo tantas vezes sórdido do trabalho pode suplantar a genialidade dos Monty Python, de Ricky Gervais ou dos Gatos Fedorentos quando parodiaram o desempenho de uma profissão, sobretudo se esta implicar estar fechado num escritório, especiar face a um computador horas a fio, aturar hierarquias, atender o público (que não, não tem sempre razão!) ou fazer de conta que se trabalha em equipa. Perdi a conta às vezes que me vi embrulhada em episódios para além de absurdos, cenas que espoletaram galhadas primeiro, crises existenciais depois e um par de feridas que ainda

me assaltam o sono sob a forma de pesadelos. Neles, em vez de dar asas à minha vontade de gritar "Prefiro não o fazer!", vontade tantas vezes reprimida estando deserta, limito-me a percorrer um labirinto feito de escritórios com janelas para o escuro e corredores pintados de preto e cinzento que desembocam numa máquina de café junto à qual me deixo cair e choro até acordar.

Perante este estado de coisas, os livros — com as suas histórias reais ou ficcionadas, os seus factos históricos, os seus ensaios, as suas instigantes questões éticas e os inúmeros portais para outras possibilidades de ser e de trabalhar — foram-me indispensáveis: o objecto propriamente dito, apertado entre as mãos, serviu de fio de terra e de fio de prumo; as narrativas foram às vezes escudo, outras escape; a identificação com os personagens ou com os argumentos dos autores proporcionou respostas, discernimento, alívio e coragem.

Quando pude metamorfosear o "Prefiro não o fazer", de Bartleby¹, num ponto final, quando iniciei o meu processo de purga (até ver com mais sucesso do que o personagem de Melville), não conhecia todos os contornos da história daquele escrivão que vejo como inspirador nos seus hábitos de consumo espartanos (de facto, um dos segredos para não se precisar de trabalhar tanto é comprar menos) e paradoxal noutros aspectos da sua personalidade: opositor, assertivo e resistente por um

1) "Bartleby, o Escrivão", Herman Melville, Penguin Clássicos, 2022, ISBN 979989784632



lado, mas também desistente e, tudo indica, insano, por outro. Uma das hipóteses levantadas para justificar a sua aparente depressão prende-se com um trabalho anterior nos correios — a absurda tarefa de lidar com a correspondência devolvida por não ser possível localizar os destinatários, quiçá mortos.

Foi então que me lembrei do ensaio "On the Phenomenon of Bullshit Jobs: A Work Rant"², publicado com estrondo em 2013 pelo antropólogo David Graeber (e depois desenvolvido num volume com mais de 300 páginas, publicado em 2018 com o título "Bullshit Jobs"³). Segundo Graeber, a classe dirigente percebeu que trabalhadores produtivos, felizes e com tempo livre constituem um enorme perigo para o capitalismo, daí a necessidade de criar trabalhos, quaisquer trabalhos, até trabalhos de merda!, para manter a humanidade afastada dessa purulência que é o ócio. Isso não impede, porém, que milhões de pessoas saibam ou

intuam estar a desempenhar tarefas desnecessárias, o que constitui uma forma de violência psicológica e está na origem de um dano moral e espiritual que nos adoece coletivamente.

Terá sido Bartleby, ali pelo ano de 1853, uma das primeiras vítimas de um trabalho de merda? Contrariamente ao escrivão, que morreu jovem, consumido pela letargia, o autor Albert Cossery, adepto da indolência e do despreendimento material, crítico da lógica produtivista dominante, viveu até aos 94 anos sempre dedicado ao lento prazer de observar, pensar e escrever muito, muito devagar. Publicou apenas oito livros, quase sempre protagonizados por personagens inteligentes, ociosos, focados na busca do prazer e que recusam o trabalho como um imperativo.

Se um dia vos apetecer mandar tudo à fava — nem que seja apenas como exercício teórico, um delírio da vossa imaginação —, o conto de Melville, o ensaio de Graeber e um romance de Cossery são as minhas sugestões biblioterapêuticas. Mas, claro, aceito que prefiram não o fazer!

2) "On the Phenomenon of Bullshit Jobs: A Work Rant", de David Graeber, em Strike Magazine, 2013: <https://www.strikemag.org/bullshit-jobs/>

3) "Trabalhos de Merda", de David Graeber, Edições 70, 2022, ISBN 9789724425320
Cairo 1913 – Paris 2008

AS NOSSAS COLETÂNEAS



O TEMPO DAS PALAVRAS COM TEMPO

Pequenas grandes histórias para ler e viver.

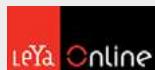
Com prefácio de James McSill

Disponível em:

EBOOK

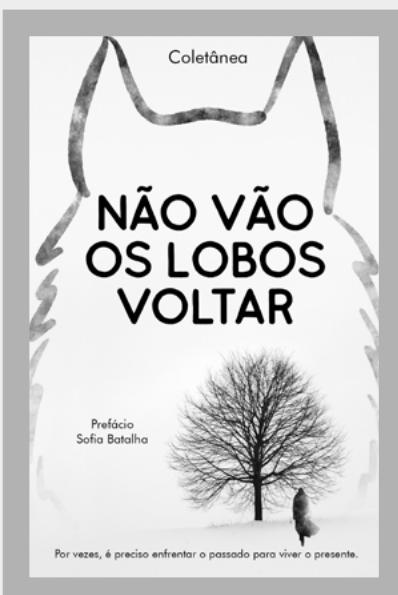


BERTRAND
LIVREIROS



LeYa Online

IMPRESSO



NÃO VÃO OS LOBOS VOLTAR

Por vezes, é preciso enfrentar o passado para viver o presente.

Com prefácio de Sofia Batalha

Disponível em:

EBOOK



BERTRAND
LIVREIROS



LeYa Online

IMPRESSO



QUE O CAMINHO NÃO NOS FUJA

Ninguém regressa igual da viagem

Com prefácio Júlia Domingues

Disponível em:

EBOOK



BERTRAND
LIVREIROS



LeYa Online

Podcast

LIVROS A TRÊS

Livros, leituras e escrita

Analita Santos

Cláudia Passarinho

Inês Pinto



DISPONÍVEL NOS PRINCIPAIS AGREGADORES DE PODCAST.



Ouça no
Google Podcasts

A SUA
REVISTA
LITERÁRIA



PALAVRAR.OPRAZERDAESCRITA.COM

Um projeto:

